

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

**CAROLINE DE CASTRO PIRES**

**EPÊNTESE CONSONANTAL EM CONTEXTO DE JUNTURA MORFÊMICA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO -ADA**

**PORTO ALEGRE**

**2016**

**CAROLINE DE CASTRO PIRES**

**EPÊNTESE CONSONANTAL EM CONTEXTO DE JUNTURA MORFÊMICA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO -ADA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa em Teoria e Análise Linguística, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Leda Bisol

**PORTO ALEGRE**

2016

**CAROLINE DE CASTRO PIRES**

**EPÊNTESE CONSONANTAL EM CONTEXTO DE JUNTURA MORFÊMICA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO -ADA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa em Teoria e Análise Linguística, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Aprovada em 11 de março de 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Leda Bisol – PUCRS

---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer – UCPel

---

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt – UFRGS

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família, meus pais, Sonia (*in memoriam*) e Sadi, meus irmãos, Leandro, Gustavo, Thayse e Stéfane, meus sobrinhos, Luize, Jonathan e Miguel, e, principalmente, à minha filha, Rafaela, pelo apoio incondicional durante toda a minha jornada.

Agradeço aos meus amigos que fizeram minha jornada valer à pena, pela amizade, apoio e companheirismo.

Agradeço à minha orientadora, Leda Bisol, por me aceitar, como sua orientanda e me encantar, a cada orientação, com sua incrível sabedoria.

Agradeço aos professores Carmen Lúcia Matzenauer e Luiz Carlos Schwindt, pelas incríveis contribuições, durante meu exame de qualificação, que permitiram desenvolver a presente dissertação.

Por fim, agradeço a todas aquelas pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para o sucesso de minha jornada.

Muito Obrigada!

## ΕΠΙΛΟΓΟ

περὶ γραμματικῆς.  
γραμματικὴ ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ συγγραφεῦσιν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων.  
μέρη δὲ αὐτῆς ἐστὶν ἕξι·  
πρῶτον ἀνάγνωσις ἐν τριβῆς κατὰ προσωιδίαν,  
δεύτερον ἐξήγησις κατὰ τοὺς ἐνυπάρχοντας ποιητικοὺς τρόπους,  
τρίτον γλωσσῶν τε καὶ ἱστοριῶν πρόχειρος ἀπόδοσις,  
τέταρτον ἐτυμολογίας εὗρεσις,  
πέμπτον ἀναλογίας ἐκλογισμός,  
ἕκτον κρίσις ποιημάτων, ὃ δὲ κάλλιστόν ἐστι πάντων τῶν ἐν τῇ τέχνῃ.  
**Διονύσιος Ὁ Θραξ**

*Sobre a gramática:*

*A Gramática é o conhecimento empírico do que se encontra, na maioria das vezes, nos poetas e nos outros escritores.*

*São seis as suas partes: a primeira, a leitura experiente de acordo com os sinais prosódicos; a segunda, a exposição dos tropos poéticos encontrados; a terceira, a pronta restituição das palavras e das histórias; a quarta, a descoberta da etimologia; a quinta, a consideração da analogia; a sexta, a crítica dos poemas, que é de todas as partes a mais bela.*

**Dionísio de Trácia**

(II a.C., sobre a gramática e suas partes, obra *Téchne Grammatiké* / Arte Gramática)

## RESUMO

Este estudo constitui uma análise morfofonológica e etimológica de palavras dicionarizadas (HOUAISS, 2009) com a terminação *-ada*, mais especificamente, observamos o contexto de junção morfêmica (base + sufixo) de palavras derivadas de base nominal, com e sem inserção consonantal, em busca de generalizações. Cabe salientar, principalmente, que esta dissertação tem por intuito discutir as palavras de base nominal que apresentam **epêntese consonantal** — mecanismo utilizado para resolver problemas estruturais de caráter silábico. Para a análise dos dados, metodologicamente, a amostra foi distribuída em três grandes grupos: (i) palavras derivadas de base nominal (divididas em temáticas e atemáticas); (ii) palavras derivadas de base verbal; e (iii) palavras com a terminação *-ada* não sufixal (composta por formações vernaculares e empréstimos). A partir disso, verificou-se que palavras derivadas de bases temáticas e atemáticas (ao que se refere à inserção de consoante regular no português) se comportam de maneira diferente, em PB: (i) palavras de bases atemáticas, na derivação, de modo geral, inserem /z/, consoante menos invasiva, que apenas resolve o problema de caráter silábico (cf. *pá* + *-ada* > *pazada*); (ii) palavras de bases temáticas inserem /r/ e neutralizam a VT da base em favor da vogal /a/ (cf. *bicho* + *-ada* > *bicharada*). Além disso, as epênteses consonantais foram caracterizadas com base nos textos utilizados como fundamentação teórica e na análise dos dados o que permitiu a identificação do contexto mais favorável para as inserções consonantais, em PB: o grupo das palavras de base atemática (20,5%, contra 2,6% das palavras de base temática). Dentro do grupo das atemáticas, o contexto mais propício é o das palavras terminadas em vogal candidata a acento (66,6%). Foi destacado, ainda, os possíveis motivos para o sistema do PB selecionar outras consoantes diferente de /z/ e /r/, com base em nossos dados, como o fato de já haver outras formas semelhantes na língua com diferente especificação semântica (cf. *livroxada* ~ *livrada*), a questão da variação (cf. *bambu* < *bambuçada* ~ *bambuçal* ~ *bambuçal*), e os casos de vestígio etimológico (cf. *paulada*). Por fim, salientou-se a necessidade de se realizar testes com falantes para se observar a produtividade de /z/ e /r/ no sistema do PB. Nossa hipótese é de /r/ está mais cristalizada na língua, e que /z/ é a consoante de inserção regular vigente, isto é, a consoante provavelmente mais aplicada por falantes do PB.

**Palavras-Chave:** Epêntese Consonantal; Sufixo *-ada*; Derivação Nominal; Teoria Lexical; Diacronia.

## ABSTRACT

This study is a morphophonological and etymology analysis of words from a dictionary (HOUAISS, 2009) with the termination *-ada*, more specifically, we observe the morphemic context (base + suffix) of word derived from nominal basis, with and without consonant insertion and we try to find generalizations. It should be noted, especially, that this dissertation is meant to discuss words with nominal bases that have **consonantal epenthesis** — a mechanism used to solve structural problems of syllabic character. For data analysis, methodologically, the sample was divided into three major groups: (i) words derived from nominal basis (divided into thematic and athematic words); (ii) words derived from verbal basis; and (iii) words with the termination *-ada* not suffixal (composed of vernacular formations and loans). From this work, it was found that words derived from thematic and athematic bases (it refers to a regular insertion in Portuguese) behave differently: (i) words with athematic bases, insert /z/, consonant less invasive, because only solves the syllabic character problem (cf. *pá + -ada > pazada*); (ii) words with thematic bases insert /r/ and neutralize the VT of base word in favor of the vowel /a/ (cf. *bicho + -ada > bicharada*). Moreover, the consonant epenthesis were characterized on the basis of texts used as theoretical foundation and the analysis of data which allowed the identification of more favorable context for the consonant inserts in PB: the athematic base words (20.5% against 2.6% of the thematic base words). Within of the athematic, the most favorable context is the words ending in a vowel candidate of accent (66.6%). Was highlighted also the possible reasons for the PB system select other consonants, different from /z/ and /r/, based on our data, like the fact there are already similar forms in the language with different semantics specification (cf. *livroxada ~ livrada*), the issue of variation (cf. *bambu < bambuçada ~ bambuzal ~ bambuçal*), and cases of etymological trace (cf. *paulada*). Finally, we highlighted the need to carry out tests with speakers to observe the productivity of /z/ and /r/ in the PB system, the hypothesis is that /r/ is more crystallized in the language, and /z/ it is consonant with regular insertion force, i.e., probably it is the consonant more applied by native speakers of PB.

**Key-Words:** Consonantal Epenthesis; *-Ada* Suffix; Noun Derivation; Lexical Theory; Diachrony.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

REPRESENTAÇÃO 1: Hierarquia da Marcação por Posição (*Place Markedness Hierarchy*)

REPRESENTAÇÃO 2: Padrões Gerais de Epêntese Consonantal

QUADRO 1: Quadro Geral da Fonologia Evolutiva (BLEVINS, 2004, 2006)

REPRESENTAÇÃO 3: [t]-*insertion* em Axininca Campa

REPRESENTAÇÃO 4: [w] e [j]-*insertions* em Japonês

REPRESENTAÇÃO 5: Inserção Prosódica no Alemão

QUADRO 2: Estudos sobre Epêntese Consonantal discutidos por Lombardi (1997), Steriade (2000), Vaux (2000, 2001), Blevins (2006a, 2006b, 2007, 2008), Zygis (2010) e Samuels e Vaux (2011)

REPRESENTAÇÃO 6: Diagrama da Escala Prosódica de Nespor & Vogel (1986)

REPRESENTAÇÃO 7: Padrões Silábicos do PB (Collischonn, 2005)

REPRESENTAÇÃO 8: Primeira Etapa da Silabificação (Bisol, 1999)

REPRESENTAÇÃO 9: Segunda Etapa da Silabificação (Bisol, 1999)

REPRESENTAÇÃO 10: Exemplo de *Elsewhere Condition* (BISOL, 2014)

REPRESENTAÇÃO 11: Arquitetura do Modelo (BISOL, 2014)

QUADRO 3: Tipos de segmentos que ocorrem em junção morfológica em PB (Cagliari e Massini-Cagliari, 2000)

TABLEAU 1: Contexto geral de junção morfológica interna de palavras derivadas por sufixação (Cagliari e Massini-Cagliari, 2000)

REPRESENTAÇÃO 12: Derivação Baseada na Raiz para Bermúdez-Otero (2013)

REPRESENTAÇÃO 13: Derivação Baseada no Tema para Bermúdez-Otero (2013)

FIGURA 1: Ferramenta de Pesquisa do Dicionário Eletrônico Houaiss (2009)

QUADRO 4: Características Gerais das Inserções Consonantais em PB

TABELA 1: Universo de palavras com a terminação *-ada*

TABELA 2: Relação de palavras nominais temáticas e atemáticas com e sem epêntese

QUADRO 5: Palavras Nominiais Temáticas com Epêntese Consonantal

QUADRO 6: Palavras Nominiais Atemáticas com Epêntese Consonantal

TABELA 3: Distribuição de nomes temáticos e atemáticos por categoria

QUADRO 7: Formações com a terminação *-ada* não sufixal

FIGURA 2: Verbetes jangada pesquisado via Dicionário Eletrônico Houaiss (2009)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
1.1 O FENÔMENO DA EPÊNTESE.....	15
1.1.1 Lombardi (1997).....	16
1.1.2 Steriade (2000).....	18
1.1.3 Vaux (2001, 2002).....	19
1.1.4 Blevin (2006a, 2006b, 2007, 2008).....	21
1.1.5 Zygis (2010).....	25
1.1.6 Samuels e Vaux (2011).....	28
1.2 TEORIA DA SÍLABA.....	33
1.2.1 Modelos Gerais da Teoria da Sílabas.....	34
1.2.2 A Epêntese Consonantal na Fonologia.....	38
1.3 FONOLOGIA LEXICAL.....	43
1.4 DIACRONIA E SINCRONIA.....	48
1.4.1 A Etimologia.....	50
<b>2. ESTADO DA ARTE.....</b>	<b>53</b>
2.1 ANÁLISE DE CAGLIARI E MASSINI-CAGLIARI.....	53
2.2 ANÁLISE DE CANFIELD.....	58
2.3 ANÁLISE DE BISOL.....	60
2.4 ANÁLISE DE BERMÍDEZ-OTERO.....	62
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>71</b>

3.1 COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	72
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....</b>	<b>76</b>
4.1 PALAVRAS DERIVADAS DE BASE NOMINAL.....	80
<b>4.1.1 Palavras Temáticas.....</b>	<b>80</b>
4.1.1.1 Epêntese Consonantal em Palavras Temáticas.....	82
<b>4.1.2 Palavras Atemáticas.....</b>	<b>85</b>
<b>Subgrupo I – Palavras Terminadas em Consoante (<i>l, r, s, z, N</i>).....</b>	<b>85</b>
<b>Subgrupo II – Palavras Terminadas em Ditongo.....</b>	<b>87</b>
<b>Subgrupo III – Palavras Terminadas em Vogal Candidata a Acento.....</b>	<b>90</b>
4.1.2.1 Epêntese Consonantal em Palavras Atemáticas.....	91
4.2 PALAVRAS DERIVADAS DE BASE VERBAL.....	96
4.3 FORMAÇÕES VERNACULARES E EMPRÉSTIMOS COM TERMINAÇÃO NÃO SUFIXAL.....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o intuito de realizar uma análise em palavras dicionarizadas que possuem a terminação *-ada*, principalmente, vocábulos que são derivados de base nominal e apresentam o fenômeno denominado **epêntese consonantal**. Assim, por meio de uma interface morfofonológica (via Fonologia Lexical) e etimológica, pretendemos verificar o estatuto de segmentos consonantais epentéticos no processo de formação de palavras do Português Brasileiro (doravante PB). Tal tipo de epêntese seria selecionada, pelo sistema do PB, em contexto de juntura morfêmica por uma questão silábica (para evitar o hiato). Desse modo, o recorte apresentado por esta dissertação tem como principal objetivo a observação do universo de palavras derivadas de base nominal com o sufixo *-ada*, a fim de descrever o contexto de juntura morfêmica de tais itens lexicais com e sem inserção consonantal em busca de generalizações.

Quanto às razões que nos levaram a escolha do tema tratado por esta dissertação, o presente trabalho justifica-se por serem raros os estudos sobre epêntese consonantal em PB.

A partir do exposto, esta dissertação compreende as seguintes partes:

O primeiro capítulo traz a revisão da literatura, abordando o fenômeno da epêntese consonantal nas línguas do mundo (seção 1.1), por meio dos trabalhos de Lombardi (1997), Steriade (2000), Vaux (2001, 2002), Blevin (2006a, 2006b, 2007, 2008), Zygis (2010), e Samuels e Vaux (2011); em seguida, versamos sobre a Teoria da Sílabas (seção 1.2), dada a importância da silabificação e da questão do acento para a ocorrência de epêntese consonantal em contexto derivado; na seção seguinte (1.3) apresentamos a Fonologia Lexical (Kiparsky 1982, Mohanan, 1982), modelo utilizado para a descrição de nossa amostra, uma vez que objetivamos reunir informações fonológicas e morfológicas em processo de formação de palavras específico: o contexto de juntura morfêmica entre base + sufixo; por fim, o capítulo encerra com o papel do estudo etimológico para este trabalho (seção 1.4).

O segundo capítulo discute o estado da arte por meio das análises de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) e Canfield (2010) que observam, especificamente, o fenômeno da epêntese consonantal, em PB. Em seguida, trouxemos os estudos de Bisol (2010, 2011) que, ao tratar do sufixo de diminutivo *-inho*, adentra na questão da epêntese consonantal; e Bermúdez-Otero (2013), que discute a questão da base da derivação, raiz ou tema, por meio de dados do espanhol.

O terceiro capítulo refere-se aos procedimentos metodológicos, destacando o fato de o estudo ter por base dados do projeto **Epêntese Consonantal: Regular e Irregular** (PUCRS/CNPq), coordenado pela professora Dra. Leda Bisol.

O quarto capítulo, dedicado à análise dos dados e resultados, é dividido em três grupos: (i) palavras derivadas de base nominal, que por sua vez são distribuídas entre vocábulos temáticos e atemáticos (principal foco desta dissertação); (ii) palavras derivadas de base verbal; e (iii) palavras com terminação *-ada* não sufixal, composta por formações vernaculares e empréstimos linguísticos.

Finda a exposição de nosso tema, objetivo, justificativa e estrutura desta dissertação, passemos ao primeiro capítulo.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

O presente trabalho tem o intuito de analisar o universo de palavras de base nominal derivadas, principalmente, as que apresentam o fenômeno da epêntese consonantal em contexto de junção morfológica, em específico, o *locus* de junção entre bases e o sufixo *-ada*. Para tanto, o objetivo deste capítulo é apresentar o fenômeno da epêntese nas línguas do mundo, bem como a Teoria da Sílabas, dada à importância da silabificação para o fenômeno, assim como a questão do acento para a ocorrência da epêntese em contexto de junção morfológica. O capítulo aborda, também, a Fonologia Lexical, modelo utilizado para a análise de nossos dados. Por fim, o capítulo encerra com o papel da etimologia para esta dissertação.

### 1.1 O FENÔMENO DA EPÊNTESE

A **epêntese**, como fenômeno estudado neste trabalho, é caracterizada pela inserção de um segmento — uma consonante ou um segmento vocálico, normalmente um glide - no interior de vocábulos; tal processo é utilizado para resolver problemas estruturais, em geral de caráter silábico. Em fonologia, muitos são os trabalhos desenvolvidos sobre epênteses, em diversas línguas, que abordam o fenômeno por meio de diferentes perspectivas; dentre esses estudos, ao que compete a inserção de glides, podemos citar Carlisle (1988, 1991, 1992 e 1994), Eckman (1991), Pigott (1995) e Colina (1997), entre outros<sup>1</sup>. Em relação aos trabalhos que abordam a inserção de glides no sistema da língua portuguesa, destacamos as análises de Cagliari (1981), Collischonn (1996), Cristóvão-Silva (2000), Collischonn (2004), Cristóvão-Silva e Almeida (2006) e Nishida (2011).

---

<sup>1</sup> Cabe salientar que apenas citamos alguns autores que estudam a epêntese de glides nas línguas do mundo. Não entraremos em maiores detalhes sobre tais análises porque a inserção de glides não é o foco desta dissertação, mas sim a inserção consonantal; assim, optamos apenas por citar alguns autores que tratam da inserção de glides em PB, justamente por ser a língua do sistema em estudo.

Quanto aos estudos sobre inserções consonantais, objeto desta pesquisa, destacamos, nesta subseção, algumas abordagens que tratam da inserção de epêntese, em diversas línguas do mundo sob diferentes perspectivas analíticas — como a Teoria da Otimidade, a Fonologia Articulatória, a Fonologia Baseada em Regras, a Fonologia Evolutiva, etc. — por meio dos trabalhos de Lombardi (1997), Steriade (2000), Vaux (2001, 2002), Blevins (2006a, 2006b, 2007, 2008), Zygis (2010) e Samuels e Vaux (2011).

Isto posto, iniciaremos pela proposta de Lombardi (1997).

### 1.1.1 Lombardi (1997)

Lombardi, via Teoria da Otimidade<sup>2,3</sup> (doravante TO), defende a ideia de que, apesar de coronais serem os segmentos epentéticos mais comuns, nas línguas do mundo, as glotais apresentam propriedades que as colocam em uma posição menos marcada. A autora utiliza as restrições propostas, originalmente, por Prince e Smolensky (1993) e Smolensky (1993), para lidar com ambos os segmentos (coronal e glotal). Para Lombardi, a epêntese coronal surge quando fatores adicionais (geralmente de caráter morfológico) exigem o uso de um traço Coronal, em vez de um traço Glotal, ou quando a glotalização está descartada por razões fonológicas. Então, a partir da ideia de um ranqueamento que contém restrições de marcação por posição — Prince e Smolensky

---

<sup>2</sup> A Teoria da Otimidade (TO) tem seu início com os trabalhos de McCarthy e Prince (1993) e Prince e Smolensky (1993). A teoria trata-se de um desenvolvimento da Gramática Gerativa ao concentrar seu interesse na descrição formal e na busca dos universais linguísticos, ainda que a natureza e o funcionamento da Gramática Universal (GU) tenham contornos diferentes dos preconizados pelos modelos anteriores. Quanto às suas propriedades, a TO compartilha a noção de GU e a noção de mapeamento entre formas de *input* e *output*, diferenciando-se quanto à natureza dessa gramática e quanto ao funcionamento desse mapeamento, sendo as propriedades fundamentais a violabilidade, o ranqueamento, a inclusividade e o paralelismo (BISOL, 2014:236).

<sup>3</sup> Cabe destacar que a presente dissertação não trata de TO, nem de outras abordagens que surgirão no decorrer da presente subseção (como a Fonologia Baseada em Regras, a Fonologia Evolutiva, a Fonologia Articulatória, etc.). Tais perspectivas são utilizadas pelos autores da revisão da literatura e estão representadas aqui como meras ilustrações de seus trabalhos.

(1993) e Smolensky (1993) — a autora mostra como segmentos coronais não marcados e subespecificados podem ser alcançados pelo uso da hierarquia universal e acrescenta o segmento glotal ranqueado na posição Faringal (LOMBARDI, 1997:3). Com essa ideia, Lombardi altera a hierarquia, proposta por Prince e Smolensky (1993) e Smolensky (1993), para incluir, abaixo do traço Coronal, a glotal na posição Faringal. As configurações da hierarquia da marcação por posição de Prince e Smolensky (1993) e Smolensky (1993) e a configuração sugerida por Lombardi (1997) estão representadas a seguir:

**REPRESENTAÇÃO 1: Hierarquia da Marcação por Posição (*Place Markedness Hierarchy*)**

<b>*Dors, *Lab &gt;&gt; *Cor (Prince &amp; Smolensky 1993; Smolensky, 1993)</b>
<b>*Labial, *Dorsal &gt;&gt; *Coronal &gt;&gt; *Pharyngeal (Lombardi, 1997)</b>

É importante dizer que a opção pelo traço Faringal é contrária ao que a literatura traz sobre o comportamento de inserções consonantais na maioria das línguas que, comumente, apresentam inserções de segmentos coronais; porém, Lombardi considera que o traço Faringal é o menos marcado e, portanto, *default*. Para Lombardi (1997:8-11), coronais só são escolhidas para epêntese em casos de conflito de restrição; pois, segundo a autora, a epêntese coronal é sempre de alguma forma restrita. De acordo com a autora, a explicação para a presença de segmentos coronais como epêntese, em vez de glotais (considerados *default*), está no fato de diferentes casos de epêntese coronal ocorrerem principalmente na coda; pois, não são esperadas restrições que prefiram soantes na posição de *onset* (LOMBARDI, 1997:27). Lombardi destaca que apenas a inserção de segmentos consonânticos sonoros em codas são evidências claras para a marcação por posição, sendo casos especificamente de fenômenos com condicionamento fonológico (LOMBARDI, 1997:45-6).

Por fim, para Lombardi (1997:40), há uma relação entre especificidade morfológica e marcação. Essa aproximação pode ser percebida como uma tentativa para satisfazer tanto casos de marcação por posição que possuem condicionamento morfológico, quanto à marcação por posição em casos de soantes na coda; ou seja, situações de condicionamento fonológico. Com isso, a autora considera que a posição menos marcada, que satisfaz o requisito soante, é coronal, apesar de não ser a posição

menos marcada na hierarquia; em contraste, os casos de epêntese coronal, em posição de *onset*, embora às vezes envolvam algum condicionamento fonológico (a exemplo do Axininca), abrangem, principalmente, condicionamento morfológico, uma vez que, coronais não são esperadas nessa posição.

### 1.1.2 Steriade (2000)

Steriade (2000) realiza um estudo sobre a inserção de [r] na perspectiva da TO, destacando que [r] é escolhido como epêntese em função de sua imperceptibilidade. É importante observar que seu modelo prevê uma conexão entre epêntese e apagamento; isto é, [r] representa, simultaneamente, um segmento suscetível ao apagamento, por sua imperceptibilidade, e, pela mesma razão, é passível de ser escolhido como epêntese. Assim, sobre a inserção de [r], a autora afirma que:

*[...] not surprisingly, postvocalic [r] most varieties of American English is an approximant hardly distinguishable from the end of preceding low back vowel: it may thus be the closest thing to  $\emptyset$  in that context (STERIADE, 2000:45).*

Além disso, Steriade (2000) utiliza, em sua análise, o *P-map* para descrever como se dá a escolha de um segmento epentético em determinado contexto; portanto, levando em consideração a relação inserção-apagamento, a seleção da epêntese ocorre da seguinte maneira:

*The P-map account of the choice of epenthetic segments is likewise predictable from the existence of a context-dependent hierarchy of confusability between individual segments and  $\emptyset$ . If a phonotactic constraint requires insertion of a segment in some context K, then the segment most confusable with  $\emptyset$  in K is predicted to be the choice of insertion (STERIADE, 2000:41).*

O excerto acima mostra como o *P-map* explica a escolha de segmentos epentéticos, da mesma forma que prediz a existência de uma hierarquia de contexto dependente de *confusability* ou confundibilidade entre segmentos individuais e o apagamento ( $\emptyset$ ). Com isso, se restrições fonotáticas requerem a inserção de um segmento em determinado contexto, então o segmento mais *confusable* ou confuso com o apagamento, no contexto, é escolhido como inserção consonantal. Contudo, quanto às

líguas do mundo, os tipos de epênteses mais recorrentes para Steriade, assim como Lombardi (1997), são [h] e [ʔ], assim como os glides homorgânicos (STERIADE, 2000:45). A principal razão para esta escolha é que [ʔ] e [h] apresentam propriedades favoráveis para a sua inserção como epêntese, pois não possuem constrição oral e, portanto, não geram mudanças coarticulatórias sobre vogais vizinhas (STERIADE, 2000:42).

### 1.1.3 Vaux (2001, 2002)

Vaux<sup>4</sup> (2001, 2002), em seu estudo, parte da ideia que o modelo fonológico baseado em regras é mais apropriado, que a TO, para analisar o fenômeno da epêntese consonantal nas líguas do mundo. O autor afirma que uma análise fonológica baseada em regras dá conta da diversidade de consoantes epentéticas, nas diferentes líguas, justamente por permitir a incorporação de uma grande variedade de consoantes que são selecionadas por inserção regular, oferecendo, assim, um só formalismo (foco na generalidade). O autor admite que a maioria dos segmentos não esperados resultam, diacronicamente, de glides homorgânicos, apesar disso, Vaux (2001, 2002) considera esse dado histórico irrelevante para a gramática sincrônica.

Segundo Vaux (2002:2), análises em TO, requerem que a escolha da consoante epentética (regular), em uma dada língua, seja previsível de uma interação de restrições de um inventário independentemente motivado e de restrições de boa-formação; a consoante tipicamente selecionada pode ser [ʔ] (LOMBARDI, 1997; McCARTHY, 1999), ou [t] (McCARTHY e PRINCE, 1993). Por outro lado, formalismos baseados em regras permitem regras do tipo " $\emptyset \rightarrow [g] / V\_V$ ", em que a escolha do segmento epentético é sincronicamente arbitrária.

---

<sup>4</sup> Salientamos que se trata do argumento de Vaux (2002) a discussão entre a melhor adequação da Fonologia Baseada em Regras, em relação à TO, para a análise de epênteses consonantais nas líguas do mundo. A nós não cabe a responsabilidade de discutir que teoria é mais adequada, mas sim reproduzir os argumentos do autor diante a análise de inserções consonantais.

Em seu artigo *Consonant Epenthesis and Hypercorrection* (2001), Vaux apresenta evidências empíricas, trazendo a análise de um grupo de línguas que demonstram que a fonologia baseada em regras é mais adequada para estudar tais línguas do que o modelo da TO. Para o autor, há problemas presentes na maioria dos estudos em TO, como as propostas de Lombardi (1997), McCarthy (1997, 1999) e Steriade (2000), que são, especificamente, desenvolvidas para excluir a inserção de segmentos sincronicamente arbitrários. De acordo com Vaux (2001:2), o problema ocorre porque a linguagem surge da confrontação do dispositivo de aquisição com dados linguísticos arbitrários a que é exposta; uma vez que esses dados codificam camadas de mudança histórica; assim, a gramática fonológica resultante será percebida como "não-natural". Para Vaux, os sistemas não naturais desse tipo são contabilizados de forma mais eficiente numa abordagem baseada em regras; adaptações em TO podem ser realizadas para dar conta de fenômenos relevantes, mas apenas à custa do abandono de princípios teóricos centrais para a teoria, princípios estes que tem sido a vantagem da TO sobre teorias derivacionais. Além disso, a TO perde a argúcia essencial que a fonologia baseada em regras tem sobre a relação entre a mudança histórica e a aquisição da linguagem, e entre a fonologia automática e a fonologia morfológicamente condicionada (VAUX, 2001:2-3).

A partir dessa ideia de que uma análise baseada em regras permitirá uma melhor compreensão do fenômeno das inserções consonantais nas línguas do mundo, Vaux (2001) desenvolve seu argumento na tentativa de responder a seguinte questão: que consoantes são escolhidas para inserção, e por quê? De acordo com o autor, duas respostas alternativas tem sido proposta pela literatura (VAUX, 2001:3):

- (i) A consoante epentética padrão é a coronal, de preferência [t] (McCarthy e Prince, 1993).
- (ii) A consoante escolhida para inserção regular é [ʔ], [h] ou um glide homorgânico. Outras consoantes são autorizadas como inserção por meio de restrições morfológicamente condicionadas (Lombardi, 1997; McCarthy 1997, 1999 (em parte); Steriade, 2000).

Em outro artigo, *Consonant Epenthesis and the Problem of Unnatural Phonology* (2002), afirma que teorias fonológicas recentes, mais notadamente a TO e a

Fonologia Articulatória (doravante FA), realizam um retorno às ideias básicas da Fonologia Natural (1970); ou seja, os processos fonológicos e restrições são sincronicamente motivados (normalmente por considerações fonéticas). Com isso, processos aparentemente não naturais, tais como a inserção de [r] em alguns dialetos do inglês, têm recebido uma explicação especial nessas teorias. TO e FA estão, fortemente, em contraste com as teorias com base em regras derivadas do SPE<sup>5</sup>.

Em suas conclusões, Vaux (2001, 2002) atenta para o fato que as inserções são muito mais diversas do que se tem afirmado até então, e que o papel dado a laringais e glides homorgânicos, pela literatura em TO, não se sustenta. Sabe-se que casos de inserção de segmentos não esperados, como o [b] em Basco, resulta, historicamente, de glides homorgânicos, mas este dado histórico torna-se irrelevante para a gramática sincrônica. Além disso, segmentos como o [n] Coreano e o [y] e [r] Uyghur são criteriosamente explicados apenas como resultados de processos de hipercorreção.

#### **1.1.4 Blevins (2006a, 2006b, 2007, 2008)**

Blevins (2007:79) afirma que epênteses ocorrem em muitas línguas do mundo, e, frequentemente, envolvem a inserção de um glide adjacente a uma vogal. Descrições fonológicas de epênteses consonantais tendem a se concentrar na recorrência de inserções consonânticas pré-vocálicas. A análise desse padrão recorrente leva a dois tipos distintos de restrições de marcação universal. Em primeiro lugar, a posição do segmento inserido é atribuída a uma restrição de marcação silábica que exige que as sílabas tenham *onsets*. Muitos pesquisadores, incluindo Jakobson (1929) e Greenberg (1978) sugerem, com base em estudos tipológicos, que existe uma forte preferência por sílabas CV, em que C é uma consoante única. Em uma ampla gama de abordagens teóricas (por exemplo, a Fonologia Prosódica, a TO, etc.) as regras de consoantes epentéticas em contextos intervocálicos são reivindicadas para satisfazer tal preferência.

---

<sup>5</sup> *The Sounds Pattern of English* (CHOMSKY e HALLE, 1968).

Em segundo lugar, o componente da análise atribui uma qualidade à restrição de marcação segmental. Assim, a marcação segmental pode ser definida com base em parâmetros articulatorios, parâmetros perceptuais, ou com alguns parâmetros mais abstratos, mas a alegação geral é que as propriedades universais de uma abordagem fonológica sincrônica desempenham um papel na determinação da qualidade da consoante epentética (BLEVINS, 2007:79-8).

A seguir, estão os padrões mais recorrentes, de epêntese consonantal, nas línguas do mundo, de acordo com Blevins (2007:80):

### **REPRESENTAÇÃO 2: Padrões Gerais de Epêntese Consonantal**

a. intervocálico:  $VV > VC_1V$

b. (i) domínio prosódico inicial:  $_{PrWd}[V > [C_jV$

(ii) domínio prosódico final:  $V]_{PrWd} > VC_j]$

Fonte: BLEVINS, Julliete, 2007:80.

Segundo Blevins (2007), pelos padrões descritos acima, uma consoante epentética ocorre entre vogais (a), no início do domínio prosódico, antes de uma vogal (b.i), ou no final do domínio prosódico, após uma vogal (b.ii). No entanto, esses padrões são reflexos apenas de análises de ordem sincrônica, o que leva Blevins (2007, 2008) a deslocar o eixo de análise para uma abordagem de ordem diacrônica. Assim, Blevins substitui a marcação silábica e segmental por restrições sobre a mudança sonora. Dessa maneira, como muitos outros padrões de som comuns, as epênteses consonantais regulares podem ter uma história natural, refletindo a fonologização da mudança sonora anterior, foneticamente condicionada, ou ter uma história não natural, que reflete outros fatores condicionantes. Histórias não naturais incluem regra de inversão e regra telescópica, onde uma sequência de mudanças naturais produz, cumulativamente, alternâncias não naturais, como analogia ou contato linguístico (casos de empréstimo). Para Blevins, há um fracasso nos modelos universalistas ao que compete a identificação de segmentos resultantes de influência diacrônica. Por isso a autora crê na importância da diacronia na definição e explicação de generalizações intralinguísticas sincrônicas (BLEVINS, 2007:81). Esta perspectiva permite que se possam explicar casos de exceção à regra, casos específicos das línguas e casos idiossincráticos.

A abordagem de Blevins (2007, 2008) enquadra-se na perspectiva da Fonologia Evolutiva (Blevins, 2006a), que compartilha, com muitas abordagens contemporâneas, a visão da linguagem como um sistema complexo adaptativo em que padrões sonoros regulares apresentam propriedades probabilísticas emergentes, resultantes da interação repetida do percentual inato, da predisposição articulatória, das propriedades de auto-organização do sistema sonoro e dos aspectos de uso da linguagem dentro de uma população. Neste contexto, muitos padrões sonoros recorrentes são considerados consequência direta de tipos de mudança sonora condicionada foneticamente. Assim, alternâncias fonológicas comuns, como o desvozeamento da obstruente final e o apagamento de uma vogal átona, são mostradas, segundo Blevins (2007, 2008), como resultado de fonologização da articulação e de efeitos fonéticos perceptuais. Restrições de marcação sincrônicas estruturalistas, gerativistas, da TO, são abandonadas, pela Fonologia Evolutiva, e substituídas, em sua maior parte, por explicações fonético-históricas.

#### **QUADRO 1: Quadro Geral da Fonologia Evolutiva (BLEVINS, 2006a)**

<b>Premissa da Fonologia Evolutiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicações diacrônicas para padrões sonoros têm prioridade sobre explicações sincrônicas, a menos que evidências independentes demonstrem que a abordagem sincrônica é garantida.</li> </ul>
<b>Hipóteses da Fonologia Evolutiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Padrões comuns de sons resultam de mudança sonora comum foneticamente motivada.</li> <li>• Padrões sonoros raros não resultam de mudança sonora comum foneticamente motivada.</li> <li>• Propriedades sincrônicas de certos padrões sonoros são mais bem explicadas via diacronia do que em termos de universais fonológicos sincrônicos.</li> <li>• A mudança sonora não é diretamente objetiva.</li> <li>• Padrões sonoros raros podem ser consequência de mudanças sonoras raras, ou refletir um caráter acidental do padrão sonoro.</li> </ul>
<b>Resultados da Fonologia Evolutiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de novos caminhos para a mudança sonora.</li> <li>• Novas propostas explicativas (fonéticas) para casos opacos de mudança e padrões sonoros.</li> <li>• Novas propostas explicativas (não-fonéticas) para padrões sonoros recorrentes opacos.</li> <li>• Restrições de marcação são exigidas apenas por abordagens sincrônicas.</li> </ul>

De acordo com Blevins (2007:81), os padrões sonoros podem apresentar uma história natural, se refletirem a fonologização da mudança sonora anterior, foneticamente condicionada, ou tiverem uma história não natural, casos em que há

outros fatores condicionantes. A partir do exposto, depreende-se os conceitos de história natural e não natural, respectivamente, expressos em (i) e (ii): (i) padrões sonoros sincrônicos com histórias naturais são aqueles que refletem, diretamente, a fonologização de uma mudança anterior, foneticamente condicionada; (ii) padrões sonoros sincrônicos com histórias não naturais são aqueles que não refletem, diretamente, a fonologização de uma mudança sonora anterior, foneticamente condicionada.

Mais especificamente sobre as inserções consonantais, Blevins (2006a, 2006b, 2007, 2008) afirma ser impossível explicar o fenômeno fonológico da epêntese sem considerar fatos diacrônicos. Ao trazer uma análise que trata da epêntese pela Fonologia Evolutiva, a autora destaca que restrições silábicas apresentam um papel importante para o fenômeno. Apesar do recurso diacrônico, a autora admite haver casos em que não é possível reconstituir a fonologia histórica dos segmentos, principalmente, os que não são foneticamente previsíveis. Dessa maneira, para a autora, epênteses consonantais que ocorrem entre vogais, por exemplo, por meio de uma análise via Fonologia Evolutiva, apresentam duas histórias não naturais: (i) uma envolvendo duas mudanças sonoras em sequência; (ii) e uma envolvendo a inversão de uma regra anterior e o processo de apagamento de consoante.

Quanto ao papel das restrições de marcação, a autora afirma que não fazem distinção entre consoantes contrastivas e não contrastivas, sendo estas inábeis para dar conta de generalizações. Mesmo com os limites apresentados pela diacronia, a autora salienta que princípios diacrônicos estão envolvidos na explicação de generalizações sincrônicas, esclarecendo, muitas vezes, possíveis exceções. Assim, pela Fonologia Evolutiva, a autora apresenta explicações diacrônicas para padrões sonoros, destacando que a diacronia possui prioridade sobre explicações sincrônicas, salvo se houver evidências independentes que garantam o enfoque sincrônico.

Para finalizar, a partir da noção de história natural e antinatural, a autora divide os padrões de sons epentéticos em classes: (i) a Classe das Histórias Naturais e (ii) a Classe das Histórias Não Naturais. A História Natural, por sua vez, é dividida em Classe Natural I, que é relacionada à evolução de glides, e a Classe Natural II, que apresenta a evolução de sons laríngeos em limite de domínio. A História Não Natural é formada por

padrões sincrônicos que não refletem diretamente a fonologização de uma mudança sonora foneticamente condicionada.

### **1.1.5 Zygis (2010)**

Zygis (2010), em seu trabalho com base em uma abordagem tipológica, classifica as epênteses em três tipos principais: (i) inserções gramaticais, (ii) inserções fonéticas e (iii) inserções prosódicas. Os três tipos de epêntese diferem, essencialmente, em termos de preferência de sons, de domínio de aplicação, de papel no contexto segmental, de sua ocorrência intralinguística, de alcance da variação e de explicação fonética. A autora afirma que sua análise se diferencia de outras que estudam epênteses consonantais no sentido de não observar a marcação e nem o dado diacrônico para a discussão do processo. Em vez disso, a autora considera a natureza tipológica dos segmentos epentéticos, referindo-se aos níveis de representação e/ou domínios que são relevantes para a configuração da epêntese. Zygis ressalta que seu trabalho se concentra nos processos em que as consoantes epentéticas não estão presentes, subjacentemente, mas que surgem na superfície fonética. Os segmentos inseridos têm um estatuto diferente, de acordo com a língua, podendo ser fonemas, alofones ou até mesmo sons que não ocorrem em um determinado idioma. De acordo com a autora, o único critério adotado para a análise é o de que as epênteses são vistas como segmentos. Assim, gestos articulatórios inseridos ou traços acústicos que não são percebidos pelos ouvintes como segmentos não serão tratados como inserções (ZYGIS, 2010:111-12).

Zygis (2010:112), com base na análise de 70 línguas tipologicamente diferentes (Austronésio, Romance, Eslavo, Alemão, Semita, entre outras), considera que esses grupos linguísticos podem ser organizados em três tipos principais, de acordo com a característica da inserção consonantal. Assim, inserções gramaticais compreendem todos os tipos de inserção que são morfológica, sintática ou morfossintaticamente condicionados. Em contrapartida, inserções fonéticas são encontradas nas representações de superfície e são explicáveis com base em perspectivas articulatória, acústica e aerodinâmica. Finalmente, inserções prosodicamente condicionadas incluem

processos epentéticos que se referem a limites/domínios prosódicos. Além desses tipos de inserção principais, também há casos atestados cuja classificação não é simples. Isto é uma consequência natural da interação de diferentes componentes, como por exemplo, sintaxe e prosódia.

Então, quanto à tipologia, as inserções gramaticais são idiossincráticas e caracterizam uma língua particular. Esse tipo de inserção, segundo Zygis (2010:113), está sujeita a regularidades fonológicas, morfológicas ou sintáticas e são determinadas estritamente por categorias gramaticais. De preferência, neste tipo de inserção, sons coronais são dominantes, embora sons labiais, velares ou glotais também sejam encontrados. Com um número restrito de casos, este tipo de processos depende do contexto segmental. Finalmente, inserções gramaticais não estão sujeitas à variação intra ou interfalantes e são bastante resistentes a outros fatores, como por exemplo, a velocidade de fala.

As inserções morfológicas têm lugar dentro de palavras, isto é, ocorrem, principalmente, entre prefixos e raízes, raízes e sufixos e entre os constituintes de um composto, enquanto inserções sintáticas ocorrem entre palavras, isto é, em um nível sintático. Um exemplo clássico é [t] inserido em Axinica Campa, que é morfológicamente restrito, pois ocorre apenas em processos derivação sufixal, como mostra a representação 3:

### REPRESENTAÇÃO 3: [t]-*insertion* em Axinica Campa

/i-N-koma-i/ → [iŋkomati] ‘ele remarará’

/i-N-koma-aa-i/ → [iŋkomataati] ‘ele remarará novamente’

Fonte: ZYGIS, Marzena, 2010:113.

Conforme Zygis (2010:120), as inserções fonéticas compreendem um amplo espectro de sons passíveis à ocorrência que dependem, exclusivamente, do contexto, ou seja, dos sons vizinhos. As inserções mais frequentes são *stops* produzidos em diferentes pontos de articulação, bem como glides encontrados em vários contextos vocálicos. A autora, conforme os exemplos da representação 4, destaca que inserções fonéticas são sujeitas à variação.

#### REPRESENTAÇÃO 4: [w] e [j]-insertions em Japonês

guai → gu[w]ai	‘condição’
siawase → si[j]awase	‘felicidade’

Fonte: ZYGIS, Marzena, 2010:121.

O contexto de inserção [w] sempre implica a presença de um /u/ precedente ou subsequente, enquanto o glide [j] é inserido em contexto que apresentam um /i/ precedente. Então, os *outputs* desse tipo de inserção não são acidentais, mas dependem dos sons vizinhos para se realizarem (ZYGIS, 2010:121).

O último tipo de inserção apresentada por Zygis (2010:126) são as inserções prosódicas; ou seja, são determinadas por constituintes prosódicos, como sílaba, pé, palavra prosódica, frase fonológica, frase entoacional, e enunciado. Para Zygis (2010:126), as inserções prosódicas mais frequentes são *stops* glotais e glotalizações seguido por sons coronais. Estas inserções, muitas vezes, servem como limites ou fronteiras e estão sujeitas a variação inter e intrafalantes. Sua ocorrência depende, entre outros fatores, da velocidade de fala, do sexo do falante, do dialeto, da posição frasal, das condições de acento, entre outros. De acordo com a autora, tudo indica que a variação encontrada nas inserções prosódicas é maior nas fronteiras existentes entre constituintes prosódicos mais altos na hierarquia. Isto pode ser causado pelo fato de os constituintes prosódicos mais baixos na hierarquia serem criados no léxico; estes não sofrem influência do acento ou entonação frasais, e, portanto, comportam-se de forma diferente dos constituintes mais elevados. Conforme Zygis (2010:126), o diferente comportamento variacional entre constituintes prosódicos mais baixos e mais altos, merece mais investigação.

#### REPRESENTAÇÃO 5: Inserção Prosódica no Alemão

[?a]	‘não’
[?e]	‘ir’
[?up]	‘dizer’

Fonte: ZYGIS, Marzena, 2010:128.

A representação 5 traz um exemplo de inserção prosódica no Alemão, em que a glotalização ocorre, opcionalmente, antes da vogal inicial do pé; ou seja, formam *onsets* com sílabas tônicas (vide Hall, 1992; Wiese, 2000).

### 1.1.6 Samuels e Vaux (2011)

Os autores assumem a ideia de que, nos últimos anos, o papel da marcação na formação de padrões fonológicos tem estado em evidência; no entanto, há um grande número de trabalhos recentes que argumentam que a marcação é um epifenômeno de desempenho extrafonológico; assim, a discussão levantada pelos autores, diante da análise de epênteses consonantais, tem o intuito de comparar essas duas perspectivas, mostrando que a gama de consoantes que são escolhidas para inserção intralinguística não pode ser explicada em termos de marcação (SAMUEL; VAUX, 2011:1). Entre suas críticas está estudos como o de Blevins (2008) que, segundo os autores, fornecem explicações diacrônicas parciais para o surgimento de padrões de epênteses consonantais. Samuels e Vaux (2011) criticam, também, as abordagens baseadas na marcação da epêntese consonantal, principalmente os trabalhos de Lombardi (1997) e de Steriade (2000).

Para os autores, uma teoria da fonologia sincrônica deve permitir epênteses de qualquer tipo de segmento, não importando o fato da marcação. Esta perspectiva é consistente com a maioria dos padrões fonológicos "antinaturais" que são o produto de processos históricos opacos diante do condicionamento fonético; especificamente nesses casos, consoantes epentéticas incomuns resultam de regras de inversão, da hipercorreção e da reanálise de padrões de apagamento (SAMUELS; VAUX, 2011:1).

Nas abordagens via TO desenvolvidas para a análise de epênteses consonantais, até então, segundo os autores, as consoantes epentéticas são totalmente previsíveis, pois surgem de interações das restrições de inventário e de boa formação em línguas específicas que são motivadas de forma independente. As epênteses consonânticas mais comuns sob uma análise via TO são, tipicamente, [ʔ] (Lombardi,

1999), glides homorgânicos (McCarthy, 1999), ou [t] (McCarthy e Prince, 1993). Para os autores, a TO é considerada mais restritiva do que as teorias baseadas em regras devido à integração de hierarquias de marcação que evitam que segmentos marcados surjam em contextos epentéticos. Por outro lado, uma Fonologia Baseada em Regras (doravante FBR) permite, sincronicamente, operar com regras que possibilitem explicar a inserção de segmentos arbitrários. A restritividade das abordagens com base na marcação apresentam, de acordo com Samuels e Vaux (2011:2), pelo menos dois problemas:

- (i) Fazem previsões fracas sobre a gama de padrões epentéticos envolvendo segmentos sincronicamente arbitrários, que são comuns, apesar de serem “não naturais”;
- (ii) Muitas vezes são forçados a abandonar propriedades centrais da TO, tais como a Riqueza da Base, permitindo a violabilidade de restrições e que restrições sejam ranqueadas livremente.

Uma análise via FBR não enfrenta nenhum dos problemas citados, pois a FBR é aplicável para qualquer tipo de inserção consonantal, incluindo os padrões arbitrários que, embora raros, qualquer teoria descritiva adequada deva ser capaz de analisar.

Para Samuels e Vaux (2011), o tratamento da epêntese consonantal como argumento para as relações de marcação é atualmente desvantajoso quando visto de uma perspectiva tipológica, uma vez que isso elimina a ampla variedade de segmentos epentéticos atestados que vão além do presente em qualquer Teoria Fonológica que considere a não-marcação.

Os autores concluem seu estudo salientando que a epêntese consonantal não pode ser considerada como uma janela para as relações de marcação, pois tais inserções têm uma implicação mais ampla para a fonologia sincrônica: elas não se restringem à marcação, nem às restrições, nem à explicação tipológica.

O quadro, a seguir, é uma síntese dos estudos apresentados nesta seção, contendo a descrição da análise com o *locus* de ocorrência e exemplos.

**QUADRO 2: Estudos sobre Epêntese Consonantal discutidos por Lombardi (1997), Steriade (2000), Vaux (2000, 2001), Blevin (2006a, 2006b, 2007, 2008), Zygis (2010) e Samuels e Vaux (2011)**

<b>Autor</b>	<b>Descrição da Análise</b>	<b>Locus de Ocorrência</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Lombardi (1997)</b>	Relação entre epênteses coronal e glotal/ faringal e marcação por posição na hierarquia universal. Influência de fatores na marcação por posição: (i) restrições de inventário; (ii) restrições de sonoridade; (iii) restrições de fidelidade. Ocorrência de condicionamento fonológico e morfológico.	Inserção de consonante em posição de coda e <i>onset</i>	<u>Coda</u> : Tunica (epêntese de /n/ no final de substantivos) hatika → hatikan 'novamente' (condicionamento fonológico)  <u>Onset</u> : Japonês (epêntese de r-inicial antes da vogal final do tema verbal) substantivo (das-u 'tirar algo') verbo (tabe-ru 'comer') (condicionamento morfológico ocorre com verbos, mas não com substantivos)
<b>Steriade (2000)</b>	Descrição da inserção do [r], em inglês por meio do <i>P-map</i> , via percepção e TO. Similaridade entre inserção e apagamento ( <i>confusability</i> ).	Inserção e apagamento do [r] pós-vocálico em dialetos do Inglês Americano	draw[ɹ]ing ~ drawing
<b>Vaux (2001, 2002)<sup>6</sup></b>	Análise da epêntese consonantal por meio de uma abordagem baseada em regras.	Vários contextos de inserção consonantal	Vários exemplos de diferentes autores.
<b>Blevins (2006a, 2006b, 2007, 2008)</b>	Análise via Fonologia Evolutiva. Padrões sonoros regulares têm histórias naturais que refletem a fonologização da mudança sonora anterior, foneticamente condicionada; têm histórias não naturais, que refletem outros fatores condicionantes.	Inserções de consoante em posição intervocálica, ou envolvendo um contexto vocálico.	História natural e.g. evolução do glide intervocálico em Pré-Hindi: *ia > ija *kia- > kijaa 'feito'  História não natural e.g. Chamorro obstruente~zero ha.na.gwi 'ir para' ha.naw 'ir'
<b>Zygis (2010)</b>	Realiza uma análise tipológica das inserções consonantais. (i) inserções gramaticais, (ii) inserções	Inserções consonantais em contextos gramaticais, fonéticas e prosódicas	Inserção gramatical: Sinhala: /ræ+a/ → [ræjə]

<sup>6</sup> Cabe destacar que as análises de Vaux (2001 e 2002) tiveram uma abordagem diferente dos outros autores, pois o objetivo foi mostrar como uma Fonologia Baseada em Regras é superior a análises como a TO, por abranger e explicar uma maior gama de inserções consonantais; então, os exemplos fornecidos são de outros autores, com o intuito de destacar os argumentos fracos para os mesmos. Vaux apresenta sua análise propriamente dita somente no trabalho desenvolvido com Samuels (2011), onde propõe uma generalização para casos de inserção do [r] no inglês.

	fonéticas e (iii) inserções prosódicas.		<p>‘noite’</p> <p>Inserção fonética: Polonês: <i>sytuacja</i> → <i>sytu[w]acja</i> ‘situação’</p> <p>Inserção prosódica: Alemão: <i>arm</i> → [<i>?arm</i>] ou [<i>arm</i>] ‘pobre’</p>
<b>Samuels e Vaux (2011)</b>	Análise do <i>r-insertion</i> via Fonologia Baseada em Regras.	Inserção do [r] em dialetos do Inglês	<p>Regras de inserção e apagamento</p> <p><i>r-deletion</i>: <math>r \rightarrow \emptyset / V\_ [w]</math></p> <p><i>r-insertion</i>: <math>\emptyset \rightarrow r / V\_ [w] V</math> HIGH]</p>

Esta seção teve o objetivo de mostrar como o fenômeno das epênteses consonantais são tratadas pela literatura, em diversas línguas. Nossa intenção ao trazer análises em diferentes abordagens — como teorias com base em marcação e em regras — foi uma tentativa de perceber generalizações; ou seja, acreditamos que, mesmo em diferentes enfoques, há a possibilidade de se chegar a um denominador comum. Dessa maneira, por meio dos trabalhos apresentados (Lombardi, 1997; Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002; Blevins, 2006a, 2006b, 2007, 2008; Zygis, 2010; e Samuels e Vaux, 2011), identificamos os seguintes pontos:

- Segmentos epentéticos não estão presentes nas formas subjacentes (Vaux, 2001, 2002).
- As inserções consonantais mais comuns nas línguas do mundo são segmentos coronais, epêntese padrão; seguidos de glotais / laringais e glides homorgânicos as quais entram por inserção regular (Lombardi, 1997; Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002; Blevins, 2006a, 2007, 2008).
- Outras consoantes são autorizadas por meio de restrições morfológicamente condicionadas (Lombardi, 1997 (em parte); Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002).

- Há condicionamento fonológico, morfológico, sintático e prosódico em inserções consonantais (Lombardi, 1997; Blevins, 2006a, 2007, 2008; Vaux, 2001, 2002; Zygis, 2010).
- Epênteses coronais têm condicionamento morfológico e fonológico (Lombardi, 1997; Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002); e epênteses coronais ocorrem na coda, e por preferência fonológica em codas soantes (Lombardi, 1997).
- Inserções consonantais podem ter histórias naturais e não naturais (Blevins, 2006a, 2007, 2008; Samuels e Vaux, 2011).
- O dado diacrônico pode explicar opacidades sincrônicas, mas há casos em que reconstruções históricas não são possíveis, cabendo a explicação à sincronia (Blevins, 2006a, 2007, 2008)<sup>7</sup>.

Esses pontos são importantes, para o presente estudo, por indicar um parâmetro para a observação de inserções de segmentos consonantais no sistema do PB, pois, pela observação de dados preliminares em trabalhos anteriores (como veremos mais adiante), a inserção consonantal mais comum, em língua portuguesa, é de segmentos coronais. Cabe destacar que os estudos sobre consoante epentética, em PB, serão discutidos em capítulo próprio, mais especificamente, no capítulo 2, que é dedicado ao estado da arte, uma vez que, esta dissertação visa a observar dados da língua portuguesa, contribuindo de alguma forma com estudos que tratam do fenômeno da epêntese nas línguas do mundo.

---

<sup>7</sup> É importante salientar que a perspectiva diacrônica será assumida pela presente dissertação, sendo explorada em subseção específica.

## 1.2 TEORIA DA SÍLABA

Em seu percurso evolutivo, os estudos fonológicos foram desenvolvidos e propiciaram o surgimento de diferentes perspectivas analíticas. Assim, em sua história, podemos apontar, como início de tais estudos, trabalhos como os de Trubetzkoy e Jakobson que, baseados nos pressupostos saussurianos, representam obras fundamentais para a **Fonologia Estrutural**, como também, os trabalhos de Pike & Pike (1947), Pike (1967) e Kurilowicz (1948). Esse caminho continuou sendo percorrido por diversas perspectivas, tais como: a **Fonologia Gerativa** (Chomsky & Halle, 1968), a **Fonologia Métrica** (Selkirk, 1982), a **Fonologia Autossegmental** ou **Não-Linear** (Clements & Hume, 1995), a **Fonologia Lexical** (Kiparky, 1982 e Mohanan, 1982), com a **Teoria da Sílabas** (Selkirk, 1982), a **Teoria Prosódica** (Booij, 1983, e Nespor & Vogel, 1986), até as correntes mais atuais como a **Gramática Harmônica** (Legendre, Myata e Smolensky, 1990) e a **Teoria da Otimidade** (Prince & Smolensky, 1993 e MacCarthy & Prince, 1993).

A Teoria da Sílabas tem importância, neste estudo, porque o fenômeno da epêntese consonantal (inserção de um segmento em contexto de junção morfológica; isto é, entre a base e o sufixo, para resolver um problema de caráter silábico) está diretamente relacionado ao processo de **silabificação**. Assim sendo, nosso enfoque teórico estará baseado na estrutura hierarquizada da **sílabas** (Pike & Pike, 1947), que afirma que a sílabas é constituída de um **onset** (O) ou **ataque** (A) e uma **rima** (R) que, por sua vez, apresenta um **núcleo** (Nu) e uma **coda** (Co) (Kurilowicz, 1948), com exceção do núcleo, qualquer categoria poderá aparecer vazia. Além disso, de acordo com Bisol (1999), a sílabas é um constituinte que possui um *locus* importante na Teoria Fonológica, sendo fundamental dentro da Hierarquia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986) por ser o domínio de regras e processos.

A sílabas, como objeto de estudo, passou a receber atenção nos estudos fonológicos, ainda sob uma perspectiva linear, via Fonologia Gerativa Natural (Hooper, 1976) que concebe a sílabas como uma sequência de segmentos e não representa a sílabas fonologicamente. Posteriormente, a sílabas foi estudada numa perspectiva não-linear, que

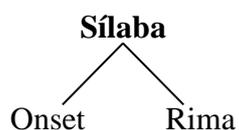
apresenta duas propostas referentes à constituição silábica: a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica.

Dos autores que defendem a primeira perspectiva, podemos citar Kahn (1976), Clements e Keyser (1983), Ito (1986), e Nespore e Vogel (1986); quanto à segunda perspectiva, temos autores como Kyparsky (1979), Selkirk (1982), e Harris (1983), entre outros. Cabe ressaltar que a diferença entre uma proposta e outra é a possibilidade de se aplicarem regras fonológicas no âmbito da sílaba ou em constituintes menores, tais como o onset ou a rima. Estas diferentes propostas de observação dos estudos fonológicos, envolvendo a sílaba, podem ser agrupadas em **Modelos Gerais** que estão destacados na subseção seguinte.

### 1.2.1. Modelos Gerais da Teoria da Sílaba

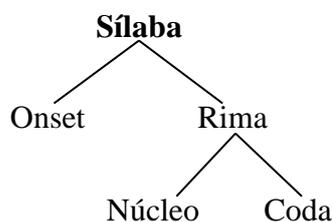
Muitos modelos têm sido desenvolvidos com o intuito de explicar a organização interna da sílaba. No entanto, das diversas propostas existentes, apenas três são considerados basilares. Cabe salientar que a presente dissertação não terá a pretensão de discutir os modelos de estruturação silábica, mas apenas apresentar como tais modelos se organizam.

A primeira proposta é conhecida como **Proposta da Ramificação Binária**. Nesse modelo, a sílaba é segmentada em constituintes imediatos, sendo a sílaba dividida em onset (O) e rima (R). Essa proposta foi introduzida, primeiramente, por Pike & Pike (1947).



Posteriormente, Pike (1967) dividiu a rima (R) em duas partes, núcleo (Nu) e coda (Co), com base na configuração proposta por Kurilowicz (1948). Essa estrutura foi

amplamente desenvolvida no modelo não-linear, que trabalha a sílaba em camadas (Harris, 1983; e Selkirk, 1986).



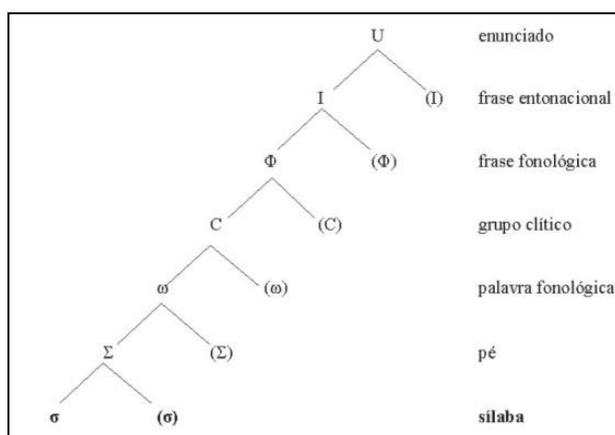
Selkirk (1982), a partir dos argumentos de Pike & Pike (1947, 1967) e Kurylowicz (1948), destaca três fatores a favor do estudo da sílaba, como mostra o excerto abaixo:

First of all, it can be argued that the most general and explanatory statement of phonotactic constraints in a language can be made only via the syllabic structure of an utterance. Second, it can be argued that only via the syllable can one give the proper characterization of the domain of application of a wide range of rules of segmental phonology. And, third, it can be argued that an adequate treatment of suprasegmental phenomena such as stress and tone requires that segment be grouped into units which are the size of the syllable (Selkirk, 1982: 337).

Para a autora, o primeiro argumento, que é mais geral, destaca que as línguas têm restrições fonotáticas que podem ser organizadas via estrutura silábica. O segundo argumento diz respeito ao fato de a sílaba ser domínio de uma ampla gama de regras. O último argumento salienta que é possível tratar de forma mais adequada fenômenos suprasegmentais (como o acento ou o tom), ao observá-los vinculados à sílaba (SELKIRK, 1982:337).

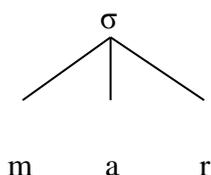
É na perspectiva da fonologia **Não-Linear** ou **Autossegmental** que se destacam as categorias prosódicas de uma dada língua; delineando-se uma escala prosódica que tem a sílaba como primeiro nível (Nespor & Vogel, 1986).

## REPRESENTAÇÃO 6: Diagrama da Escala Prosódica de Nespor & Vogel (1986)

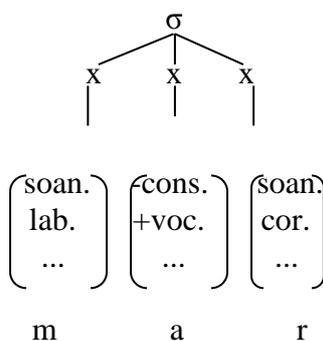


Fonte: BISOL, Leda (2014:260)

O segundo modelo é a **Proposta da Estrutura Plana**, nessa perspectiva, não há subconstituintes, apenas a sílaba simbolizada por *sigma* (entidade abstrata), de onde emergem ramificações, correspondentes aos segmentos (KAHN, 1976).



O terceiro modelo apresenta a **Proposta da Estrutura Silábica em Três Camadas** — assim sendo, a camada mais subjacente é formada por um único elemento σ (sílaba), segue-se a camada intermediária, CV, que apresenta funções distintas dentro da sílaba e, a terceira camada é a dos traços fonéticos, que constituem os segmentos que se manifestam na estrutura de superfície. O desenvolvimento da sílaba, sob essa abordagem, inicia com Clements e Keyser (1983) e é desenvolvido por Itô (1986).



Há ainda a Teoria das Moras (Harris, 1983; Hyman, 1985) que não nos detemos porque um estudo sob essa perspectiva não considera a sílaba em sua formação de constituintes imediatos. Nessa teoria, as sílabas são constituídas por unidades de peso conhecidas como moras.

Quanto à sílaba em PB, segundo Câmara Jr. (1976:43-4), as sílabas são formadas por um centro (ápice) configurado por uma vogal, e as margens (aclive ou declive), formadas por consoantes. De acordo com o autor, os tipos silábicos no PB apresentam desde estruturas simples até configurações complexas. Tais padrões estão representados a seguir:

#### REPRESENTAÇÃO 7: Padrões Silábicos do PB (Collischonn, 2005)

V	<u>É</u>	Núcleo
VC	<u>Ar</u>	Núcleo e Coda
VCC	<u>Instância</u>	Núcleo e Coda Complexa
CV	<u>Cá</u>	Ataque e Núcleo
CVC	<u>Lar</u>	Ataque, Núcleo e Coda
CVCC	<u>Monstro</u>	Ataque, Núcleo e Coda Complexa
CCV	<u>Tri</u>	Ataque Complexo e Núcleo
CCVC	<u>Três</u>	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVCC	<u>Transversal</u>	Ataque Complexo, Núcleo e Coda Complexa
VV	<u>Aula</u>	Núcleo e Coda
CVV	<u>Lei</u>	Ataque, Núcleo e Coda
CCVV	<u>Grau</u>	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVVC	<u>Claustrofóbico</u>	Ataque Complexo, Núcleo e Coda Complexa

Sabemos que cada sistema linguístico determina o tipo de segmento que poderá ocupar diferentes posições dentro de padrões silábicos. Para o PB, os segmentos licenciados em posições silábicas apresentam as seguintes especificações, segundo Bisol (1999): (i) se houver uma consoante no ataque, esse *locus* poderá ser preenchido por qualquer consoante do sistema do PB; (ii) em caso de ataque complexo — isto é, a possibilidade de se licenciar até duas consoantes no ataque — a primeira só poderá ser uma obstruinte (plosiva ou fricativa labial), e a segunda só poderá ser uma líquida (/r/ ou /l/); (iii) a rima apresenta, maximamente, três elementos, sendo a vogal (núcleo), o elemento obrigatório, e outros dois elementos que constituem a coda e não são obrigatórios; se a coda for simples, será formada por soantes /N, r, l, s/; se for complexa, será formada pela sequência soante + /S/.

É a Condição de Boa Formação da Sílaba que vai determinar a estrutura silábica ideal de uma língua. Então, sequências silábicas que apresentam padrões não

previstos no molde silábico de uma dada língua serão resolvidos com alternativas que contornarão esse problema aparente<sup>8</sup>. Por exemplo, uma palavra como *etnia*, que apresenta a plosiva /t/ em coda (segmento não licenciado para essa posição em PB), terá esse problema solucionado pela inserção de um segmento vocálico após a plosiva. Isso permitirá uma estrutura resultante com uma sílaba a mais [e.t[ɨ].ni.a] ~ [e.ti.ni.a], padrões aceitos pela fonologia do PB. Essa inserção de um segmento em uma palavra para resolver o problema de uma sequência não licenciada em uma língua é denominada epêntese. Tal fenômeno será discutido na subseção seguinte.

### 1.2.2 A Epêntese Consonantal na Fonologia

O processo fonológico conhecido por epêntese e definido por Crystal (1985:110) como um tipo de inserção em que um segmento extra é acrescentado a uma palavra. Esse processo é verificado, em PB, em três posições específicas: (i) pode ocorrer no início da palavra denominando-se **prótese**, como em [istritu] (de *stritu*); (ii) no meio da palavra configurando **anaptixe**, como em [ritimo] (de *ritmo*); e (iii) ou no final de palavra, que é o que chamamos de **paragoge**, como em [puki] (de *PUC*).

Bisol (1999:729-33) aborda o processo da inserção consonantal em PB ao observar a sílaba no português. De acordo com a autora, a epêntese está presente em todos os níveis lexicais e no nível pós-lexical, sendo entendida como parte da sílaba. Sobre isso, Bisol afirma:

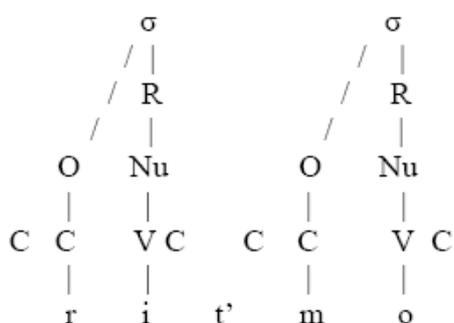
Se os princípios de composição da sílaba básica deixarem dessilabado material que viole os princípios universais ou convenções de língua particular, a silabação iterativa, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, processa-se em torno de nós vocálicos vazios, preenchidos, mais tarde, por “default” ou assimilado, legitimando uma configuração silábica (BISOL, 1999:729).

---

<sup>8</sup> Esses desvios de padrões silábicos, em PB, são destacados por muitos autores que se atêm a descrever a sílaba em PB, mas o primeiro a verificar tais problemas foi Camara Jr. (1976:46).

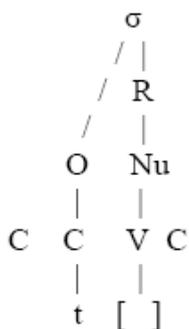
A partir do exposto no excerto e pela análise da palavra *ritmo* (BISOL, 1999:729-30), por meio do modelo arbóreo definido por Selkirk (1982), a autora apresenta as etapas da silabificação. Dessa forma, na primeira etapa, os núcleos de sílabas são associados aos nós silábicos. A seguir, o ataque é associado à esquerda de acordo com o Princípio de Maximização do Ataque. Nesse primeiro momento, a obstruente não é associada a nenhum nó silábico, por não satisfazer as condições de ataque (\*ri.tmo) e coda (\*rit.mo). A representação da primeira etapa da silabificação está expressa a seguir:

**REPRESENTAÇÃO 8: Primeira Etapa da Silabificação (Bisol, 1999)**



Na segunda etapa da silabificação, a obstruente perdida é ajustada ao padrão silábico CV, via epêntese, que consiste na associação do elemento extraviado a uma V vazia. Isso implica, no nível subjacente, a ocorrência de estruturas subespecificadas e dá à epêntese o papel de recurso de salvação para elementos flutuantes, ainda no nível do léxico. Tal processo permite que a consoante perdida seja silabificada como ataque de uma V não associada ao material fonético, tendo como resultado a estrutura ‘ri.ti.mo’ com padrão silábico CV. A representação da segunda etapa está expressa abaixo:

**REPRESENTAÇÃO 9: Segunda Etapa da Silabificação (Bisol, 1999)**



Cabe destacar que o exemplo anterior ocorre em casos de inserções mediais; em casos de epênteses em posição inicial de palavra, Bisol (1999:735-6) salienta que a consoante inicial é preservada por extrametricidade, já que tal propriedade evita o apagamento de segmentos não associados à sílaba durante a silabificação por considerar o elemento invisível. O Princípio de Preservação da Estrutura (Kiparsky, 1982) garante que as condições lexicais sejam preservadas durante o processo cíclico. Com isso fica proibida a criação de novas sílabas no léxico. As epênteses em final de palavra são tratadas do mesmo modo por Bisol, sendo protegidas do apagamento durante todo o léxico pela extrametricidade; essa propriedade é desativada no pós-léxico.

De acordo com a autora, duas situações são possíveis em casos que a consoante perdida não possui a proteção de borda garantida pelo recurso da extrametricidade: (i) ou essa consoante flutuante é mantida por epêntese; ou (ii) é apagada pela regra de Apagamento do Elemento Extraviado (AEE). De acordo com Itô (1986:184), o Apagamento do Elemento Perdido (AEP) e o Processo da Epêntese são recursos que se realizam ao fim de cada ciclo devido ao Princípio do Licenciamento Prosódico que exclui o elemento não-silabado. O AEP é um processo universal, enquanto que a epêntese está mais para um processo sujeito à variação parametrizada própria de uma língua. Com isso o fenômeno da epêntese deve preceder o AEP para ocorrer, caso contrário, não se perceberiam evidências para a ocorrência da epêntese, já que os segmentos seriam apagados.

Outro aspecto a ser considerado relevante no processo de inserção de consoantes no PB, além da silabificação, é o **acento**. Muitos são os estudos que observam o acento em PB, em diferentes perspectivas, como as análises gerativas do acento de Leite (1974), Mateus (1975) e Lopez (1979), e as análises métricas como a de Bisol (1992) e Lee (1994). Estamos caracterizando o acento, aqui, pela análise métrica de Bisol<sup>9</sup>. Para a autora (2014:150), a regra do acento primário é a mesma para nomes e

---

<sup>9</sup> Julgamos importante destacar que a abordagem de Lee se diferencia da de Bisol por apresentar, como vantagem, a redução do uso da extrametricidade, em contrapartida, esta diminuição acarreta o aumento da quantidade de regras (distintas para verbos e não verbos, marcados e não marcados) usadas para dar conta do acento.

verbos, mas o domínio de aplicação da regra os difere, pois em nomes a regra é aplicada na palavra derivacional, a partir do radical + VT, ciclicamente; e em verbos, é aplicada à palavra pronta (palavra lexical). Bisol (1992a) elabora a regra do acento a partir de duas noções importantes: o pé métrico e o peso silábico. Qualquer exceção à regra passa a ser resolvida por meio da extrametricidade. Quanto às regularidades do acento em PB, há três situações: (i) o acento só pode ocorrer sobre uma das três últimas sílabas de um vocábulo; (ii) a posição do acento na penúltima sílaba é preferida, se a palavra termina por vogal; e (iii) a posição do acento sobre a última sílaba é preferida, quando a palavra termina por consoante ou ditongo (BISOL, 2014:142).

A partir do exposto, nossa intenção, ao considerar o acento como um dado importante para as inserções consonantais, se sustenta no fato de tais inserções, em PB, ocorrerem em contexto de juntura morfológica entre base + sufixo, nunca entre prefixo + base. Isso nos levou ao seguinte questionamento: por que as inserções consonantais só ocorrem onde há processo de sufixação [*café* + *-z-* + *al*] e não ocorrem em processo de prefixação [*a* + *portar*]? Este questionamento nos remete a uma ampliação da razão para ocorrer epêntese consonantal, em PB, indo além da simples “evitação do hiato”.

Como possível resposta, se observarmos a questão de borda, na borda esquerda de um vocábulo, *locus* de ocorrência da prefixação, há uma tolerância ao hiato, não ocorrendo consoante intrusiva, possivelmente porque muitos dos prefixos monossilábicos do PB têm tendência a serem átonos<sup>10</sup>. Já na borda direita, *locus* de ocorrência da sufixação, os sufixos iniciados por vogais tendem a serem tônicos em PB, gerando um contexto de “evitação do hiato”. O contexto é gerado justamente quando a vogal final da palavra base interage com a vogal inicial do sufixo e “solicita” uma consoante intrusiva. Em casos que há apagamento da vogal final da palavra base na anexação do sufixo iniciado por vogal, não há ocorrência de epêntese consonantal. Concluimos assim que a “interação” da vogal final da palavra base e vogal inicial do sufixo se dá ou por apagamento da vogal final da palavra base ou por inserção de uma

---

<sup>10</sup> Estamos considerando, aqui, apenas os prefixos monossilábicos que são átonos e não existem como formas livres. Os prefixos dissilábicos são casos de composição, aos moldes de Schwindt (2000), ou seja, prefixos composicionais, que apresentam um comportamento distinto dos prefixos legítimos (monossilábicos) ao apresentarem maior estabilidade semântica, acento próprio e serem potencialmente isoláveis.

consoante no contexto de junção. A partir do exposto, identificaríamos uma relação entre hiato e acento.

Para corroborar este argumento, tomamos por base o artigo de Schwindt (2013) intitulado *Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática*. Neste estudo, o autor assume que o pareamento da palavra morfossintática (PM) com a palavra fonológica (PF) pode apresentar diferentes extensões, como a possibilidade de haver coincidência entre as duas (palavra isolada), a palavra fonológica ser menor que a morfossintática (casos de derivação e composição), ou a palavra fonológica ser maior que a morfossintática (casos de cliticização). Especificamente, em seu estudo, o autor discute os casos de derivação e prefixação (SCHWINDT, 2013:15).

Na derivação, que também é o foco da presente dissertação, segundo o autor, a hipótese mais geral é a de que a construção da PM ocorre paralelamente à construção da PF, assim, restrições de alinhamento correspondem à boa formação de formas derivadas. Isso quer dizer que, no processo de prefixação, os prefixos contrõem com suas bases estruturas de incorporação (*descrito*), adjunção (*ilegal*) ou de composição prosódica (*pré-escola*), enquanto que no processo de sufixação, os sufixos estão sujeitos à incorporação (*brevidade*) ou à composição (*brevemente*) (SCHWINDT, 2013:16).

De acordo com o autor, a **composição** ocorre quando um afixo (PF) se combina com a base (PF). O critério é o acento, nesse caso, as formas afixais podem apresentar indícios de formas livres. A **adjunção**, por sua vez, associa uma PF já formada a uma forma presa, com estrutura prosódica menor que a PF (não acentuada). Por fim, a **incorporação** é um processo que não gera efeitos prosódicos deferentes dos produzidos no interior de qualquer vocábulo não afixado na língua, pois seus limites prosódicos se igualam aos de uma palavra simples. Para o autor, processos derivacionais, nesse caso, tomam como base um domínio puramente morfológico, o nível da raiz (SCHWINDT, 2013:16).

Podemos dizer que, de acordo com o autor, em PB, os sufixos coincidem com a principal pauta acentual de um vocábulo e que, prosodicamente, são anexados à base por meio de composição ou incorporação. A sufixação composicional é assegurada pela identificação de dois acentos no vocábulo (o da base e o do afixo), enquanto que a

incorporação não se espera que processos típicos de fronteira da PF atuem no contexto de junção base + sufixo (SCHWINDT, 2013:20-1).

Para os exemplos estudados nesta dissertação, contexto de junção morfológica entre uma base e o sufixo *-ada*, o caso, segundo os critérios de Schwindt (2013), é o de **incorporação**; ou seja, nos exemplos de apagamento da vogal final da base, o sufixo passa a ser incorporado pela base, como em *abacate + -ada = abacatØ + ada → abacatada*. Por outro lado, nos exemplos em que a vogal final da base é mantida, ocorre a inserção de consoante intrusiva para a “evitação do hiato”. A partir do exposto, podemos salientar que a ocorrência de epêntese consonantal, em vocábulos do PB, se dá na borda direita por uma questão de interação entre vogal final da palavra base e vogal inicial do sufixo (acentuado), que tem como consequência a evitação do hiato. A nós, cabe analisarmos nossa amostra para constatar se tal hipótese se procede.

Postas nossas observações sobre o fenômeno da epêntese e os estudos fonológicos, passemos, na subseção subsequente, a apresentar a abordagem morfofonológica que utilizaremos para realizar a análise dos dados de nossa amostra: a Fonologia Lexical.

### 1.3 FONOLOGIA LEXICAL

A **Fonologia Lexical**, que teve seu apogeu na década de 80 (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1982), apresenta como proposta a observação do léxico como algo além de um depósito de idiosincrasias, mas sim como o *locus* de domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas. As consequências imediatas dessa abordagem são a distinção entre regras lexicais e pós-lexicais, uma proposta específica de organização do léxico e a exigência de princípios e condições específicos para o modelo.

A Fonologia Lexical possui três mecanismos que são reguladores do modelo, são eles: (i), a **ciclicidade**, herança do modelo gerativo *standard*, (ii) a **Condição do Ciclo Estrito** (Mascaró, 1976), e (iii) o **Princípio de Preservação da Estrutura**.

O primeiro corresponde às regras fonológicas que são inter-relacionadas com a morfologia, e que são repetidas na medida em que, na formação de novos vocábulos, entrem morfemas em ambientes que satisfaçam suas aplicações. O segundo diz respeito à restrição de ciclicidade a ambientes derivados. O último determina que regras envolvidas na formação de palavras sejam preservadoras, ou seja, tais regras devem ser fiéis ao sistema fonológico da língua. Assim, alofones emergiriam apenas como resultado de regras pós-lexicais.

Sobre a Condição do Ciclo Estrito (Mascaro, 1976), tal condição diz que (BISOL, 2014:85-6):

### **Condição do Ciclo Estrito**

(a) Regras cíclicas apenas são aplicáveis em ambientes derivados

(b) A representação  $\phi$  é derivada de acordo com a regra R no ciclo j se e somente se  $\phi$  satisfazer a análise estrutural de R em virtude de uma combinação de morfemas introduzidos no ciclo j ou pela aplicabilidade de uma regra fonológica no ciclo j.

Apesar de a Condição do Ciclo Estrito, ao restringir a ciclicidade a regras envolvidas com a formação de palavras, tenha trazido luz para casos de opacidade, não considerou o fato de regras cíclicas também ocorrerem em ambientes não derivados. Por exemplo, a palavra *flor*, não derivada, recebe acento, e este se desloca de ciclo em ciclo:

$$[flor] \rightarrow [[flor[eira] \rightarrow [[[flor[ei[ar]$$

A solução, segundo Kiparsky (1982), ao contrapor estruturas marcadas e não marcadas, é admitir que as representações lexicais são governadas por dois sistemas: (i) um representado pelo conjunto de regras universais e particulares, das quais surgem valores não marcados de traços; (ii) outro representado por condições, dentre as quais a de marcação, aceitando-se, assim, que certos valores de traços podem ser marcados. Os dois sistemas serviram para evitar regras de redundância, que passaram a ser resolvidas na estrutura profunda. Como efeito, passou-se a se identificar dois tipos de segmentos, os supespecificados e os plenamente especificados.

A Fonologia Lexical admite dois tipos de regras: as cíclicas e as não cíclicas, que correspondem, grosso modo, a regras lexicais e pós-lexicais, respectivamente. Porém, são as regras ditas lexicais (envolvidas com a formação de palavras) a espinha dorsal do modelo. Tais regras lexicais atendem aos três mecanismos fundamentais do modelo (ciclicidade, princípio do ciclo estrito e preservação da estrutura). No entanto, tanto no léxico quanto no pós-léxico há regras que preenchem vazios e regras que mudam estruturas. As primeiras são preservadoras, as últimas podem ser variáveis. Além disso, as regras fonológicas podem ser conjuntivas ou disjuntivas. As primeiras podem ser aplicadas na mesma derivação em determinada ordem, como exemplo temos a elevação da vogal e o  $t > s$  no finlandês; as últimas ocorrem num mesmo contexto, mas são mutuamente exclusivas, se uma aplica, a outra não ocorre, assim temos, como exemplo, a harmonização e o abaixamento em verbos do português.

Sobre o ordenamento disjuntivo, Kiparsky (1973) propõe a *Elsewhere Condition* em que, de acordo com essa condição, num dado contexto, a regra mais específica ou complexa sempre é aplicada primeiro, sendo que a regra considerada mais geral será empregada apenas se a mais específica não for aplicada no contexto. De acordo com essa condição temos (BISOL, 2014:89):

#### ***Elsewhere Condition***

Regras A e B do mesmo componente se aplicam de maneira disjunta se e somente se:

- (a) A descrição estrutural de A (regra específica) inclui a descrição estrutural de B (regra específica)
- (b) O resultado da aplicação de A em  $\theta$  é diferente da aplicação de B em  $\theta$

Para exemplificar os efeitos de *Elsewhere Condition*, em PB, das regras que ocorrem em verbos, harmonização, truncamento, abaixamento e acento, a harmonia e o abaixamento são condicionados por *Elsewhere Condition*, pois a regra de harmonização vocálica está em competição com a regra de abaixamento, já que ambas são aplicadas na mesma vogal, dado o contexto favorável, aplicará sempre a mais específica ou complexa, no caso, a harmonização vocálica. Observe as derivações representadas a seguir:

### REPRESENTAÇÃO 10: Exemplo de *Elsewhere Condition* (BISOL, 2014)

	HARMONIZAÇÃO	ABAIXAMENTO
<i>Input</i>	fer + i + o] <sub>v</sub>	fer + e] <sub>v</sub>
Harmonia	i	—
Truncamento	∅	∅
Silabificação	fi.ro	fe.re
Acento	‘fi.ro	‘fe.re
Abaixamento	— (Bloqueio por <i>Elsewhere</i> )	‘fɛ.re
Outras Regras		
<i>Output</i>	‘fi.ru	‘fɛ.re

Fonte: BISOL, Leda (2014:88)

Para concluir a presente subsecção, tratemos da organização do léxico para a Fonologia Lexical. Segundo Bisol (2014:92):

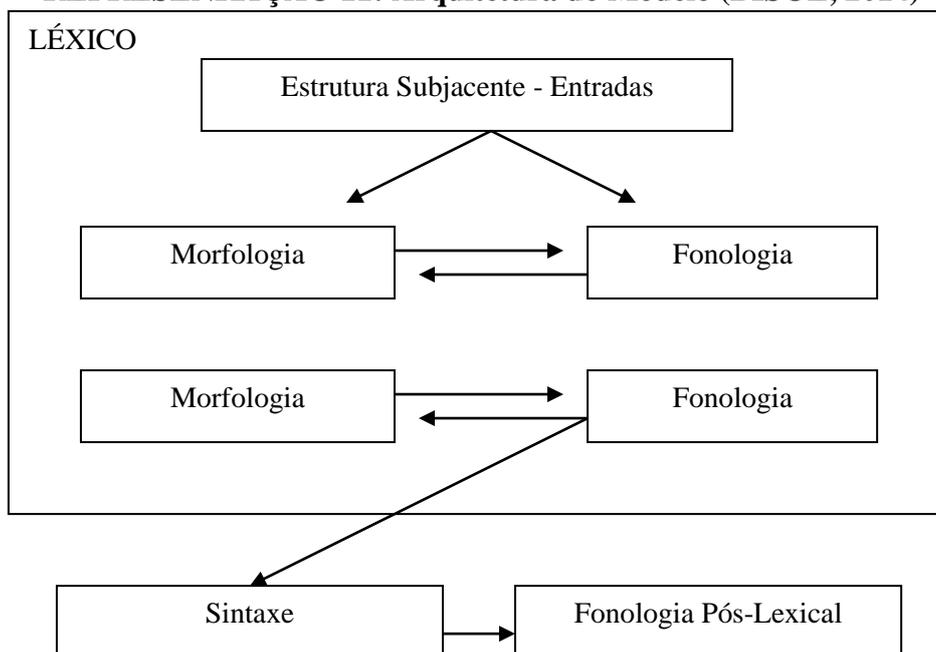
Admitida a premissa da inter-relação morfologia e fonologia, o modelo da Fonologia Lexical organiza-se em dois componentes: o lexical e o pós-lexical. Regras que interagem com a morfologia pertencem ao primeiro; regras que criam alofones pertencem ao segundo (BISOL, 2014:92).

De acordo com Bisol (2014), regras lexicais se caracterizam por ser cíclicas, serem sensíveis a Condição do Ciclo Estrito, ser preservadoras (atendem ao Princípio da Preservação de Estrutura) e apresentar exceções; por outro lado, as regras pós-lexicais não são cíclicas, não são preservadoras e não apresentam exceções.

Cabe salientar que apesar de os níveis de aplicação das regras fonológicas lexicais estejam relacionadas ao *stratum* morfológico, o que leva a inferir que a quantidade de níveis seja uma opção de língua. As análises, pela Fonologia Lexical, ou dividem o léxico em dois níveis de representação, o da raiz e o da palavra, respectivamente, nível 1 e nível 2; ou representam o léxico como um único componente.

A representação, a seguir, ilustra o modelo de organização do léxico pela Fonologia Lexical:

### REPRESENTAÇÃO 11: Arquitetura do Modelo (BISOL, 2014)



Fonte: BISOL, 2014:92

A escolha pela Fonologia Lexical como aporte teórico para a análise dos dados de nossa amostra, se deu porque o ambiente ou contexto de junção morfêmica estudado por esta dissertação é o ambiente derivado; isto é, diz respeito ao processo de formação de palavras que corresponde às regras cíclicas ou lexicais presentes no modelo.

Com a finalização de nossas observações sobre o fenômeno da epêntese, sobre a Teoria da Sílabas, e sobre a Fonologia Lexical, dedicamos a subseção seguinte a uma interface com a Etimologia, uma vez que, um de nossos objetivos, ao observar o estatuto de segmentos epentéticos, é justamente verificar se todas as inserções consonantais no PB são estritamente sincrônicas, isto é, se são fruto do sistema da língua, ou se apresentam explicação de ordem diacrônica.

## 1.4 DIACRONIA E SINCRONIA

Muitos estudos desenvolvidos, contemporaneamente, tendem a observar o fato linguístico pela **sincronia**, termo adotado por Saussure (2006:117) *para designar a concatenação dos fatos de uma língua num momento dado de sua história [...] num conjunto de correlações e oposições que constituem um estado linguístico, onde é apreensível uma estrutura* (CAMARA JR, 1999:220-1). A sincronia, pela perspectiva saussuriana, se opõe à **diacronia**, que é o termo usado por Saussure (2006:117) *para designar a transmissão de uma língua [...] através do tempo, sofrendo ela nesse transcurso mudanças em todos os níveis, cujo conjunto constitui a evolução linguística [...] o estudo diacrônico é assim a história interna da língua* (CAMARA JR, 1999:94); ou seja: compreende à gramática histórica. A posição da gramática sincrônica é descrever um fato linguístico sem, necessariamente, vincular essa descrição ao que a diacronia da língua nos revela. No entanto, estudos mais recentes da descrição linguística têm feito um retorno a abordagens diacrônicas de análise e, até mesmo, desconstruem essa visão dicotômica, proposta inicialmente por Saussure, ao apresentar teorias que observam diacronia e sincronia conjuntamente.

Dentre as abordagens que realizam um retorno à perspectiva diacrônica, podemos citar a **Fonologia Evolutiva** ou **Evolucionária** (Blevins, 2006a). Segundo Blevins (2006:245), o principal objetivo da Fonologia Evolutiva é explicar padrões sonoros recorrentes nas línguas faladas através do tempo e do espaço. Essa abordagem observa as conexões implicacionais no processo de mudança linguística devido à possibilidade de se reconstruir o percurso evolutivo de um processo fonológico por meio da identificação de padrões de sons recorrentes nas línguas. Tal perspectiva está exposta na subseção 1.1 no QUADRO 1 (*Quadro Geral da Fonologia Evolutiva*) baseada em Blevins (2006).

Quanto a análises que observam, conjuntamente, a diacronia e a sincronia, temos a **Fonologia Anficrônica** (*vide* Kiparsky, 2006; Bermúdez-Otero, 2013a, 2013b). Nesse panorama, segundo Kiparsky (2006:6), explicações diacrônicas e sincrônicas fornecem embasamento uma para a outra. Para o autor, estudos linguísticos devem apresentar ambos os pontos de vista. Isso leva a classificar universais a partir de

generalizações tipológicas que são bioprodutos de tendências de mudanças “acidentais”, universais ou quase-universais (KIPARSKY, 2006:6). Notadamente, a arquitetura modular da gramática prediz a possibilidade de modos de implementação de mudança fonológica, incluindo regularidades neogramáticas, além de permitir que se identifiquem pistas do ciclo de vida de padrões sonoros. Por sua vez, um entendimento do ciclo de vida substitui teorias gramaticais que se baseiam em amplas explicações de fenômenos sincrônicos.

No percurso do ciclo de vida, por exemplo, é comum que uma regra fonológica inove não apenas substituindo processos fonéticos, mas que inove coexistindo com tais processos. Esse tipo de regra pode gerar padrões morfofonológicos sensíveis. Similarmente, o ciclo de vida tem a tendência de aplicar processos fonológicos anteriores (mais antigos) em níveis mais altos da gramática do que processos fonológicos mais recentes. Por essa razão, versões de generalização de existência fonológica mais recente tendem a se aplicar mais amplamente em domínios morfossintáticos.

Em síntese, pela perspectiva da anficronia, universais fonológicos sincrônicos — especialmente aqueles que dizem respeito à arquitetura modular da gramática — delimitam possíveis caminhos para a mudança fonológica, mas estruturas de sistemas fonológicos particulares não podem, por si mesmos, serem entendidos sem referências ao percurso diacrônico do qual emergiram (BERMÚDEZ-OTERO, 2013b:1).

Salientamos que a presente dissertação não tem o objetivo de observar o fenômeno da inserção consonantal, no PB, especificamente, via Fonologia Evolutiva ou Fonologia Anficrônica, e nem meramente propor uma possibilidade de observação do fenômeno linguístico por um viés pancrônico<sup>11</sup>. Pretendemos sim, sem assumir um compromisso com qualquer modelo diacrônico, ter a possibilidade de cotejar informações linguísticas de ordem diacrônica com informações linguísticas de ordem

---

<sup>11</sup> O termo pancrônico tem origem grega e apresenta, em sua composição, o adjetivo *pan-*, com origem em *pâs*, *pâsa*, *pan*, significando 'todos, totalidade'; e *crônico* de *khronos*, significando 'ciência das medidas de tempo' (HOUAISS, 2009). Salientamos que a diferença entre modelos linguísticos que observam a diacronia (como a Fonologia Evolutiva e a Anficronia) e o viés pancrônico reside no fato de que, na pancronia, o sistema linguístico não está em jogo, ao passo que nos modelos linguísticos diacrônicos o sistema é operante.

sincrônica para verificar e comparar dados de natureza etimológica, que incluem a datação, bem como a atualização do valor semântico e a questão da analogia; comparativamente, com o sistema sincrônico linguístico do PB. O propósito é investigar quais inserções são, efetivamente, estruturas que pertencem ao sistema linguístico, e quais não são; ou seja, quais segmentos disponibilizam uma explicação diacrônico-etimológica para tal inserção “aparente”.

#### 1.4.1 A Etimologia

Para a perspectiva diacrônica de análise do léxico estudada nesta dissertação, escolhemos, como método, a etimologia da palavra derivada bem como a da palavra base, com o intuito de garantir, com maior propriedade, a qualidade ou estatuto dos segmentos consonantais do sistema do PB. Para tanto, usamos como suporte teórico as obras *Crítica Etimológica*, de Nogueira (1949), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Nascente (1955), e *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009). Assim, partindo da acepção da palavra *étimo* (Dicionário Houaiss), o termo tem origem na palavra grega *étumon*, ou, com um significado diacrônico de 'o verdadeiro significado da palavra segundo sua origem'; sincronicamente, o termo mantém um vínculo com seu significado originário:

[...] termo determinado e abonado (com exceção das formas hipotéticas), que serve de base para a formação de uma palavra; pode ser uma forma antiga (do mesmo idioma ou de outro) de que se origina a forma recente; pode ser o radical com um afixo, pode ser uma palavra moderna a partir da qual se formam outras, pode ser uma forma hipotética (da mesma língua ou de outra) estabelecida para explicar formas recentes (HOUAISS, 2003).

Utilizamos alguns recursos da **Crítica Etimológica**<sup>12</sup>, dessa maneira, para dar conta de nossa proposta de verificar se todos os segmentos que ocorrem no PB em posição de epêntese são verdadeiras inserções consonantais.

Com base no **Método Comparativo**<sup>13</sup>, verificamos a possibilidade de ocorrência de “epênteses etimológicas” ou “aparentes”, sendo este último, o termo que usaremos para nomear segmentos que a diacronia explica.

Para ilustrar nossa abordagem, observemos o exemplo da palavra *chapelada* levantado por Canfield (2010:36). Neste caso, a autora desconsiderou o /l/ como sendo uma inserção consonantal do sistema do PB, ao contrário de Cagliari e Massini-Cagliari (2000), ao vincular o /l/ a uma palavra originária do francês antigo (*chapel*). Canfield argumentou que essa seria a razão para o vocábulo manter a lateral na coda, não configurando, assim, um caso de epêntese.

Como visto pelo exemplo de Canfield (2010), é possível recorrer à etimologia para tratar do estatuto de segmentos inseridos em contexto de juntura morfológica, permitindo que se identifique que segmentos são verdadeiras epênteses do sistema da língua e quais são inserções aparentes, que se levantariam na estrutura por motivação etimológica. Porém, cabe salientar que uma abordagem diacrônica não foi o foco da análise de Canfield, a autora recorreu à etimologia apenas em casos específicos; por outro lado, a presente dissertação pretende usar de forma mais ampla os recursos oferecidos pela Crítica Etimológica. Dentre os diversos meios de análise que a abordagem etimológica dispõe, usaremos, principalmente, a datação, a identificação da evolução fonética e semântica, e a analogia, sempre que possível.

---

<sup>12</sup> A crítica etimológica consiste em usar diferentes recursos para identificar o étimo ou evolução de vocábulos por meio de critérios que permitam diferenciar os diferentes fenômenos que as palavras podem apresentar em seu percurso histórico (síntese nossa, a partir das observações de Nogueira, 1949; e Nascente, 1955).

<sup>13</sup> De acordo com Nogueira (1949:14), no método comparativo, o crítico etimológico, ao investigar o étimo de uma palavra, *não só deve comparar as várias formas por que passou dentro da mesma língua a palavra que está estudando; como deve comparar as várias formas por que passaram as palavras correspondentes morfológicamente nas outras línguas da mesma família; ainda como deve comparar, dentro da mesma língua e nas outras da mesma família, todas as palavras da mesma raiz.*

Sobre os recursos que selecionamos para observar nossos dados, de acordo com Nogueira (1949); a **datação** trata-se de um recurso vinculado ao Método Comparativo que permite investigar o étimo de uma palavra observando o tempo e o espaço, comparando uma única palavra com suas formas diacronicamente e com formas possivelmente correspondentes em outros idiomas. Cabe salientar que a datação contribui para a identificação de empréstimos e analogias entre as línguas (NOGUEIRA, 1949:12-14).

O segundo recurso é a **identificação da evolução fonética e semântica**. Com base em regras da Fonética Histórica e Etimológica, esse recurso permite identificar étimos diretos e indiretos (empréstimos). Isto significa dizer que, quando se trata do estudo etimológico de uma palavra, estuda-se uma forma em relação àquela de que proveio, a qual, por sua vez, pode ser proveniente de outra. Para esse segundo tópico, Nogueira (1949) traz um famoso exemplo com a palavra portuguesa *chapéu*, que associa o vocábulo à palavra latina *cappellu-*; entretanto, o autor desconsidera tal afirmação, uma vez que, segundo ele, o étimo desse vocábulo tem origem no francês *chapeau*, ou no francês arcaico *chapel* (*vide* Nascente, Meyer-Lübke, entre outros), logo, *chapeau* e *chapel* são considerados étimos diretos de *chapéu* e *cappellu-*, do latim, seria o étimo indireto, pois deu origem às palavras francesas (NOGUEIRA, 1949:38-40). Tal afirmação corrobora a explicação dada por Canfield (2010) para o vocábulo *chapelada*.

Por fim, a **analogia** é o terceiro recurso escolhido por nós. Segundo Coutinho (1970:150-56), a analogia é um princípio com o qual a língua tende a se uniformizar, reduzindo as formas idiossincráticas e menos frequentes a outras regulares e frequentes; é um caso de generalização que modifica os fenômenos vizinhos de acordo com os modelos de fenômenos que têm mais extensão. As modificações podem ocorrer em todas as instâncias da língua.

E assim finalizamos a revisão da literatura com a exposição do fenômeno da epêntese consonantal, nosso objeto de estudo, bem como a perspectiva morfológica de observação do fenômeno e a possibilidade de análise etimológica.

## 2. ESTADO DA ARTE

Este capítulo é dedicado a apresentar o estado da arte, ou seja, as análises realizadas, até então, que tratam da inserção consonantal em PB. Salientamos, porém, que o PB dispõe de poucos estudos específicos desenvolvidos; por essa razão, expomos apenas análises de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) e Canfield (2010) por tratarem, exclusivamente, da epêntese consonântica em PB. Além disso, damos destaque ao trabalho de Bisol (2010; 2011) que, ao tratar do sufixo de diminutivo *-inho* considera o /z/, em *-zinho*, como inserção consonantal. Por fim, trazemos a análise de Bermúdez-Otero (2013). Tanto Bisol (2010; 2011) quanto Bermúdez-Otero (2013) tratam do fenômeno da epêntese, indiretamente, ao observarem o ambiente derivado (contexto de juntura morfológica).

### 2.1 ANÁLISE DE CAGLIARI E MASSINI-CAGLIARI

Cagliari e Massini-Cagliari (2000), em seu estudo, tratam do processo da epêntese, especificamente, da inserção de um segmento consonantal em posição medial, a que se referem também pelo termo **consoante intrusiva**. Sob esse aspecto, os autores afirmam:

Os elementos intrusivos caracterizam-se por adicionar um segmento a uma palavra sem justificção etimológica. Em outros termos, isto significa que ocorre apenas um ajustamento fonético e, em geral, determina uma pronúncia estigmatizada ou não-padrão. Os segmentos intrusivos têm, em geral, o efeito de facilitar uma pronúncia ou a percepção de sequências de segmentos sonoros, adequando-se foneticamente ao contexto em que ocorrem, por exemplo, revelando um fenômeno de assimilação, como a presença de consoantes homorgânicas. (CAGLIARI & MASSINI-CAGLIARI, 2000: 164).

Quanto ao contexto de ocorrência da epêntese em PB, os autores destacam que o fenômeno da inserção consonantal ocorre apenas em juntura morfológica interna de

palavras derivadas com o objetivo de evitar o hiato. No processo derivacional, a estrutura típica é dada pelo acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) a uma base (raiz, radical ou palavra). Porém, não é verificada, em PB, a ocorrência de epêntese consonantal, como já observado, entre prefixo e base, nesses casos, a formação de hiato é permitida (*re-organizar*). Assim, em PB, a regra da epêntese aplica-se apenas em derivação sufixal (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2000:167). Cabe destacar que os autores analisam o fenômeno da inserção consonantal, em PB, via Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993).

O quadro 3, a seguir, apresenta os tipos de segmentos observados por Cagliari e Massini-Cagliari (2000) como passíveis de ocorrer em contexto de juntura morfológica, em PB, porém, segundo os autores (2000:167), nem sempre a ocorrência do segmento condiciona a realização ou não da epêntese.

**QUADRO 3: Tipos de segmentos que ocorrem em juntura morfológica em PB**  
(Cagliari e Massini-Cagliari, 2000)

<b>ESTRUTURA</b>	<b>EXEMPLO</b>	<b>EXPLICAÇÃO</b>
<b>Consoante + Vogal Tônica</b>	colher + -inha = colher-z-inha	Considerado os casos mais comuns, radical termina em consoante e o sufixo inicia por vogal. Os autores consideram os casos da ocorrência de -z- no sufixo -zinho (um caso especial), e o sufixo -ico (átono) um caso que costuma vir acompanhado de epêntese.
<b>Consoante + Vogal Átona</b>	flúor + -ico = fluirí-t-ico	
<b>Consoante + Consoante</b>	veloz + -mente = veloz-mente	Em contexto com duas consoantes, a primeira é um arquifonema /S,R,L,N/ em posição de coda. Há diferentes interpretações para a consoante inicial do sufixo, em que a posição mais comum é considerar que são parte do sufixo se não coronais, se forem, são interpretadas como epênteses. Porém, alguns gramáticos tradicionais atribuem essas consoantes coronais ao início dos sufixos.
<b>Vogal Tônica + Consoante</b>	pagá + -vel = pagá-vel	Nesses casos, a presença da consoante no início do sufixo exige que o radical termine por vogal de origem diversa (vogal temática verbal, flexão, vogal epentética). Esses casos levam a interpretação das consoantes como epentéticas quando coronais, no entanto, há a possibilidade de se considerar dois elementos epentéticos: um vocálico e um consonantal.
<b>Vogal Átona + Consoante</b>	grati + -dão = grati-d-ão	
<b>Vogal Tônica + Vogal Tônica</b>	chá + -eira = cha-l-eira	Nos casos em que há duas vogais tônicas, é mais comum que haja a inserção consonantal. Porém, a língua permite a ocorrência de

	caju + -eiro = caju-(z)*-eiro  *facultativo	hiatos.
<b>Vogal Tônica + Vogal Átona</b>	café + -ico = ca.féi.co	Se a primeira vogal for tônica e a segunda átona, pode ocorrer a formação de ditongo.
<b>Vogal Átona + Vogal Átona</b>	tema + -ico = tema-t-ico	Se as duas vogais forem átonas, ocorre epêntese. Se a vogal que inicia o sufixo for tônica, igualmente pode ocorrer epêntese consonantal. O exemplo <i>casarão</i> pode ser interpretado como apresentando um sufixo – <i>arão</i> anexado ao radical <i>cas-</i> .
<b>Vogal Átona + Vogal Tônica</b>	casa + ão = casa-r-ão	

Cagliari e Massini-Cagliari (2000:169) apontam uma relação entre a ocorrência de epêntese e os processos de **sândi** e **liaison**; uma vez que a epêntese acontece quando não há a presença de sândi. Esta regra elimina a primeira vogal em junção morfológica ou transforma a primeira vogal em parte de um ditongo com a vogal seguinte. O sândi não é aplicado em contexto derivacional, seu ambiente típico é a junção intervocabular, como em *lago + azul* [lagoazou]. Os processos de epêntese e sândi exigem a aplicação de *liaison*, ou seja, é a ressilabagem da consoante à esquerda, seja ela epentética ou pertencente ao radical, fazendo com que ela ocupe a posição de *onset* da primeira sílaba do sufixo, como em *mu.lher.+ o.na = mu.lhe.ro.na*<sup>14</sup>.

Além da relação da epêntese com as regras de sândi e *liaison*, Cagliari e Massini-Cagliari (2000:169-71) apresentam as seguintes restrições para lidar com o fenômeno da inserção consonantal via TO: MAX-IO, SANDHI, NOSANDHI, ALIGN e NOHIATUS. Dessa forma, a queda do segmento é representada como uma violação de MAX-IO, restrição essa que não permite apagamento. Já as restrições de SANDHI e NOSANDHI vinculam-se a restrições do tipo MAX. O processo de ressilabificação faz parte do alinhamento, sendo percebido como violação de uma restrição do tipo ALIGN, assim como a restrição NOHIATUS que não admite duas vogais contíguas numa sequência de sons. Para Cagliari e Massini-Cagliari (2000:169) esta última restrição proíbe a realização de hiato em contexto de junção morfológica sufixal interna de palavras.

<sup>14</sup> Os pontos marcam a fronteira silábica, o travessão ou o sinal de adição marcam a fronteira morfológica.

Como exemplo, os autores apresentam um caso considerado padrão para a inserção de epênteses em PB, cujo *input* é V(C) + V. O *ranking* proposto permite uma violação necessária de DEP-IO para que haja epêntese; por essa razão, tal restrição ocupa uma posição mais baixa na hierarquia. Entretanto, se não for possível a ocorrência de epêntese na estrutura, será permitido o hiato ou aplicação indevida da regra de sândi (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2000:170).

**TABLEAU 1: Contexto geral de juntura morfêmica interna de palavras derivadas por sufixação (Cagliari e Massini-Cagliari, 2000)**

V(C) + V	NOHIATUS	ALIGN	NOSANDHI	DEP-IO	ONSET
a. ☞ nu.dez				*	
b. nu.ez	*!				*
c. ☞ mar.zi.to				*	
d. ma.ri.to		*!			
e. ☞ ca.fé.zi.nho				*	
f. ca.fé.i.nho	*!				*
g. ca.féi.nho		*!	*!		

Fonte: CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2000:170.

Para evitar o hiato em *\*nuez*, houve a inserção da epêntese que violou apenas a restrição de DEP-IO, a não violação desta restrição acarretaria uma violação fatal na restrição NOHIATUS, mais alta na hierarquia. A violação do *onset* é considerada irrelevante pelos autores, por esta razão, está na posição mais baixa. Em *d*, ocorreu a aplicação indevida da regra de *liaison* por não aplicar uma epêntese esperada para aquele contexto. Em *g*, houve uma aplicação incorreta da regra de sândi, o que gerou uma violação fatal.

As consoantes que configuram como epêntese, em PB, têm o traço coronal, e de acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (2000:171), as consoantes epentéticas são: [t] – café-t-eira, [tʃ] – temá-tʃ-ico, [d] – nu-d-ez, [dʒ] – move-dʒ-iço, [l] – pau-l-ada, [r] – língua-r-udo, [z] – café-z-al e [s] – trai-ç-ão. Cabe destacar, neste ponto, que os autores não estão assumindo uma postura lexical, como a proposta por esta dissertação ao usar o modelo da Fonologia Lexical para analisar os dados de nossa amostra, mas sim, ao colocar [tʃ] e [dʒ] entre colchetes, os autores estão olhando para o dado pós-lexical, ou seja, regras pós-lexicais que são geradoras de alofones, observando dados além do ambiente derivado (formação de palavras).

Destacamos, desde já, que é complicado comparar o estudo de Cagliari e Massini-Cagliari a uma análise diacrônica (etimológica), como a proposta por esta dissertação, pois os autores realizam um estudo puramente sincrônico por meio de um exercício. Para os autores, todo sufixo em PB é iniciado por vogal; isto é, ignoram, de partida, que os sufixos em PB possam começar por consoantes. Dessa maneira, os autores retiram toda e qualquer consoante que apareça na estrutura vocabular naquela posição, passando a tratar a consoante como epentética. Uma palavra como *traição*, para os autores, tem na estrutura a epêntese [s], observada em *trai-[s]-ão*. Entretanto, uma análise como a proposta pelos autores disto da regra geral que é considerar a existência do sufixo *-ção*, iniciado por consoante. Esse sufixo, em especial, é bastante produtivo na língua, mas igualmente é possível identificar casos que a diacronia explica, como casos em que a consoante presente em *-ção* é fruto da assibilação de um [t], verificado na palavra *ablação*, do latim *ablatio,ónis*; e casos em que há ambiguidade por não ser possível identificar com segurança a palavra-base da derivação, como em *constituição* que pode ter sido gerada de *constituente* (forma nominal) ou de *constituir* (forma verbal).

Por fim, Cagliari e Massini-Cagliari (2000), concluem seu estudo expondo três situações de inserção consonantal específicas: em **sufixos de grau**, na **derivação com palavras terminadas em /S/** e o caso das **consoantes “evaporadas”**.

Os três casos estão agrupados, logo abaixo:

- a) **Sufixo de Grau**: duas categorias de sufixos de grau: (i) *-zinho, -zão* — funcionam como palavra fonológica independente, produzindo a formação de palavra do tipo composição; (ii) *-inho, -ão* — participam da formação de palavras por derivação. No entanto, o *-z-* pode ser considerado epêntese, sendo inserido em contexto específico.
- b) **Derivação com palavras terminadas em /S/**: palavras terminadas em /S/ podem ter a última sílaba tônica ou átona. No primeiro caso, o arquifonema /S/ realiza-se como fricativa surda (*feliz/felic-idade*); quando a última sílaba é átona, o /S/ é uma fricativa sonora (*pires/pirez-inho*). Nesses casos, não há epêntese, apenas *liaison* com não sonorização e sonorização da fricativa, respectivamente. O interessante é que, segundo os autores, é comum haver

epêntese quando o radical termina em arquifonema, o que não ocorre com palavras terminadas em /S/.

- c) **Consoantes “Evaporadas”**: algumas palavras terminadas por arquifonemas o perdem na derivação sufixal (quando sufixo de grau). Com a ausência da consoante na coda, a regra de sândi é aplicada, isso faz com que a vogal átona final do radical caia, levando a aplicação da regra de *liaison*, esta ressilabifica o contexto, passando a consoante final do radical para a posição de *onset* inicial do sufixo (como em *homem – hominho – homão*).

Em suma, Cagliari e Massini-Cagliari (2000) afirmam que a natureza das inserções consonantais, em PB, é definida por seu contexto de ocorrência.

## 2.2 ANÁLISE DE CANFIELD

Canfield (2010:7) inicia seu estudo sobre consoantes epentéticas apontando a escassez de material bibliográfico que trate do tema em PB, citando, dessa maneira, apenas o trabalho realizado por Cagliari e Massini-Cagliari (2000), como sendo o mais relevante ao analisar o assunto pela TO (Prince e Smolensky, 1993), uma perspectiva diferente do que havia sido feito, até então, pelos estudos sobre consoantes epentéticas que apresentavam uma abordagem mais tradicional.

Em sua dissertação de mestrado, a autora propõe realizar a análise do fenômeno da epêntese pela Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982 e Mohanan, 1982) e, por ser a epêntese um processo que envolve, diretamente, a silabificação, a autora utilizou a Teoria da Sílabas, sob os olhares de Harris (1983), de Itô (1986) e de Bisol (1999), sendo esta última a referência escolhida por Canfield para observar a sílaba do PB.

Para sua pesquisa, Canfield (2010) extraiu seu *corpus* a partir do projeto **Epêntese Consonantal: Regular e Irregular** (PUCRS/CNPq), coordenado pela professora Dra. Leda Bisol, sua orientadora. Em sua amostra, Canfield (2010) destaca a ocorrência das consoantes [z], [l], [r], [s], [g] e [t] como ocupantes da posição de

epêntese. Ao fundamentar sua análise na Fonologia Lexical, a autora salienta que a epêntese consonantal ocorre no componente lexical e não pós-lexical.

Na análise de seus dados, Canfield (2010:36-7) observa que a palavra *paulada* (com [l] epentético), forma derivada de *pau*, apresenta dois possíveis argumentos para a hipótese de que o segmento consonantal [l] não fosse efetivamente epentético. O primeiro argumento está relacionado diretamente ao vocábulo *paulada*, atribuindo ao segmento consonantal o valor de *glide*. Assim a autora destaca:

[...] acreditamos que é importante para a compreensão da palavra que o glide seja mantido mesmo com a entrada de /l/. Se [u] fosse apagado e gerasse *palada*, a relação de significado com *pau*, a palavra primitiva, seria opacificada, o que não ocorre na formação de *paulada*. Acreditamos que essa derivação esteja lexicalizada, ocasionando uma epêntese que não a esperada para a palavra, ou seja, *pauzada* (CANFIELD, 2010:36).

O segundo argumento para a inserção de [l] em *paulada* é claramente de ordem diacrônica, uma vez que *pau*, de acordo com a autora, se origina do vocábulo latino *palus*, que, na dialeção do latim para as línguas românicas, chegando ao português com síncope da consoante intervocálica e que teve como resultado final um ditongo. A autora afirma que, assim como ocorre com a palavra *chapelada* — a qual vinculou a epêntese [l] à palavra originária em francês antigo (*chapel*), com base em análises anteriores, que o vocábulo *pau* na derivação manteria a lateral na coda, não configurando um caso de epêntese; no caso de *paulada*, o segmento consonantal igualmente estaria presente no vocábulo desde a origem, sendo considerado mais um caso de não ocorrência de epêntese.

Em sua análise das inserções consonantais, Canfield (2010:35-8) refere-se a duas consoantes que se configuram como epênteses regular no português: (i) [z], como em *café* – *cafezal*, com base atemática, e (ii) [r], como em *milho* – *milharal*, com base temática, consideradas, entre as demais, consoantes *default*, permitindo a identificação de duas regras para epênteses consonantais em PB:

a) **Regra Default I** – [z] é *default* para palavras terminadas em vogal do radical

$$C \rightarrow [+cons + cont + cor + so] / V]_{[rad]} \_ V \dots_{[afix]}$$

|  
[OF]

b) **Regra Default II** – [r] é *default* para palavras-base terminadas em VT (vogal átona)

$$C \rightarrow [+soante, -nasal, -lat] / V]_{[tema]} \_ V \dots_{[afix]}$$

|  
[OF]

Por fim, acrescentamos, ainda, que Canfield (2010:51) vislumbra, em seu estudo, a possibilidade de mudança da vogal da base no processo derivacional, quando há a inserção de [r], mas a autora não chega a desenvolver o ponto. Este será retomado em nossa análise.

### 2.3 ANÁLISE DE BISOL

O estudo de Bisol (2010, 2011) não trata diretamente da inserção consonantal em PB, mas ao observar o sufixo de *-inho* pela Teoria da Otimidade, considera *-inho* o morfema de diminutivo e [z] em *-zinho* uma consoante epentética que emerge para satisfazer exigências estruturais. Em sua análise, Bisol (2010, 2011) seleciona restrições de fidelidade, alinhamento e marcação para analisar os dados.

Partindo do pressuposto de que os derivativos podem apresentar como base, uma raiz ou radical, uma palavra morfológica ou fonológica, a base de um diminutivo, em PB, é uma palavra morfológica definida em termos de radical + vogal temática (VT), em nominais temáticos (cf. *casa, bolo*), ou somente radicais, como em nominais atemáticos (cf. *café, pomar*).

Segundo a autora, a evitação do hiato é a maior motivação para a ocorrência de epênteses (BISOL, 2011:82-3). Em sua análise via TO, Bisol (2011) admite que nos candidatos que satisfazem as restrições referentes à silabificação e ao acento (altas na hierarquia proposta pela autora), é possível verificar, de acordo com os exemplos

expostos, que palavras temáticas e atemáticas comportam-se de maneiras diferentes. Em nominais temáticos, como em *patinho* (*pato* + *inho*), não há necessidade de inserção consonantal, pois a VT é apagada e o sufixo de diminutivo ajusta-se ao *onset* disponível (*pa.ti.nho*). Entretanto, nominais atemáticos, como em *cafezinho* (*café* + *inho*), a vogal do radical é preservada gerando um hiato, [z] entra para ocupar a posição de *onset* da vogal inicial do sufixo de diminutivo, resolvendo o hiato (*ca.fe.zi.nho*).

Outro aspecto verificado foi à fidelidade a traços fonológicos (BISOL, 2011:83-4). O sistema do PB perde a distinção entre as vogais médias na pretônica (*vide* Camara Jr., 2011), reduzindo o sistema fonológico de sete vogais para cinco vogais átonas na pretônica, com reflexos na postônica que se reduz a apenas três vogais na posição final. O diminutivo, no entanto, permanece fiel ao traço da vogal média da palavra base (como em *caf[ɛ] → caf[ɛ]zinho*), ignorando essa redução respeitada pela maioria dos derivativos (*vide* *c[ɛ]la → c[e]leiro*). Segundo Bisol, o diminutivo com epêntese, *cafezinho*, por exemplo, é um caso de derivação por justaposição<sup>15</sup>.

Bisol ainda destaca o fato de haver variantes como *colherinha ~ colherzinha* e *florzinha ~ florinha*. Aparentes exceções, como o par *mulherzinha ~ mulherinha*, podem ter sentidos diferentes. Em *mulherinha*, há um sentido pejorativo, já *rainho* e *mainha* expressam formas de tratamento (no Candomblé) ou de afeto (BISOL, 2011:85).

Outro ponto considerado por Bisol (2011) são os casos de sequências de vogais idênticas, que podem ocorrer na adjunção do afixo à base, em palavras atemáticas, cujas bases terminam em vogal alta [-post] (*abacaxizinho*, *\*abacaxiinho*, *\*abacaxinho*), ou quando, em palavras temáticas, ocorre o apagamento da vogal final, precedida de vogal alta [-post] (*riozinho*, *\*riinho*, *\*rinho*). Esses casos permitem um contexto de fusão, tal processo elimina as bordas que separam o radical do afixo.

---

<sup>15</sup> Para Câmara Jr. (1979), na derivação sufixal, há **aglutinação** quando há apagamento da vogal final átona do radical em contato com a vogal inicial do sufixo (cf. *lobinho* de *lobo*), ou se há redução ou descaracterização como “vogal de ligação” entre o radical e a consoante inicial do sufixo (cf. *amenidade* de *ameno* + *-dade*, com redução de *-o* para *-i*). A **justaposição**, é verificada no sufixo *-zinho*, que cria uma locução, em que o vocábulo fonológico correspondente à palavra primitiva tem a sua flexão ao lado da flexão do sufixo (cf. *lobazinha*, com a desinência de feminino tanto em *loba* como em *-zinha*) (CÂMARA Jr., 1979:215-16).

Em síntese, de acordo com Bisol (2010, 2011), o diminutivo mais recorrente, em PB, é o morfema *-inho*, este permite a inserção de /z/ epentético para satisfazer exigências estruturais, tais como a obrigatoriedade da sílaba ter *onset* e a preservação de traços fonológicos da base. Com isso, a ocorrência de *-zinho*, em alguns contextos, é apenas um efeito de superfície.

## 2.4 ANÁLISE DE BERMÚDEZ-OTERO

Esta última subseção é dedicada à análise de Bermúdez-Otero (2013) que trata do fenômeno da epêntese, indiretamente, ao observar o ambiente derivado.

Bermúdez-Otero (2014), que, em seu artigo intitulado *The Spanish lexicon stores stems with theme vowels, not roots with inflectional class features*, propõe uma discussão sobre a relação entre abordagens baseadas na raiz e abordagens baseada no tema. Por meio de exemplos do espanhol, o autor garante ser possível chegar a generalizações sobre a forma em que os temas ou sufixos condutores de temas são combinados à VT. Dessa maneira, temas nominais e sufixos condutores de temas, normalmente pertencem a uma das três classes de flexão, distinguindo-se por sua respectiva VT [-a], [-e], [-o]. A classe de VT em /-a/ é *default* para temas femininos, e a classe de VT [-o] é o padrão geral. No entanto, ao lado dessas generalizações, há uma grande idiosincrasia lexical; pois, a VT que um determinado tema de fato seleciona não pode ser predita a partir do padrão fonológico da raiz, nem a partir de suas características sintáticas. Diante disso, o autor apresenta duas abordagens possíveis para analisar a relação raiz-tema:

A primeira abordagem é orientada pela raiz, tal perspectiva tem a raiz como o ponto de partida da derivação gramatical, recorrendo a sinais diacríticos (como classe flexional), quando necessário, para lidar com as idiosincrasias em derivação da raiz para o tema. Esta é a linha seguida pela maioria dos proponentes da Morfologia Distribuída, que assumem que o armazenamento lexical é restrito aos expoentes de nós e de núcleos funcionais. No entanto, uma abordagem orientada pelo tema, em contrapartida, assume que o léxico permanente contém entradas para temas e sufixos

condutores de temas, completos, no caso do espanhol, com a VT adjungida. Generalizações sobre essas entradas lexicais, se cognitivamente reais, são expressas através de regras de redundância lexical (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:6-7).

Para Bermúdez-Otero (2013), a abordagem orientada pelo tema é superior a uma abordagem orientada pela raiz, sendo todo o seu argumento desenvolvido para provar esta hipótese. Para tanto o autor utiliza duas perspectivas: uma análise via Fonologia Lexical e outra via Teoria da Otimidade Estratal, como forma de garantir a superioridade da abordagem orientada ao tema em relação à abordagem com base na raiz, além disso, Bermúdez-Otero (2013:66) apresenta casos de inconsistência da última abordagem, dentre esses, citamos o seguinte exemplo:

a) Caso de inconsistência da abordagem baseada na raiz

- (i) Estrutura de Domínio do Ciclo
- |                |                |            |      |        |
|----------------|----------------|------------|------|--------|
| [Nível do Tema | [Nível do Tema | {konNt }a] | dor- | {∅ } ] |
|                | [Nível do Tema | {kweNt }   |      | { e }  |
- (ii) Primeiro Ciclo
- kwén.ta
- (iii) Segundo Ciclo
- \*kwen.ta.dór

No exemplo **a**, em que a derivação é baseada na raiz, no primeiro ciclo, o acento é atribuído na raiz, isso favorece uma alternância ditongal (regra regular no espanhol) que é conservada no segundo ciclo; ou seja, a seleção alomórfica ocorre no primeiro ciclo; porém, a forma resultante do *output* é um vocábulo agramatical, \*[kwentador], isso reforça a proposta do autor de superioridade da abordagem com base no tema. Segundo Bermúdez-Otero (2013:67), o problema enfrentado pelas teorias voltadas à raiz, na derivação da raiz para o lexema, é o fato de postularem que a seleção alomórfica constitui um fenômeno de primeiro ciclo, mas na alternância ditongal, no espanhol, os efeitos do primeiro ciclo estão ausentes (problema do ciclo perdido). Isso, para o autor, é indício de que análises baseadas na raiz são falhas na tarefa imposta por elas próprias que é a de definir os corretos domínios locais para a seleção alomórfica. A partir do exposto, conforme o exemplo a seguir, o autor afirma que a solução para o problema do ciclo perdido, levantado por um análise baseada na raiz, é admitir que o

léxico seleciona temas alomórficos, não raízes alomórficas (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:80-1):

b) Solução dada pela abordagem baseada no tema

(i) Estrutura de domínio do Ciclo  $[\text{Nível do Tema } \left\{ \begin{array}{l} [\text{Nível do Tema } \text{kONt-a}] \\ [\text{Nível do Tema } \text{kweNt-a}] \end{array} \right\} \text{dor-} \left\{ \begin{array}{l} \emptyset \\ e \end{array} \right\}]$

(ii) Primeiro Ciclo  $\left\{ \begin{array}{l} \text{kón.ta} \\ \text{kwén.ta} \end{array} \right\}$

(iii) Segundo Ciclo  $\text{kon.ta.dór}$

No exemplo **b**, com base em teorias voltadas ao tema que admitem a existência de temas alomórficos no léxico, é uma representação de que cada tema armazenado chega ao primeiro ciclo da derivação por conta própria; se existe competição entre os alomorfes, ela será resolvida no segundo ciclo por meio de dois processos: ou o tema alomórfico ocorre, ou apaga. Para garantir que a alternância ditongal não ocorra no nível dos sufixos presentes no nível da palavra, o autor sugere que instruções sejam inseridas nas entradas lexicais dos temas que estão concorrendo, estas instruções variam de língua para língua (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:80-1). O autor destaca que, por meio de uma abordagem com base no tema, a entrada lexical proposta, pelo exemplo da representação 20, gera um resultado adequado. Quanto ao problema do ciclo perdido, o autor conclui que os itens lexicais, que revelam a variação entre ditongos, armazenam, na verdade, dois temas distintos, os quais são mantidos no primeiro ciclo e cuja disputa é resolvida no segundo ciclo da derivação.

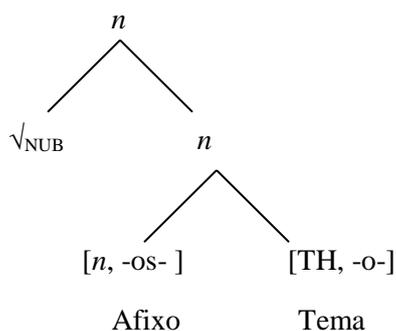
Sobre o processo derivacional, Bermúdez-Otero (2013:21) discute o fato do apagamento da VT em derivação baseada no tema. Assim, em relação ao acoplamento, a resposta está na característica da classe ou no armazenamento lexical, o mecanismo de pareamento de raízes e *suffix-stumps* com as VT em temas nominais deve atender a dois requisitos: (i) garantir que a VT de superfície esteja no lugar correto. (ii) fazê-lo de forma que acomode fatores morfofonológicos do espanhol (em particular, a presença ou

ausência de VT em nível mais abstrato da representação, a superfície deve ser consistente com a formulação adequada a esses níveis).

Em sufixos aumentativos, quando puramente avaliativos, o radical derivado herda o gênero da base. No entanto, é o sufixo, não a base, que escolhe a VT do tema. Assim, a VT da base desaparece antes do sufixo. Isso é essencial para a distinção de dois tipos de derivação (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:22): (i) uma baseada na raiz (ou com base no nó), e (ii) uma com base no tema (ou lexema). No primeiro caso, um afixo derivacional é atribuído a uma raiz (expoente do nó); no segundo caso, ao tema (expoente do lexema). A ausência ou apagamento de uma VT nominal de superfície antes de um sufixo derivacional requer explicação apenas se o derivativo é, de fato, baseado no tema; raízes não têm VT em qualquer caso. Um derivativo pode ser facilmente associado a itens baseados na raiz quando sua base está anexada e é acategorial. A identificação pode ser mais difícil, quando a sequência que precede o sufixo derivacional, na superfície, pode ser analisada tanto como raiz quanto como um tema sem VT, como as representações, via Morfologia Distribuída, logo a seguir (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:22-3):

### Representação 12: Derivação Baseada na Raiz para Bermúdez-Otero (2013)

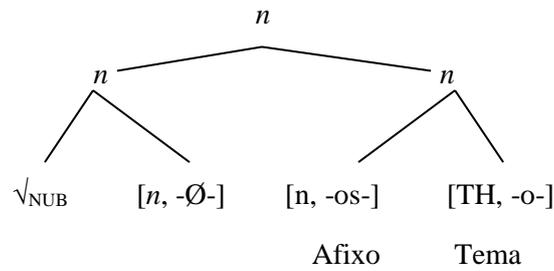
*Root-based derivation* – [n, -os-] se funde em um só nó e emerge com  $\sqrt{\text{NUB}}$ .



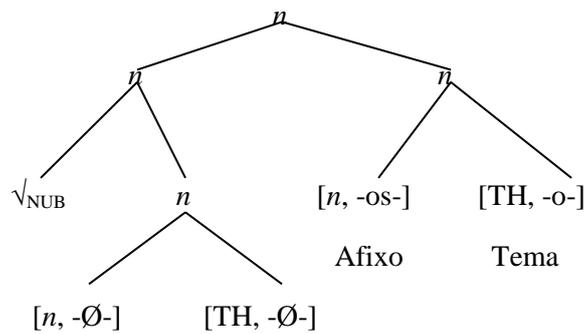
### Representação 13: Derivação Baseada no Tema para Bermúdez-Otero (2013)

*Stem-based derivation*– [n, -os-] é anexado fora do *n* nulo interno, ou seja, o afixo é atribuído externamente.

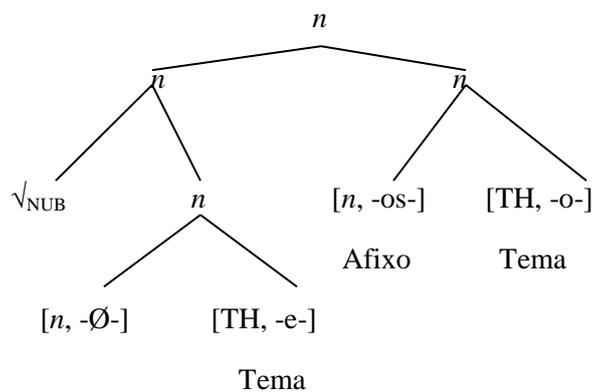
1. Posição do tema adjacente ao *n* externo.



2. Posições TH adjungidas em ambos os núcleos *n*, mas a posição TH mais interna tem realização nula.



3. Posições TH adjungidas em ambos os núcleos *n*, e ambas as posições TH são realizadas por VT.



Apesar de não haver um critério que garanta a distinção de forma segura entre a derivação baseada na raiz e a derivação com base no tema, em todos os casos relevantes, o autor assegura ser possível ir mais longe se aplicar um número de regras amplamente aceitáveis em diversas propostas vinculadas a análises morfossintáticas, fonológicas e semânticas (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:23). Segundo o autor, abordagens fonológicas estratificadas, como Fonologia Lexical e Teoria da Otimidade Estratificada, permitem uma análise de cunho fonológico importante. Nesses quadros, a expressão [base-afixo] é tida no nível do tema, constituindo um domínio fonológico para o nível do tema; e diz-se ser do nível de palavra, se constitui um domínio fonológico para o nível da palavra. Ser do nível do tema ou da palavra depende das propriedades da base e do afixo:

- 1) Expressões com base no tema podem ser do nível do tema ou do nível da palavra;
- 2) Expressões baseadas na raiz, só podem ser de nível do tema.

Por fim, Bermúdez-Otero (2013:26) salienta que a derivação com base no tema deve não só ser distinguida da derivação baseada na raiz, como também da derivação com base na palavra (*word-based derivation*) – em que a base é um item lexical sintaticamente livre. A derivação baseada na palavra é rara em espanhol, mas partitivos derivados de números cardinais fornecem bom um exemplo [[<sub>palavra</sub>dos-θjento-o-s] –áβ-o].

Sobre o armazenamento lexical na morfologia dirigida ao tema, Bermúdez-Otero (2013:33) salienta o fato de que a maioria dos autores analisa os fenômenos envolvendo a VT no espanhol, assim como em outras línguas, com base na hipótese de que a fonologia não é o fator responsável pelo apagamento da VT na sufixação, mas que tal papel caberia à morfologia. Para o autor há, ao menos, uma alternativa diferente que observa o fenômeno como sendo decorrente de um processo fonológico regular.

Tal alternativa é assumida pelo autor que vê, no *input* da morfologia, que cada tema (verbal ou nominal) do espanhol compõe um morfema temático, com exceção dos nomes atemáticos. Dessa maneira, uma representação, como a do exemplo **c**, apresenta a VT da representação subjacente é removida por meio de um processo fonológico

regular que a apaga quando precedida por um sufixo iniciado por vogal (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:33):

c) Apagamento da VT da base quando o sufixo inicia por vogal

$$\left\{ \begin{array}{l} [[ \text{koNt-o} ] \text{ist-a}] \rightarrow [\text{kwentist-a}] \\ \text{kwent-o} \end{array} \right.$$

Com sufixos altamente produtivos do espanhol, VT verbais são conservadas no processo de afixação (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:34), como em  $[_N[\text{vkont-a}]\text{dor-}\emptyset]$  (cf.  $[\text{kont-á-r}]$ ) e  $[_A[\text{vbe}\beta\text{-í}]\beta\text{l-e}]$  (cf.  $[\text{be}\beta\text{-é-r}]$ ), em que a VT da base verbal é mantida na inserção do sufixo derivacional, enquanto que, nos exemplos da representação a seguir, a VT é apagada (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:36-7):

d) Mais exemplos de apagamento da VT da base

$$(i) [_V\eta\text{kontr-á-r}] \rightarrow [_{N(\text{Nível do Tema})}\eta\text{kontr-ón-}\emptyset]$$

$$[_V\eta\text{kwen}^{\text{tr}}\text{-a}]$$

$$(ii) [_N\eta\text{kwen}^{\text{tr}}\text{-o}] \rightarrow [_{N(\text{Nível da Palavra})}\eta\text{kwen}^{\text{tr}}\text{-ón-}\emptyset]$$

A diferença entre os dois conjuntos de exemplos anteriores reside na forma fonológica do sufixo: quando o afixo inicia por consoante, não há apagamento da VT da base; no entanto, quando o afixo inicia por vogal, há apagamento da VT da base. Isso permite supor um processo fonológico que apaga a vogal antes do início da derivação, tal hipótese permite o levantamento de alguns princípios:

1) a existência de uma fronteira morfológica é essencial à aplicação do apagamento da vogal:  $[_N\text{leon-}\{e,\emptyset\}] \rightarrow [\text{le.ón}]$ .

2) o processo de apagamento não é iterativo, pois se há uma vogal adjacente à VT na raiz da palavra, ela não será afetada pela regra:  $[_A[\text{vmare-a}] \text{on-}\{e,\emptyset\}] \rightarrow [\text{ma.re.ón}]$ ,  $*[\text{ma.rón}]$ .

3) O apagamento não se aplica nas vogais sobre as quais incide a tonicidade, ou seja, não é aplicada com palavras atemáticas.

Em termos de armazenamento de temas (BERMÚDEZ-OTERO, 2013:57), quanto à questão do acoplamento, cada tema e sufixo condutor de tema possuem uma entrada lexical na qual a VT apropriada é listada juntamente com a raiz ou com o *suffix-stump*; assim, quando uma VT falha em vir à tona, a explicação é dada por um processo fonológico de apagamento da vogal final do tema independentemente motivado.

Bermúdez-Otero (2013), considera como geral o apagamento VT em palavras temáticas, no entanto, é possível identificar, em uma análise preliminar de nossos dados, vocábulos em que isso não ocorre. Perguntamos-nos, sobre os dados do PB, porque isso não ocorre? Que fatores influenciam o não apagamento da VT? Serão questões que a fronteira morfológica, processo de bloqueio, o dado semântico? Muitos são nossos questionamentos. Pretendemos responder, com a análise de nossos dados, pelo menos algumas delas.

Cabe, ainda, destacar que o autor considera fatores como o dado diacrônico e a questão do contexto semântico do vocábulo derivado como influenciadores de certos padrões estruturais, o que foge, um pouco, de uma análise puramente morfofonológica das palavras derivadas. Todavia, consideramos todos esses fatores essenciais para observar os dados em todas essas instâncias.

Antes de encerrarmos esta subseção, julgamos importante salientar que Schwindt (2013) traz uma abordagem contrária a Bermúdez-Otero (2013) ao considerar, para dados do PB, que a base da derivação é a raiz e não o tema, como propõe o autor espanhol. De acordo com Schwindt (2013), a hipótese de que PB não possui sufixos adjuntos conduz à discussão clássica sobre a definição da base da derivação (raiz ou palavra). Sobre isso, o autor:

O português é pródigo em exemplos de vocábulos em que, em nível de superfície, não se detecta qualquer segmento interveniente entre raiz e sufixo. Isso pode ser constatado tanto em palavras cujo sufixo se inicia por consoante (cristão → cristandade / \*cristãodade / \*cristanodade) quanto em palavras derivadas por sufixos iniciados por vogal. A vogal inicial do sufixo parece se superficializar sem levar em conta a qualidade da vogal que fecha a palavra ou o tema (a PW em nossos termos) (SCHWINDT, 2013:24).

Como forma de corroborar sua hipótese, Schwindt (2013:24) usa exemplos de vocábulos encerrados por vogal seguidos por sufixos iniciados por vogal, que colocam em xeque a hipótese da adjunção do sufixo à base, como casos de apagamento da vogal

final da base (cf. *modal* de *modo*), casos de evitação do hiato (cf. *bananal* de *banana*), e casos de alinhamento do sufixo a um *onset* (cf. *apetitoso* de *apetite*). O fato, conforme o autor, é que muitos são os exemplos em que o reparo por hiato ou à sílaba sem onset não ocorre, como casos de hiato em sufixação iniciada por vogal (cf. *oleoso* de *óleo*).

Podemos dizer que, segundo Schwindt (2013), é muito mais prático e econômico, linguisticamente falando, considerar que a base da derivação seja a raiz do que a palavra, por ser mais funcional crer que, em uma palavra como *apetitoso*, a base seja *apetit-*, e não o tema *apetite* com apagamento da VT da base (cf. *apetite* + *-oso* → *apetitØoso* → *apetitoso*). É mais favorável, de acordo com o autor, considerar que a estrutura não estava presente na subjacência, em um processo derivacional, do que estar lá e ser apagada para que o processo derivacional ocorra.

Apesar dos argumentos de Schwindt (2013) formarem um contraponto com a análise de Bermúdez-Otero (2013), para a presente dissertação, partiremos do pressuposto de que a base da derivação é uma raiz, um radical (tema) ou uma palavra (morfológica ou fonológica).

Neste capítulo, apresentamos nossas observações sobre o estado da arte, trazendo os estudos de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) e Canfield (2010), que são os trabalhos de maior destaque sobre epêntese consonântica, em PB, sob perspectivas que não tratam do fenômeno de maneira tradicional, isto é, análises pela Teoria da Otimidade e pela Fonologia Lexical, respectivamente. Trouxemos, por fim, os estudos de Bisol (2010, 2011) e Bermúdez-Otero (2013), que analisam, na devida ordem, a epêntese com o sufixo diminutivo e o ambiente derivado, contexto para a aplicação da inserção consonantal. Fizemos, ainda, um contraponto à análise de Bermúdez-Otero (2013), que sustenta que a base da derivação é o tema, ao apresentarmos a perspectiva de Schwindt (2013), que afirma que a base da derivação, para dados do PB, é a raiz.

Isto posto, passemos ao capítulo 3 que trata dos procedimentos metodológicos tomados para a realização da análise a ser apresentada.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo, partimos de um *corpus* pré-existente compilado pelo bolsista de Iniciação Científica (IC), Rafael do Amaral Prudêncio, participante do projeto **Epêntese Consonantal Regular e Irregular** (PUCRS/CNPq), coordenado pela professora Dra. Leda Bisol.

Metodologicamente, para a compilação do *corpus* do projeto, o bolsista extraiu as unidades lexicais do Dicionário Eletrônico Houaiss (2009). Assim, naquele primeiro momento, foram retiradas entradas lexicais sufixadas. Os sufixos selecionados para aquele estudo foram os afixos *-ada*, *-al*, e *-eiro*. A escolha de tais sufixos foi conduzida pelas leituras de gramáticas da Língua Portuguesa — tais como as de Said Ali (1964), Bechara (2001), Cunha & Cintra (1985, 2008), entre outros, com o propósito de identificar os sufixos que mais ofereciam contexto para a realização de inserções consonantais. Em um segundo momento, o bolsista realizou um refinamento do *corpus*, selecionando apenas as palavras sufixadas que apresentavam epêntese consonantal em sua estrutura. Aquele procedimento levou à identificação de 195 unidades lexicais sufixadas com a presença de epêntese consonantal, sendo que 35 entradas lexicais foram verificadas no sufixo *-ada*, 64 entradas no sufixo *-al*, e 96 entradas lexicais com o sufixo *-eiro*.

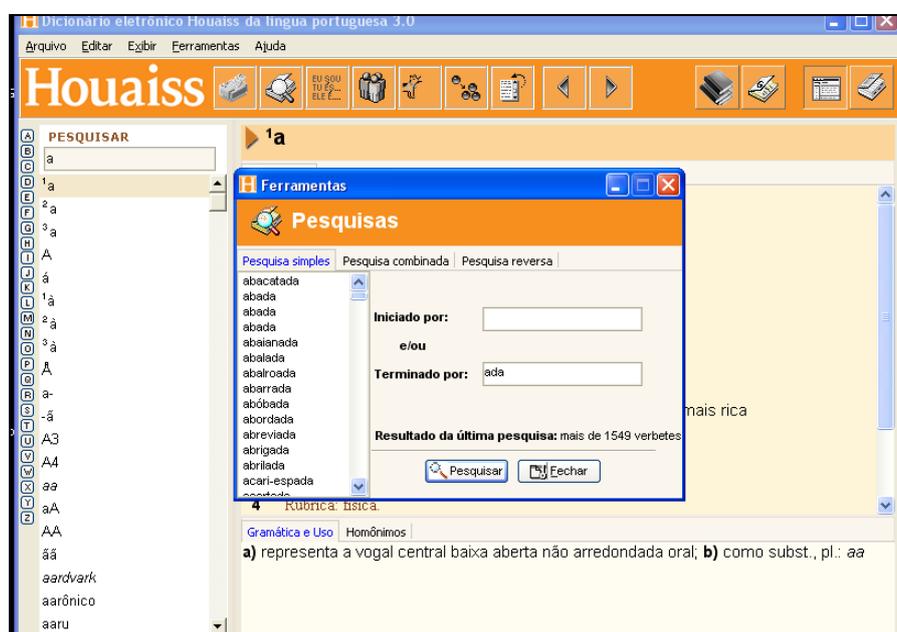
É importante destacar que estes mesmos dados do projeto foram utilizados por Canfield (2010) para o desenvolvimento de sua dissertação. Contudo, para o presente estudo, escolhemos apenas o sufixo *-ada*. Realizamos, então, uma nova coleta de dados, porque nos dados do projeto constavam apenas palavras sufixadas com epêntese consonantal e, para o presente estudo, passamos a considerar toda palavra dicionarizada com a terminação *-ada*. Nosso procedimento seguinte foi à organização do *corpus* desta dissertação, uma vez que, nos propusemos observar o universo de palavras nominais terminadas por *-ada*.

### 3.1 COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Para o presente trabalho, optamos pelo sufixo *-ada*, pois foi o que apresentou maior variedade de casos em contexto de juntura morfêmica e ofereceu diferentes tipos de bases (nominais e verbais), gerando formas bastante recorrentes na língua, tanto como substantivo, como em *abacatada* ou *bicharada*, como formas verbo-nominais, como em *soldada*.

A partir da escolha do afixo, realizamos uma nova extração de unidades lexicais, considerando, agora, toda terminação *-ada*, independentemente de ser afixo, no Dicionário Eletrônico Houaiss (2009). A extração das unidades lexicais deu-se por meio de uma ferramenta de pesquisa oferecida pelo próprio dicionário que permitiu que seleccionássemos apenas palavras com a terminação definida, como mostra a ilustração a seguir:

**FIGURA 1: Ferramenta de Pesquisa do Dicionário Eletrônico Houaiss (2009)**



A ferramenta permitiu que identificássemos mais de 1549 verbetes com a terminação *-ada*, porém, em uma contagem manual totalizamos **1544** unidades lexicais de base nominal e verbal com a terminação *-ada* no dicionário eletrônico. Salientamos que o total de palavras presentes em nosso *corpus* ficou menor que o total de palavras

identificadas, porque excluímos da contagem formas como o vocábulo *cada*, por não se tratar de um nome (cf. *abadá* ou *peixe-espada*) ou de um derivativo de base nominal (cf. *porcada*) ou verbal (cf. *abreviada*), mas sim de um pronome.

Realizamos, a seguir, um primeiro refinamento do *corpus*, distribuindo os vocábulos em três grandes grupos<sup>16</sup>, são eles: (i) palavras de base nominal com o sufixo *-ada* (cf. *sapatada*), totalizando 774 unidades; (ii) palavras de base verbal com o sufixo *-ada* (cf. *cortada*), 546 unidades lexicais; e (iii) formações vernaculares<sup>17</sup> e empréstimos linguísticos<sup>18</sup> com a terminação *-ada* não sufixal, com um total de 224 ocorrências, das quais 132 são palavras vernaculares (como em *peixe-espada*) e 92 são empréstimos de outras línguas (como em *abadá*, do ioruba, *abagda*), cabe salientar que o grupo (iii) é formado apenas por nomes. A partir dessa distribuição, fica justificada a exclusão de formas que não fossem derivadas ou que não fossem nomes (como o caso da palavra *cada*). Essa exclusão levou a um número total inferior de palavras terminadas com *-ada* (1544) do que o total oferecido pela ferramenta do dicionário (mais de 1549 verbetes).

Todos os três grupos estão descritos no capítulo seguinte a fim de melhor identificar o que ocorre em contexto de junção morfêmica, isto é, entre uma base e o sufixo *-ada*. Porém, nosso principal objetivo, como já mencionado na introdução desta dissertação, é observar o universo de palavras nominais e descrever o contexto de junção morfêmica dos itens lexicais com e sem inserção consonantal em busca de generalizações.

---

<sup>16</sup> A distribuição total dos dados de nosso *corpus*, em grupos, está organizada no **Apêndice** desta dissertação.

<sup>17</sup> A terminologia **formação vernacular** está sendo empregada com base em Câmara Jr (1999:240), que apresenta o seguinte conceito: *nome comumente aplicado à Língua Nacional [...] pelos seus próprios falantes, a fim de acentuarem os aspectos característicos e distintivos em confronto com as línguas estrangeira; ou seja, casos mais cristalizados.*

<sup>18</sup> **Empréstimos** aqui podem ser traduzidos como o [...] *contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato. A coincidência ou contiguidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feita o empréstimo constitui o substrato, um supertrato ou adstrato. Os empréstimos à distância são culturais. Os empréstimos podem ser, em princípio, de fonemas, de afixos [...], de vocábulos e de tipos frasais. Vide a palavra árabe al-xajjât > alfaiate. [...] O empréstimo cria um tipo de mudança linguística [...] inteiramente diverso do que resulta da evolução* (CÂMARA Jr., 1999:105-6).

A partir do exposto, o passo seguinte foi observar o universo de palavras nominais, que totalizaram, em nosso *corpus*, 999 unidades, entre palavras dos grupos (i) e (iii), sendo que destacamos as do grupo (i), por constituírem o principal objeto deste estudo, e observamos as do grupo (iii) — formações vernaculares e empréstimos — em seção específica.

O processo de organização das palavras do grupo (i) permitiu que identificássemos 774 vocábulos que foram distribuídos entre palavras temáticas e atemáticas, divisão atestada no trabalho de Canfield (2010). De acordo com Câmara Jr. (1999:205), o radical é a parte lexical do vocábulo que é a contraparte da flexão externa, que é ligada ou não pelo índice temático. Se essa parte lexical corresponder apenas a um semantema, tem-se um radical primário ou raiz; ou seja, se a vogal final da palavra base, que permite a derivação, pertencer ao radical, ela é tônica. Já em radicais ampliados com segmento fônico (índice temático) durante a derivação, que serve de característica mórfica de um conjunto de palavras da mesma espécie, neste caso, as vogais não pertencem ao radical, e são átonas. Pelo critério de Câmara Jr. (1999), temáticas são os nomes terminados por vogal átona, e atemáticas são os nomes terminados por vogal tônica, como também *os nomes que no singular terminam em -r, -s ou -l que são do tema -e e a vogal temática aparece no plural (cf. mar – mares) [...] sendo que nos nomes terminados em -l a vogal temática aparece ditongada em virtude da supressão do -l (cf. sal – sais)* (CÂMARA, Jr., 1999:231). Para a presente dissertação, consideramos como temáticos os vocábulos que terminados em vogal átona e atemáticos os vocábulos terminados em vogal candidata a acento, em ditongo e em consoante, o que nos leva a identificar, no primeiro grupo, 657 palavras temáticas e 117 vocábulos atemáticos. Do total de palavras temáticas, 640 não apresentam inserção consonantal em contexto de juntura e 17 apresentam; das atemáticas, 93 não inserem epenêtese em contexto de juntura morfêmica e 24 inserem.

Em seguida, ao que diz respeito à inserção consonantal, realizamos um segundo refinamento do *corpus* considerando um critério morfofonológico, dado o contexto de produção da epêntese — ambiente derivado. Esse segundo critério, igualmente observado por Canfield (2010:51), refere-se ao fato de que, dependendo do tipo de epêntese inserida há ou não modificação da base, isto é, se a inserção consonantal é o /z/, não há alteração, mas se a inserção é o /r/, há mudança da vogal

final da palavra base. Esse fato permite que identifiquemos, a partir de observações preliminares, uma possibilidade da existência de fronteiras morfêmicas que propiciam a modificação da vogal final da palavra base e fronteiras que restringem.

Expostos nosso procedimentos metodológicos, passemos ao capítulo seguinte que trata da análise dos dados e resultados obtidos a partir desta.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Este capítulo tem o intuito de apresentar a análise dos dados e os resultados obtidos por meio de tal análise. Para tanto, através da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1982) sob a perspectiva analítica de Câmara Jr. (1979, 1999, 2011) e Bermúdez-Otero (2013), pretendemos, a partir dos dados de nosso *corpus*, observar e explicar fenômenos presentes em contexto de junção morfológica, principalmente, a inserção de consoante no processo derivacional.

No primeiro capítulo, encerramos a subseção (1.1), que versava sobre o fenômeno da epêntese nas línguas do mundo, apontando, a partir dos textos lidos, características gerais das inserções consonantais. Nosso intuito foi identificar que características são verificadas no PB, a partir da análise de nossos dados. Dessa maneira, dentre os pontos levantados, constatamos, assim como afirmou Vaux (2001, 2002), que segmentos epentéticos não estão presentes nas formas subjacentes. Como exemplo, basta citarmos o processo de silabificação que passa um vocábulo ao receber um segmento epentético que entra na sílaba para resolver problemas estruturais.

Outro ponto que se aplica ao PB é o fato de as inserções consonantais mais comuns, nas línguas do mundo, serem segmentos coronais — epêntese padrão — (Lombardi, 1997; Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002; Blevins, 2006a, 2007, 2008), o que é verificado com a ocorrência de /z/ e /r/ como epênteses no PB. Além disso, há condicionamento morfológico e fonológico (Lombardi, 1997; Steriade, 2000; Vaux, 2001, 2002) em inserções consonantais, pois a epêntese de consoante, em PB, é um fenômeno fonológico que ocorre em contexto de junção morfológica (derivação sufixal).

Outra característica é o dado diacrônico que pode explicar opacidades sincrônicas (Blevins, 2006a, 2007, 2008). Como verificamos nos exemplos levantados por Canfield (2010) para os vocábulos *paulada* e *chapelada*, em que o /l/ é tido por epentético pela literatura, mas, por meio de uma abordagem diacrônica, é possível atestar que se trata de um segmento que já estava presente na origem da palavra.

Canfield (2010), em sua dissertação, afirma que as inserções consonantais regulares, em PB, são as consoantes /z/ e /r/, que a autora chama, respectivamente, de Regra Default I, para palavras-base terminadas em vogal do radical, e Regra Default II, para palavras-base terminada em vogal temática. A autora ainda destaca, ao fundamentar sua análise na Fonologia Lexical, que a epêntese consonantal ocorre no componente lexical.

Por fim, damos destaque a algumas considerações que levantamos, a partir da leitura dos textos e da análise dos dados de nossa amostra, sobre as epênteses consonantais: (i) inserções consonantais ocorrem em contexto de juntura morfológica (base + sufixo); (ii) epênteses são recursos usados para resolver problemas de caráter silábico (evitação do hiato); (iii) a inserção de consoante ocorre na borda direita da palavra (*locus* da derivação sufixal); (iv) possivelmente há uma relação entre acento e hiato (o que justificaria o fato de não haver inserção de consoante entre prefixo + base, no PB).

A partir do exposto, organizamos um quadro-síntese das características gerais das inserções consonantais, em PB, com base nos estudos do capítulo 1, 2 e na observação de nossos dados:

#### QUADRO 4: Características Gerais das Inserções Consonantais em PB

<b>CARACTERÍSTICAS DAS INSERÇÕES CONSONANTAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segmentos epentéticos não estão presentes na estrutura subjacente</li> <li>• São segmentos coronais (epêntese padrão)</li> <li>• /r/ e /z/ são as epênteses regulares do PB</li> <li>• /z/ ocorre em palavras-base terminadas em vogal do radical</li> <li>• /r/ ocorrem em palavras-base terminadas por vogal temática</li> <li>• Segmentos epentéticos ocorrem no componente lexical (formação de palavras)</li> <li>• Epênteses tem como contexto a juntura morfológica base + sufixo; logo, são verificadas na borda direita da palavra</li> <li>• Possivelmente há uma relação entre hiato e acento</li> <li>• Epênteses são recursos usados para resolver problemas estruturais de caráter silábico (evitação do hiato)</li> </ul>

Expostas as características gerais dos segmentos consonantais epentéticos, em PB, apresentaremos a análise propriamente dita, do nosso *corpus*, que corrobora tais características e identifica outras especificidades das inserções consonantais, como será atestado mais adiante.

Para tanto, partimos da análise de nossa amostra, composta por unidades lexicais que apresentam a terminação *-ada*, distribuída em três grupos: (i) palavras derivadas de base nominal (cf. *canjicada*, de *canjica*); (ii) palavras derivadas de base verbal (cf. *parada* de *parar*); e (iii) formações vernaculares (cf. *sardinha-dourada*) e empréstimos (cf. *olimpíada*) com terminação não sufixal. O primeiro grupo, composto por palavras derivadas de base nominal, foi distribuído em dois subgrupos, o de vocábulos temáticos — cujo radical termina em vogal átona; e o de atemáticos — que terminam em vogal do radical, em ditongo ou em consoante. O segundo grupo, palavras derivadas de base verbal, é constituído de formas verbo-nominais, este dado leva a uma interpretação ambígua, como veremos em subseção específica. O último grupo é composto de formações vernaculares e empréstimo com terminação *-ada* não sufixal, isto é, são formas nominais não derivadas.

Quanto às frequências, de um total de 1544 (100%) unidades lexicais com a terminação *-ada*, encontramos 774 (50,13%) palavras derivadas de base nominal, 546 (35,37%) derivadas palavras de base verbal e 224 (14,50%) formações nominais terminadas por *-ada* não sufixal (nomes não derivados). A tabela 1, a seguir, representa esta relação. Cabe destacar que, num universo de 1544 palavras com a terminação *-ada*, os nomes (derivados e não derivados – 64,63%) superam as formas verbais:

**TABELA 1: Universo de palavras com a terminação *-ada***

<b>Nomes Derivados</b>	50,13%
<b>Nomes Não Derivados</b>	14,50%
<b>Verbos Derivados</b>	35,37%

É importante dizer que, no conjunto de dados dessa amostra, de um total de 774 (100%) nomes derivados, apenas 41 (5,3%) apresentam epêntese consonantal. O interessante desse dado é a possibilidade de relacionar uma regra ou processo padrão com a frequência dessa regra ou processo, em uma determinada língua. Assim, no caso das consoantes epentéticas, a aplicação da regra ocorre em poucas palavras, apenas 5,3% de 774 palavras nominais identificadas em nosso *corpus*.

A tabela 2, logo a seguir, apresenta o total de palavras derivadas com e sem consoante epentética distribuída em dois subgrupos: palavras temáticas (657) e atemáticas (117). Cabe salientar que a distribuição entre nomes temáticos e atemáticos aqui é diversa da apresentada por Câmara Jr. (1979, 1999, 2011), que considera atemática apenas os nomes terminados em vogal tônica. Para nós, as atemáticas incluem, além das palavras terminadas em vogal candidata a acento, as palavras terminadas em consoante e os vocábulos terminados em ditongo (orais e nasais).

**TABELA 2: Relação de palavras nominais temáticas e atemáticas com e sem epêntese**

	<b>TOTAL</b>	<b>Sem Epêntese</b>	<b>Com Epêntese</b>
<b>Nomes Temáticos</b>	657 (84,9%)	97,4%	2,6%
<b>Nomes Atemáticos</b>	117 (15,1%)	79,5%	20,5%
<b>TOTAL</b>	<b>774 (100%)</b>		

Na tabela 2, de 774, apenas 15,1% são nomes atemáticos e 84,9% são nomes temáticos. Dos nomes temáticos 640 (97,4%) não possuem epêntese consonantal em sua estrutura, e 17 (2,6%) apresentam. Quanto aos nomes atemáticos, 93 (79,5%) não possuem inserção consonantal e 24 (20,5%) possuem. A partir das informações da tabela, é seguro dizer que as palavras atemáticas são as que mais oferecem contexto para a aplicação de inserções consonantais.

Concluída a caracterização mais generalizada dos grupos definidos a partir dos dados de nosso *corpus*, passemos à análise específica de cada grupo, isoladamente. Iniciemos, então, com as palavras derivadas de base nominal.

## 4.1 PALAVRAS DERIVADAS DE BASE NOMINAL

O primeiro grupo, palavras derivadas de base nominal, como mencionado anteriormente, foi dividido em dois subgrupos: um de vocábulos temáticos — cujo radical termina em VT; e outro de vocábulos atemáticos — cujo radical termina em vogal do radical, em ditongo ou em consoante. Assim, de um total de 774 unidades lexicais derivadas de base nominal, 84,9% são vocábulos temáticos (657 ocorrências) e 15,1% são atemáticos (117 ocorrências).

Expressas as frequências do presente grupo, passemos às palavras temáticas.

### 4.1.1 Palavras Temáticas

Segundo Camara Jr. (2011, 1970) e Bermúdez-Otero (2013:7), ao que competem às palavras temáticas, a VT é adjungida ao radical, sendo apagada diante de sufixos como padrão geral do processo derivacional. O apagamento da VT é causado por um processo fonológico regular.

Sobre a derivação, Bermúdez-Otero (2013) afirma que a VT é parte constituinte do tema, em palavras temáticas, sendo o tema à base da derivação, isto é, para o autor, a VT faz parte do radical, estando presente na estrutura subjacente. Ideia essa que o autor defende com diversos argumentos e exemplos, entre os quais as palavras [N[vbeβ-í]βl-e] e [N[kont-a]dor-Ø], em que a VT /i/ e /a/ são representadas como partes constituintes do tema na subjacência.

Isto posto, para o presente trabalho tomaremos por regra que a base da derivação sufixal para as palavras temáticas é o tema. Dessa maneira, para as palavras temáticas derivadas de base nominal, identificamos 657 unidades lexicais, das quais 640 não inserem consoante e 17 inserem. Dos nomes derivados que não apresentam epêntese consonantal em sua estrutura, 638 vocábulos seguem o padrão geral para palavras temáticas: o apagamento da VT. Assim sendo, numa palavra como *abacatada*, a base (*abacate*) apresenta apagamento de VT (*abacatØ*) quando o sufixo *-ada* é

anexado a ela, comportando-se da mesma forma que os dados do espanhol analisados por Bermúdez-Otero (2013)<sup>19</sup>.

(1) Estrutura Subjacente	/abacat-e –ada/
Primeiro Ciclo	/abacate/
Silabificação e Acento	/a.ba.´ca.te/
Segundo Ciclo	/a.ba.ca.te -ad-a/
Adjunção do Afixo	/abacateada/
Silabificação e Acento	/a.ba.ca.´ta.da/
Estrutura de Superfície	[a.ba.ca.tá.da] e não [a.ba.ca.te.á.da]*

Segundo a Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1982), o primeiro ciclo tem por resultado, a palavra base silabificada e acentuada (*abacate*). No segundo ciclo, acrescenta-se o afixo, apaga-se o acento anterior (Condição de Apagamento do Acento - CAA), ocorre nova silabificação e a regra do acento volta, cabe destacar que a silabificação e a regra do acento são processos disponíveis, sendo aplicados sempre que necessário. Dessa maneira, pela derivação em (1), uma palavra como *abacataada* tem, na estrutura subjacente, a forma /*abacate + ada*/ que sofre, no segundo ciclo, o apagamento da VT, deixando a última sílaba da palavra base *abacate* sem *onset*, este espaço passa a ser ocupado pela vogal inicial do sufixo gerando o *output abacataada*.

Esta regra de apagamento da vogal final do tema na anexação de um afixo, exemplificada em (1), ocorre em 99,6% das palavras nominais de nossos dados, ou seja, são 638 unidades lexicais temáticas que apresentam apagamento de VT, portanto é uma regra de aplicação categórica. Cabe salientar que tal regra apresenta apenas dois casos de exceção (0,4%), em que a VT da palavra base é preservada na sufixação, são elas: *patacoada* (*pataco + -ada*) e *tralhoada* (*tralho + -ada*).

---

<sup>19</sup> A derivação está sendo apresentada em forma sumariada com foco no segundo ciclo.

#### 4.1.1.1 Epêntese Consonantal em Palavras Temáticas

O grupo das palavras temáticas nominais ainda conta com 17 vocábulos que inserem uma consoante epentética no contexto de juntura morfêmica. Sobre o comportamento deste pequeno grupo (2,6% das 657 palavras temáticas), a regra é a inserção de um /r/ entre a base e o sufixo. Além disso, ao receber a inserção consonantal, o pequeno grupo tende a mudar a vogal final da base permitindo uma fronteira morfêmica incomum ou única ao propiciar tal alteração. Pretendemos, com isso, descrever e analisar essa alteração de maneira mais cautelosa, de forma que possamos apresentar uma explicação para o fenômeno. Para tanto, partiremos da observação minuciosa das 17 ocorrências de palavras nominais temáticas, com epêntese consonantal, identificadas na amostra.

#### QUADRO 5: Palavras Nominais Temáticas com Epêntese Consonantal

<b>BASE COM VT ALTERADA</b>	Bicharada (bicho + -r- + -ada), Bodarrada (bode + -R- + -ada), Borrarada (borra + -r- + -ada), Chinarada (china + -r- + -ada), Chuvarada (chuva + -r- + -ada), Cusparada (cuspe + -r- + -ada), Espumfadarada (espuma + -r- + -ada), Filharada (filho + -r- + -ada), Folharada (folha + -r- + -ada), Fumarada (fumo + -r- + -ada), Galharada (galho + -r- + -ada), Gentarada (gente + -r- + -ada), Laçarada (laço + -r- + -ada), Linguarada (língua + -r- + -ada), Milharada (milho + -r- + -ada), Pintarada (pinto + -r- + -ada)
<b>BASE COM VT CONSERVADA (caso de exceção)</b>	Livroxada (livro + -x- + -ada)

No quadro anterior, a tendência geral (16 das 17 ocorrências) é a inserção da epêntese /r/ seguida da transformação da VT da palavra base, que se torna /a/. É importante salientar que a alteração da VT dá-se pela convergência das três VT nominais /a/, /e/, e /o/ para /a/, como observados nos exemplos *linguarada* (*língua + ada*), *gentarada* (*gente + ada*) e *milharada* (*milho + ada*), respectivamente.

Dessa forma, em uma palavra como *fumarada*, em que a estrutura subjacente apresenta a configuração /*fumo + ada*/, tudo indica que a alteração da VT dá-se por **neutralização**, ou seja, as diferentes terminações temáticas das bases são neutralizadas

para uma única vogal, no caso /a/, que se funde com a vogal do sufixo. Nota-se que, nesse caso, a vogal /a/ é simplesmente uma VT sem nuances de gênero ou outras especificações, sendo exigida na configuração estrutural (base temática + afixo).

A representação sumariada, em (2), ilustra a inserção de /r/ em palavras nominais de base temática.

(2) Estrutura Subjacente	/fum-o -ada/
Primeiro Ciclo	/fumo/
Silabificação e Acento	/ˈfu.mo/
Segundo Ciclo	/fu.mo -ad-a/
Adjunção do Afixo	/fumoada/
<b>Epêntese e Neutralização</b>	/fu.ma.ˈra.da/
Estrutura de Superfície	[fu.ma.rá.da]

A representação (2) mostra que, ao contrário da regra geral de apagamento da VT em palavras temáticas, quando há inserção consonantal, não ocorre tal apagamento. Dessa maneira, no segundo ciclo, ao entrar a epêntese /r/, essa consoante força a neutralização da VT da base em favor da vogal /a/, idêntica à vogal inicial do sufixo. A vogal final da base neutralizada juntamente com a epêntese /r/ transformam, assim, a forma subjacente /fumo + ada/ na estrutura de superfície [fumaráda]. Como dito, esse processo é categórico em 16 de 17 ocorrências de palavras temáticas com epêntese consonantal em nosso *corpus*.

A única exceção encontrada é palavra *livroxada*<sup>20</sup>. Este vocábulo conserva a VT da palavra base na derivação sem alterá-la, inserindo a consoante /ʃ/ de origem obscura, segundo Houaiss (2009).

Sugerimos que a ocorrência de *livroxada* (mesmo que *livralhada* que data de 1875, *vide* Houaiss, 2009), possivelmente, aconteça por dois motivos bastante relevantes:

---

<sup>20</sup> Não há isomorfismo entre dicionário mental e físico, por isso, ocorrências como o vocábulo *livroxada*, pode ser considerada uma estrutura cristalizada.

- Considerando a hipótese de que a estrutura esperada para *livroxada* é *livrada* (*livro* + *-ada* = *livroada* > *livrØada* > *livrada*), o primeiro bloqueio ocorreria devido à existência do vocábulo *livrada* na língua, que é a forma verbo-nominal do verbo *livrar* com o sentido de ‘libertar-se ou desvencilhar-se’, ou ainda o vocábulo *livrada* que tem uma especificação semântica com o valor de ‘dar com um livro em alguém’.
- O segundo fator relevante é o uso, o vocábulo *livroxada* tem como sentido específico o valor pejorativo ‘grande quantidade de livros sem muito valor’ (Houaiss, 2003), além de não ser um vocábulo recorrente na língua.

Acrescentamos ainda, sobre esse segundo fator, que para se falar da realidade sincrônica, precisamos recorrer a outros recursos e informações fundamentais, como a questão da produtividade de um vocábulo, da transparência, etc. Nosso questionamento ao observar casos como esse, de apenas palavras dicionarizadas, é se há consciência sincrônica nas excepcionalidades, ou seja, nos casos não transparentes sincronicamente, pois ao observar somente vocábulos de um dicionário, não temos como assumir qualquer ponto de vista mais categórico sobre o assunto.

Concluimos, a partir do exposto na presente subseção, que a regra categórica para as palavras temáticas é a ocorrência de apagamento da vogal final do tema (Câmara Jr. 1979, 1999, 2011; Bermúdez-Otero, 2013), os únicos casos de exceção são aqueles referentes às palavras *tralhoada* e *patacoada* que conservam essa VT na anexação do afixo. Quanto ao pequeno grupo de palavras nominais que apresentam inserção consonantal, a regra geral é a neutralização da VT da base para /a/ na inserção de /r/.

Isto exposto, passemos à próxima subseção que trata das palavras nominais atemáticas.

#### 4.1.2 Palavras Atemáticas

Palavras atemáticas, como já mencionamos, são aquelas cujas bases terminam em consoante, ditongo ou vogal candidata a acento. Tal grupo é constituído de 117 entidades (15,1% das 775 unidades lexicais derivadas de base nominal presentes no *corpus*), assim divididas: (i) 51 palavras cuja base termina em consoante; (ii) 43 têm a base terminada em ditongo; e (iii) 23 são palavras derivadas com a base terminada por vogal candidata a acento.

##### Subgrupo I – Palavras Terminadas em Consoante (*l, r, s, z, N*)

Este primeiro subgrupo, composto por 51 unidades lexicais cujas bases terminam pelas consoantes *l, r, s, z* e *N*, representa 43,7% dos 117 nomes derivados atemáticos presentes em nossa amostra. O subconjunto apresenta duas situações distintas em contexto derivado: uma delas segue um procedimento comum à derivação quando a base termina em consoante (49 casos, 96,1% das 51 unidades lexical), isto é, na junção morfológica entre a base e o sufixo *-ada* a consoante toma a posição de *onset*; a outra insere uma consoante entre a base e o sufixo (apenas dois casos, 3,9% das 51 unidades).

No primeiro caso, a regra geral é a **conversão da *coda* em *onset***, isto é, em contexto de junção morfológica, a vogal inicial do sufixo é anexada diretamente à consoante final da palavra base que passa à posição de *onset* formando uma sílaba CV, como mostra o exemplo da derivação em (3):

(3) Estrutura Subjacente	/pastel-∅ -ada <sup>21</sup> /
Primeiro Ciclo	/pastel/
Silabificação e Acento	/pas.´tel/
Segundo Ciclo	/pas.tel -ad-a/

---

<sup>21</sup> O símbolo ∅ representa ausência de VT.

Adjunção do Afixo	/pastelada/
Silabificação e Acento	/pas.te.ˈla.da/
Estrutura de Superfície	[pas.te.lá.da]

Cabe destacar que este primeiro caso ainda apresenta a possibilidade de ocorrência de terminações variáveis, como *bobagem* / *bobaje*, diante do sufixo *-ada*. Nesse caso específico, a nasal é apagada, e a palavra segue a regra geral como a derivação em (1).

O segundo caso, com apenas duas ocorrências, a palavra base termina em nasal (*Belém* e *curumim*) que, em contexto de juntura morfológica, preserva a nasal e acrescenta a consoante epentética /z/, entre a base e o sufixo *-ada*, como mostra a representação sumariada em (4).

(4) Estrutura Subjacente	/curumiN-Ø-ada/
Primeiro Ciclo	/curumiN/
Silabificação e Acento	/cu.ru.ˈmiN/
Segundo Ciclo	/cu.ru.miN-ad-a/
Adjunção do Afixo	/cu.ru.miN.ada/
<b>Silabificação e Acento</b>	/cu.ru.min.ˈza.da/ (Epêntese)
Estrutura de Superfície	[cu.ru,mim.zá.da]

Por fim, cabe ainda salientar o exemplo *narigada*, cuja base é *nariz*; e que não consideramos um caso de exceção à regra com /g/ como epêntese, mas um caso que remete à diacronia; pois, por meio de uma análise etimológica, é possível atestar a origem da palavra no latim vulgar *narica* < *naris*, *is*, o que permite que se identifique uma mudança fonológica comum na dialeção do latim para o PB, a alteração do som por vozeamento ou desvozeamento /k/ > /g/.

## Subgrupo II – Palavras Terminadas em Ditongo

O segundo subgrupo, composto por 43 unidades lexicais (36,7% das 117 unidades), cujas bases terminam em ditongo, apresenta duas situações distintas em contexto derivado: a primeira é verificada em um pequeno grupo de palavras (apenas sete unidades lexicais, 16,4% das 43 unidades), em que o ditongo é não nasal e no contexto de junção morfológica pode ocorrer ou não inserção consonantal; a segunda situação envolve casos de ditongo nasal em que, na maioria dos casos (33 ocorrências, 76,7% das 43 unidades), não há inserção de consoante, mas pode haver apagamento (17 casos) ou não da nasalidade (16 casos); porém, em apenas três casos (6,9% das 43 unidades) há inserção de epêntese em palavras derivadas de base terminadas em ditongo nasal, sendo que dois casos seguem a regra geral e apenas um constitui um caso especial.

No primeiro subgrupo, em que a palavra base termina em um ditongo não nasal, verificamos tanto a ocorrência de epêntese (cf. *aleuzada*, *bacalhauzada* e *paulada*) quando a ausência da epêntese consonantal em contexto de junção morfológica (cf. *aguada*, *bacalhoadada*, *reguada*, *tabuada*). Em casos de não inserção consonantal, a regra geral é o acréscimo do sufixo diretamente ao ditongo ao final da palavra base, preservando as duas vogais da base do *input*. Há apenas um caso, de ditongo átono, ou seja, aqueles que apresentam apenas uma mora, que estão sujeitos à variação<sup>22</sup> (cf. *bacalhau* / *bacalhoadada*), este último caso ainda permite a ocorrência de epêntese (cf. *bacalhauzada*).

A derivação em (5) oferece um exemplo de um caso de regra geral de não inserção de consoante em junção morfológica:

---

<sup>22</sup> Em nossos dados, registramos casos de variação. Dessa maneira, podemos citar, por exemplo, o fato de termos um registro para *bacalhoadada* (como sendo um caso de palavra atemática sem inserção de consoante) e um para *bacalhauzada* (como sendo um caso de palavra atemática com inserção consonantal).

(5) Estrutura Subjacente	/rɛgwa-∅-ada/
Primeiro Ciclo	/rɛgwa/
Silabificação e Acento	/ˈrɛ.gwa/
Segundo Ciclo	/rɛ.gwa -ad-a/
Adjunção do Afixo	/rɛgwaada/
Silabificação e Acento	/re.ˈgwa.da/ <b>(Fusão)</b>
Estrutura de Superfície	[re.gwá.da]

Salientamos que, para o contexto de juntura morfêmica com o afixo *-ada*, os casos de não inserção de consoante foram verificados em bases terminadas por ditongos crescentes, como o exemplo da derivação em (5). Já os casos que apresentaram injeções de consoante em contexto de juntura morfêmica foram verificados em bases terminadas por ditongos decrescentes (cf. *aleuzada* de *aléu*). Esses últimos, casos que inserem consoantes epentéticas, ou seja, acrescentam um /z/ entre a base e o sufixo *-ada*, seguem, como regra, a derivação em (4).

Na segunda situação, que envolve ditongos nasais, ocorre tanto o processo mais geral, que é a conversão da coda consonantal em *onset*, quanto o apagamento de N. Cabe destacar que, para o presente estudo, partimos do pressuposto de que, para palavras como *limonada* ou *piloada*, por exemplo, a base do derivativo é a mesma do plural (*limões* e *pilões*), isto é, *limoN* e *piloN*, assim para *limonada*, no segundo ciclo temos /*limoN* + *ada*/, com conservação de N; por outro lado *piloada* que tem a estrutura subjacente /*piloN* + *ada*/, N é apagado, vide (6).

(6) Estrutura Subjacente	/piloN-∅-ada/ <sup>23</sup>
Primeiro Ciclo	/piloN/
Silabificação e Acento	/pi.loN/
Segundo Ciclo	/pi.loN -ad-a/
Adjunção do Afixo	/piloNada/
<b>Apagamento de N</b>	/pilo∅.ada/

---

<sup>23</sup> O símbolo ∅ representa ausência de VT.

Silabificação e Acento	/pi.lo.´a.da/
Estrutura de Superfície	[pi.lo.á.da]

A derivação sumariada, em (7), representa casos em que a nasal é preservada, manifestando-se na posição de *onset*.

(7) Estrutura Subjacente	/limoN-Ø –ada/
Primeiro Ciclo	/li.moN/
Silabificação e Acento	/li.´moN/
Segundo Ciclo	/li.moN -ad-a/
Adjunção do Afixo	/li.móNada/
Silabificação e Acento	/li.mo.´na.da/
Estrutura de Superfície	[li.mo.ná.da]

Com respeito ao ditongo nasal, há palavras que preservam o ditongo, como *mãozada* e *mamãezada*, seguindo a derivação em (4). O caso especial diz respeito ao vocábulo *canzoada*, cuja derivação não tem a transparência dos citados. Nesse caso, especificamente, a inserção da consoante não ocorre entre a base e o sufixo, a epêntese é inserida dentro da raiz, como mostra a derivação sumariada em (8)<sup>24</sup>:

(8) Estrutura Subjacente	/kaN-Ø –ada/
Primeiro Ciclo	/kaN/
Silabificação e Acento	/´kaN/
Segundo Ciclo	/kaN. -ad-a/
<b>Silabificação e Acento</b>	/kan.´zwa.da/ (Epêntese)
Estrutura de Superfície	[kan.zw.á.da]

---

<sup>24</sup> Estamos partindo do pressuposto de que a nasal subespecificada se estende para a esquerda criando um glide posterior em concordância com a vogal do radical.

Ainda sobre os exemplos com ditongos, identificamos, no *corpus*, uma palavra nominal derivada do plural, *reisada* (*reis* + *-ada*); afinal, de acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2003), relacionado pela etimologia do vocábulo, o /s/ é dado como um resquício da forma plural (*reis*), com o valor ‘de Reis’ ou ‘Dia de Reis’, a qual é anexado o sufixo *-ada*, pois o plural tem por posição o final de palavra.

Por fim, o que diz respeito à palavra *paulada* (derivada de *pau*) que apresenta uma epêntese aparente, como já observado no capítulo referente ao Estado da Arte, na subseção dedicada ao estudo de Canfield (2010). Segundo a autora (2010:36-7), há dois argumentos para o segmento //, o primeiro atribui ao segmento consonantal o valor de glide; e o segundo, de ordem diacrônica, pois relaciona o // presente no vocábulo ao // já presente na palavra em sua origem, *palus* do latim, assim, o segmento não pode ser considerado como um caso de ocorrência de epêntese, como afirmam Cagliari e Massini-Cagliari (2000), mas, sim, um segmento já presente no vocábulo que surgiria no processo derivacional.

### Subgrupo III – Palavras Terminadas em Vogal Candidata a Acento

O último subgrupo é formado por 23 palavras derivadas de base terminada em vogal candidata a acento (19,6% das 117 unidades), em que verificamos duas situações: (i) se não há inserção de consoante, ou há casos que preservam a vogal final da base, como *bambuada* e *cajuada*, derivadas de *bambu* e *caju*; ou há casos de apagamento da vogal final da base, candidata a acento, como em *jerizada* de *Jericó* e *rabacuada* de *rabacué*. Cabe destacar que esse último caso, o apagamento da vogal final da base, constitui uma situação de exceção à regra das palavras atemática; e (ii) casos que inserem a consoante /z/ entre a base e o sufixo *-ada*. A regra geral para atemáticas com epêntese consonantal representada pela derivação em (9).

(9) Estrutura Subjacente	/pa-Ø-ada/
Primeiro Ciclo	/pa/
Silabificação e Acento	/ˈpa/
Segundo Ciclo	/pa.ad-a/

Adjunção do Afixo	/pa.ada/
<b>Silabificação e Epêntese</b>	/pa.´za.da/ ( <b>Fusão</b> )
Estrutura de Superfície	[pa.zá.da]

Exceções são raras, mas existem, assim como verificado em *bambucada*, forma variante de *bambuada* — palavra atemática com a inserção consonantal irregular — que tem por acepção ‘pancada com vara de bambu’ (*vide* Houaiss, 2003). No entanto, não tivemos a opção de observar a etimologia da palavra, simplesmente, por não haver registro de origem e datação do vocábulo, que aparece como obscuro no Dicionário Eletrônico Houaiss (2003) e no Dicionário Etimológico de Nascente (1955). Não podemos, igualmente, identificar se a inserção de consoante diferente de /z/ relaciona-se a algum valor semântico mais específico, uma vez que os dicionários não dão indícios de tal especificação de sentido. A palavra *bambu*, para nós, representa um caso especial por oferecer diferentes formas variantes para um mesmo sentido. Com o sentido de ‘aglomerado de bambus em determinada área (HOUAISS, 2009), por exemplo, o vocábulo apresenta as seguintes variantes no dicionário: com o hiato (*bambual*), com a epêntese /z/ (*bambuzal*), com a epêntese /R/ (*bamburral*), com a epêntese /k/ (*bambucada*), e esta última constituiu um caso de exceção para a amostra em pauta. Nossa única alternativa é relacionar a inserção da velar /k/ a um caso de epêntese irregular vinculada à variação, uma vez que é verificada na língua uma forma variante não epentética com o mesmo valor (*bambuada*).

#### 4.1.2.1 Epêntese Consonantal em Palavras Atemáticas

Nos três subgrupos de palavras atemáticas estudados até o momento, analisamos as inserções consonantais juntamente com palavras que não apresentam epêntese em sua estrutura. Assim, o objetivo desta subseção é contabilizar o papel da epêntese nesse grupo das palavras atemáticas. Isso nos leva a identificar, então, um total de 24 palavras atemáticas com epêntese consonantal (20,5% de 117 unidades lexicais

atemáticas), sendo a regra geral a aplicada da consoante epentética /z/ entre a base e o sufixo *-ada*.

O quadro, a seguir, reproduz as palavras nominais atemáticas, com epêntese consonantal, identificadas em nosso *corpus*.

#### QUADRO 6: Palavras Nominais Atemáticas com Epêntese Consonantal

<b>TERMINADA EM VOGAL CANDIDATA A ACENTO</b>	Anguzada (angu + -z- + -ada), Araçazada (araçá + -z- + -ada), Bambucada (bambu + -c- + -ada), Buritizada (buriti + -z- + -ada), Chazada (chá + -z- + -ada), Chiruzada (chiru + -z- + -ada), Gibizada (gibi + -z- + -ada), Gurizada (guri + -z- + -ada), Imbuzada (imbu + -z- + -ada), Pazada (pá + -z- + -ada), Pezada (pé + -z- + -ada), Piazada (piá + -z- + -ada), Sarambelada (sarambé + -l- + -ada), Sirizada (siri + -z- + -ada), Sururuzada (sururu + -z- + -ada), Umbuzada (umbu + -z- + -ada)
<b>TERMINADA EM DITONGO</b>	Aléuzada (aléu + -z- + -ada), Bacalhauzada (bacalhau + -z- + -ada), Canzoada (cão + -z- + -ada), Mamãezada (mamãe + -z- + -ada), Mãozada (mão + -z- + -ada)
<b>TERMINADA EM CONSOANTE NASAL</b>	Belenzada (Belém + -z- + -ada), Curuminzada (curumim + -z- + -ada)

No entanto, vale ressaltar que, como foi verificado em Canfield (2010:34), duas consoantes fazem o papel de epêntese no PB: /z/ e /r/, a primeira com uma regra com tendência a ser geral, a segunda, específica de um grupo.

Palavras atemáticas, ao recebem o /z/ epentético, tendem a manter a palavra base inalterada, diferentemente do que ocorre com vocábulos temáticos, como observado na subseção anterior, que, inserem /r/ que gera um ambiente de neutralização para a vogal final da base, modificando-a. Assim, pode-se dizer que /z/ entra de forma menos invasiva que /r/ por apenas resolver um problema de caráter silábico, a evitação do hiato.

Ao que competem às inserções consonantais em vocábulos nominais escolhidas pelo sistema da língua, palavras temáticas e atemáticas comportam-se de formas diferentes. Assim, até este ponto podemos fazer as seguintes afirmações:

(1) **Palavras Atemáticas** inserem /z/ como regra geral, esta consoante é menos invasiva que /r/, já que apenas resolve o problema de caráter silábico surgido na anexação do sufixo e não dá margem para qualquer tipo de alteração da vogal final da

base, como ocorre com palavras temáticas que inserem /r/. Assim, por exemplo, em um vocábulo com a estrutura subjacente /caju + ada/, a estrutura subjacente será [cajuzáda].

(2) **Palavras Temáticas** inserem /r/ como regra geral e tendem a não apagar a VT da palavra base, no entanto, ao inserirem a epêntese, no segundo ciclo, a consoante força a neutralização da VT da base que se torna um /a/, idêntica à vogal inicial do sufixo, transformando uma forma subjacente como /fumo + ada/, por exemplo, na estrutura de superfície [fumaráda].

Isso nos leva a crer que as epênteses consonantais de maior predominância no sistema do PB é /r/ para os nomes temáticos e /z/ para os nomes aтемáticos. Porém, é importante dizer que o próprio sistema do PB se encarrega de selecionar consoantes epentéticas diferentes quando:

- (i) Há formas semelhantes na língua ou o vocábulo carrega um valor semântico especializado (*vide* a palavra temática *livroxada* que seleciona um /ʃ/ e não neutraliza a VT da base como a epêntese /r/);
- (ii) Há formas variantes na língua com mais de um tipo de inserção consonantal ou a ausência desta (*vide* o caso de *bambu* que gera *bambucada* ~ *bambu<sub>z</sub>al* ~ *bambu<sub>∅</sub><sup>25</sup>al*); ou ainda
- (iii) Há inserção aparente, tratando-se, na realidade, de uma consoante etimológica (vinculada à origem da palavra) que levanta em ambiente derivado (*vide* o caso de *pau* que produz o derivativo *paulada*).

Quanto ao contexto de aplicação da inserção consonantal, tudo indica que nomes derivados de base aтемática terminada em vogal do radical oferecem o contexto de juntura morfológica mais adequado à ocorrência de inserções consonantais, pois a frequência de epênteses nesse grupo é de 20,5% contra 2,6% de frequência de epênteses consonantais em palavras temáticas.

---

<sup>25</sup> O símbolo ∅, no exemplo, representa zero para inserção consonantal.

A tabela, a seguir, contém a distribuição nos nomes temáticos e atemáticos por categoria, ou seja, os vocábulos temáticos estão representados em dois subgrupos — os que apagam e os que não apagam VT; já os vocábulos atemáticos estão representados em três subgrupos — aqueles em que a base termina em vogal candidata a acento, os que a base termina em consoante e aqueles que a base termina em ditongo, que por sua vez são distribuídos em ditongo oral e nasal. O intuito é expor as frequências e corroborar a ideia de que nomes derivados atemáticos oferecem um contexto mais propício para a ocorrência de epênteses consonantais.

**TABELA 3: Distribuição de nomes temáticos e atemáticos por categoria**

	TEMÁTICAS		ATEMÁTICAS			
	Apagamento de VT	Conservação de VT	Vogal Candidata a Acento	Consoante	Ditongo	
					Oral	Nasal
Sem Epêntese	638 (99,6%)	2 (0,4%)	7 (7,5%)	49 (52,7%)	3 (4,3%)	33 (35,5%)
Com Epêntese	16 (94,2%)	1 (5,8%)	16 (66,6%)	2 (8,4%)	3 (12,5%)	3 (12,5%)
<b>TOTAIS</b>	= 657 (84,9%)		= 117 (15,1%)			

Na tabela 3, é possível confirmar que a epêntese consonantal ocorre de modo categórico nas palavras derivadas de base atemática — 20,5% de frequência — contra apenas 2,6% de frequência das palavras derivadas de base temática. No entanto, se observarmos somente o grupo das atemáticas, as oxítonas terminadas em vogal correspondem a 66,6% do total; já as palavras com base terminada em consoante e as terminadas em ditongo oral e nasal, equivalem a 8,4%, 12,5% e 12,5%, respectivamente.

Quanto às palavras de base atemática terminadas em ditongo, a ocorrência de epêntese é maior entre ditongos orais, pois é verificado em 50% dos dados de nossa amostra (3 unidades têm inserção de consoante em sua estrutura e 3 não têm), contra 8,4% de ocorrência (3 casos) em ditongo nasal, em que não é verificada a inserção de consoantes em 91,6% dos casos (33 unidades lexicais). Ainda sobre os ditongos orais,

as inserções consonantais ocorrem em cem por cento dos dados de nossa amostra, em bases terminadas em ditongos decrescentes (cf. *aleuzada*), verdadeiros ditongos em PB, para Câmara Jr. (1979, 1999, 2011).

Sobre as palavras terminadas em consoante, a regra geral é a conversão da coda em *onset* (96% dos casos), sendo considerados casos de exceção a inserção de consoantes (4% dos casos).

Antes de encerrar esta subseção, julgamos importante destacar algumas questões, como a possibilidade de realizar uma comparação entre as consoantes regulares do PB, /r/ e /z/. A análise dos dados de nossa amostra leva-nos à conclusão de que o contexto mais favorável para a ocorrência de consoantes epentéticas, em PB, é a junção morfológica entre base atermática + sufixo (20,5%); tal tipo de base seleciona /z/. A baixa frequência de epênteses consonantais em palavras de base temática (2,6%), que selecionam /r/ na inserção regular, nos leva a pensar até que ponto a epêntese /r/ é produtiva em PB; já que, numa palavra como *garrafa*, de base temática, o mais provável é que um falante gere uma forma sem inserção consonantal (*garrafada*); no entanto, em uma palavra como *urubu*, de base atermática, um falante provavelmente geraria uma estrutura como *urubuzada*. Salientamos que, para termos mais embasamento para esta afirmação deveríamos realizar testes com falantes a fim de corroborar a hipótese de que /r/ apresenta-se como uma estrutura mais cristalizada, na língua, e que /z/ é a epêntese de inserção regular vigente em PB, se considerarmos a questão da produtividade. É possível que outros sufixos, não verificados neste estudo, apresentem um comportamento semelhante diante de /r/ e /z/. Este ponto, a nosso ver, merece investigações futuras.

Findas nossas observações sobre as palavras de base nominal, temáticas e atermáticas, principal foco desta dissertação, passemos ao grupo das palavras derivadas de base verbal.

## 4.2 PALAVRAS DERIVADAS DE BASE VERBAL

Antes de discutirmos o padrão identificado nas palavras derivadas de base verbal, é importante reconhecer o problema da ambiguidade que surge em tais casos. Este tipo específico de palavras pode gerar duas interpretações, pois os dados podem ser analisados sob a ótica de verbos, ou seja, a base da derivação é um verbo gerando uma forma derivada participial, ou sob a ótica de nomes, isto é, a base é um nome, gerando uma forma derivada adjetival.

Neste estudo, optamos pela base verbal seguindo a classificação de Houaiss (2009), assim, julgamos 545 ocorrências verificadas no dicionário eletrônico como sendo palavras derivadas de base verbal.

Das 545 ocorrências de palavras derivadas com o sufixo *-ada*, que geram formas verbo-nominais, cem por cento das ocorrências seguem a estrutura padrão, ou seja, no caso dos verbos há apagamento da terminação verbal na anexação do sufixo *-ada* ao tema verbal e fusão da VT da base verbal com a vogal inicial do sufixo, como mostra a derivação em (10):

- (10) Estrutura Subjacente /mistur-ar -ada/  
Primeiro Ciclo /mis.tu.rar/  
Silabificação e Acento /mis.tu.´rar/  
Segundo Ciclo /mis.tu.rar -ad-a/  
Adjunção do Afixo /misturaraada/  
Silabificação e Acento /mis.tu.´ra.da/ (**Fusão**)  
Estrutura de Superfície [mis.tu.rá.da]

Para encerrar a presente subseção, de palavras derivadas de base verbal, identificamos, em nossos dados, um único caso de um nome derivado de verbo, a palavra *zuniada*. Diferentemente do que ocorre com as formas verbais de participio (formas verbo-nominais) que apresentam a fusão da VT verbal de primeira conjugação diante da vogal inicial do sufixo, com um nome de base verbal é verificada a preservação da VT verbal, no caso /i/, uma vez que a base é *zunir*.

Postas nossas considerações sobre o grupo (ii), palavras derivadas de base verbal, passemos ao último grupo.

#### 4.3 FORMAÇÕES VERNACULARES E EMPRÉSTIMOS COM TERMINAÇÃO NÃO SUFIXAL

Neste subitem, destacamos questões relacionadas às formações vernaculares e empréstimos com terminação não sufixal, isto é, vocábulos que não são discutidos, especificamente, neste estudo, por não constituírem derivação. Pretendemos, apenas, exemplificar os critérios que utilizamos para desconsiderar tais itens lexicais de nossa análise principal — universo de palavras derivadas de base nominal. Além disso, nesta subseção não nos restringimos apenas ao sufixo *-ada*; outros sufixos serão envolvidos, uma vez que observamos outros contextos de juntura morfológica ao discutirmos alguns aspectos dos trabalhos de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) e de Canfield (2010).

O terceiro grupo compreende as formações que apresentam a terminação *-ada* não sufixal, ou seja, a terminação é parte constituinte da palavra. Lembremos que, no capítulo relativo ao referencial teórico, escolhemos a **datação** (que consiste na investigação do étimo de uma palavra observando o tempo e o espaço e que contribui para a identificação de empréstimos e analogias entre as línguas), a **identificação da evolução fonética e semântica** (que permite identificar étimos diretos e indiretos, ou seja, empréstimos entre as línguas), e por fim, a **analogia** (que reduz formas idiossincráticas e menos frequentes a outras regulares e frequentes). A partir desses recursos, identificamos, em nosso *corpus*, 92 registros de empréstimos linguísticos, cujas informações etimológicas permitiram que se identificasse como étimos que entraram diretamente no PB. Um exemplo é a palavra *olimpíada*, de origem grega, (*olympias*, *adis*) e *abadá*, de origem iorubá, (*agbada*); além disso, foram identificadas 132 formações vernaculares, como os exemplos *peixe-espada* e *manada*.

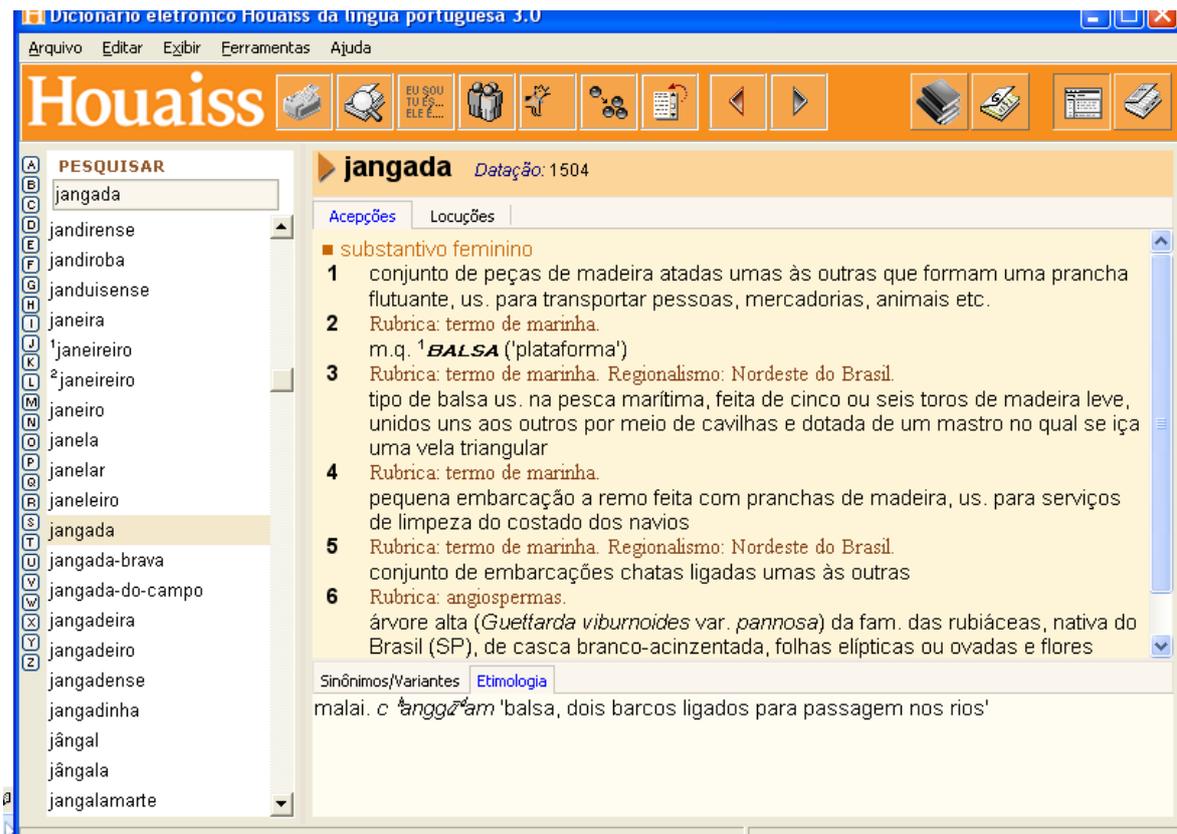
Realizamos a análise etimológica das unidades lexicais, via recursos da Crítica Etimológica de Nogueira (1949), o campo etimologia do Dicionário Eletrônico Houaiss (2009) e o Dicionário Etimológico de Nascente (1955), para verificar a origem estrangeira ou vernacular dos vocábulos, recurso esse que permitiu a organização do terceiro grupo de análise desta dissertação, cuja tabela completa se encontra no **Apêndice**. A fim de ilustrar tais informações, o quadro, a seguir, traz um pequeno recorte das 224 formações terminadas em *-ada* não sufixal.

#### QUADRO 7: Formações com a terminação *-ada* não sufixal

FORMAÇÕES VERNACULARES	EMPRÉSTIMOS
1. Abada (m.q. rinoceronte) ~ bada	1. Abadá (Iorubá <i>agbada</i> )
2. Abóbada (a+ <i>boveda</i> , port. antigo)	2. Acolada (Francês <i>accolade</i> )
3. Acari-espada (tipo de peixe)	3. Advogada (Latim <i>advocātus</i> , <i>i</i> )
4. Água-emendada (m.q. nascente)	4. Albarrada (Árabe <i>al</i> + Latim <i>parata</i> ) ~ abarrada.
5. Água-furtada (rel. arquitetura)	5. Arcada (Italiano <i>arcata</i> )
6. Alcarrada (rel. aves)	6. Balada (Provençal <i>ballada</i> )
7. Almarada (m.q. punhal)	7. Cada (Grego <i>katá</i> )
8. Pátria-amada (m.q. patrioteiro)	8. Canada (Espanhol <i>cañada</i> )
9. Pau-de-jangada (tipo de árvore)	9. Jangada (Malaio <i>HanggáDam</i> )
10. Sardinha-dourada (tipo de peixe)	10. Pada (Cingalês <i>padinavá</i> )

Para exemplificar as razões que nos levaram a não considerar tais vocábulos como formas derivadas, vejamos as palavras *acari-espada* e *jangada*: o primeiro vocábulo é considerado uma formação vernacular, ou seja, é excluído da análise por ser uma forma não derivada; o último, todavia, segundo Houaiss (2009), explica-se pela etimologia que identificou o vocábulo como tendo origem na palavra malaia *HanggáDam*, que significa ‘balsa, dois barcos ligados para a passagem nos rios’; assim, a palavra teria entrado pronta na língua (empréstimo linguístico), sofrendo apenas algumas adaptações fonológicas para se ajustar ao sistema do PB. A ilustração a seguir mostra a janela do Houaiss (2009) para o verbete *jangada*, com a indicação da datação do vocábulo (1504), as acepções e o campo etimologia:

**FIGURA 2: Verbetes *jangada* pesquisado via Dicionário Eletrônico Houaiss (2009)**



Da mesma forma que dedicamos este subitem para tratar dos recursos que utilizamos para identificar as formações vernaculares e os empréstimos, julgamos importante tratar de casos não transparentes sincronicamente, casos esses que justamente precisam de explicação diacrônica. Como já salientado no início desta subseção, tais casos extrapolam o contexto de junção morfológica com o sufixo *-ada* ao observarmos contextos com outros sufixos extraídos dos trabalhos de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) e de Canfield (2010).

Sobre a questão da analogia e/ou empréstimo linguístico, gostaríamos de salientar que, a nosso ver, os exemplos *cafeteiro*, *abricoteiro*, *crocheteiro*, *ervateiro* e *tricoteiro*, são, na realidade, inserções “aparentes” que entraram para o sistema do PB por importação estrangeira e/ou analogia. Seguramente podemos afirmar que os vocábulos *abricoteiro*, *tricoteiro* e *crocheteiro* são empréstimos das palavras francesas *abricot*, *tricot* e *crochet*. Já as palavras *cafeteiro* e *ervateiro*, além da similaridade semântica, isto é, respectivamente, ‘dono ou administrador de café (estabelecimento comercial)’ e ‘aquele que trabalha ou negocia com erva mate’, segundo Houaiss (2009),

podem apresentar origem nas palavras espanholas *cafetero* e *ervatero*. É importante destacar que todas essas formas levam à identificação do valor semântico ‘aquele que x’, por isso é provável que no caso das palavras *cafeteiro* e *ervateiro* há a possibilidade de se observar o /t/ como epentético (por analogia com as palavras *abricoteiro*, *tricoteiro* e *crocheteiro*). Assim, se houver epêntese com /t/, mais estudos são necessários, mas tudo indica que a inserção de /t/ seja rara em português.

Julgamos igualmente importante ressaltar que Canfield (2010:41) observou casos de variação em que há registros de formas com a epêntese para evitar o hiato e formas com o hiato em sua estrutura, como em palavras como em *bambu* > *bambuzal* ~ *bambual* e *cupim* > *cupinzeiro* ~ *cupineiro*. Possivelmente a variação propicia a emergência de outras consoantes, na posição epentética, justamente por existir mais de um vocábulo na língua com o mesmo valor semântico. Cremos que este dado mereça investigações futuras, uma vez que a presente dissertação não discute, especificamente, a questão da variação.

Ainda cabe salientar as situações que permitem a ocorrência de duas ou mais possibilidades epentéticas em uma mesma palavra, como em *coroá* > *coroazal* ~ *coroatal*, assim como casos que inserirem /s/ e de /g/ como epênteses, verificados nos exemplos *lodoçal* e *matagal*, respectivamente, que também merecem destaque. Esses exemplos, assim como os casos de variação, merecem mais investigação, uma vez que, estes fenômenos, em especial, são verificados com o sufixo *-al*, não investigado nesta dissertação.

Um último ponto a ser observado antes de encerrarmos esta seção é uma retomada às consoantes epentéticas, referentes ao sistema do PB, identificadas por Cagliari e Massini-Cagliari (2000:171). Mais uma vez, destacamos que não há como compararmos a análise dos autores a uma observação diacrônica, já que Cagliari e Massini-Cagliari (2000) fazem um exercício estritamente sincrônico. No entanto, se observarmos os dados daquele estudo apenas pelo viés diacrônico, por meio de dicionários etimológicos, isso nos leva a perceber que, diferentemente do que observaram os autores, as epênteses /t/ e /tʃ/ em *cafeteira* e *temático* não podem ser consideradas inserções consonantais por serem ambos empréstimos do francês (cf. *cafetière* – datação: 1766; e *thématique* (étimo direto) – datação: 1877, este último é

étimo indireto da palavra grega *thematikós, é, ón*), ou seja, os termos entraram prontos para a língua portuguesa. Outra questão relevante é o fato de Cagliari e Massini-Cagliari (2000) considerarem todo e qualquer som, incluindo alofones, que aparecem naquela posição específica (entre base + afixo), como consoantes epentéticas. Uma análise pela Fonologia Lexical desconsideraria /tʃ/ e /dʒ/ como epênteses por se tratarem de alofones (de aplicação variável), isto é, alofones são gerados por regras pós-lexicais e as inserções consonantais presentes neste estudo são geradas em ambiente derivado, durante a formação de palavras, obedecendo a regras lexicais.

O /l/ em *paulada* não constitui uma epêntese por motivos já bastante discutidos nesta dissertação, pois trata-se de uma consoante etimológica ou aparente. O /d/ de *nudez* também é uma consoante aparente ou etimológica por estar na origem latina da palavra, *nūdus, a, um*; já o /d/ em *movediço* está presente na palavra que dá base à derivação, uma vez que o substantivo é um derivatido do particípio do verbo *mover*, ou seja, tem origem na palavra *movido* que já apresenta o /d/ em sua estrutura. A palavra *traição*, que data do século XIII, e apresentaria, de acordo com os autores, um /s/ epentético, assim como ocorre com *nudez*, igualmente configura um caso de epêntese aparente ou etimológica por ter origem na palavra latina *traditio, ōnis*, em que o /t/ do vocábulo original se transforma, por mudança linguística, em /s/, que é uma alteração comum na passagem do latim para o português.

Os dois últimos exemplos trazidos pelos autores *linguarudo*, com epêntese /r/, e *cafezal*, com epêntese /z/, configuram verdadeiras consoantes epentéticas selecionadas pelo sistema do PB, sendo o /r/ aplicado em palavras temáticas e o /z/ em aтемáticas, as quais já foram discutidas como casos regulares de epêntese.

E assim, saindo um pouco do ambiente do sufixo *-ada*, vemos que há muito a considerar ainda quanto à formação de palavras por derivação sufixal, não só pelo processo em si mesmo, como quanto à identificação de casos diacrônicos. Encerramos salientando que nosso trabalho serviu, também, para diminuir a variedade de consoantes epentéticas no sistema do PB.

Expostas as análises e resultados da mesma, passemos às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo descrever palavras dicionarizadas que apresentassem a terminação *-ada*, mais especificamente, observamos o contexto de junção morfológica de palavras derivadas de base nominal que apresenta inserção de consoante — mecanismo utilizado para a evitação do hiato — na adjunção do afixo à base. Para tanto, realizamos uma análise morfofonológica (Fonologia Lexical) e etimológica, com o intuito de verificar o estatuto das inserções consonantais no processo de formação de palavras do PB.

Metodologicamente, nossa amostra, composta pelo universo de palavras dicionarizadas (HOUAISS, 2009) terminadas por *-ada*, foi dividida em três grandes grupos: (i) palavras derivadas de base nominal; (ii) palavras derivadas de base verbal; e (iii) palavras com a terminação *-ada* não sufixal (composta por formações vernaculares e empréstimos).

Antes de resumirmos os resultados da análise de nossos dados, partimos de observações prévias, sobre consoantes epentéticas, de autores que trataram de estudos voltados às línguas do mundo, como também dados do PB. Tal procedimento permitiu a elaboração de um quadro com as características gerais das epênteses consonantais do PB, assim destacamos os seguintes pontos: (i) segmentos epentéticos não estão presentes na estrutura subjacente; (ii) são segmentos coronais (epêntese padrão); (iii) /r/ e /z/ são as epênteses regulares do PB (Canfield, 2010); (iv) /z/ ocorre em palavras-base terminadas em vogal do radical (Canfield, 2010); (v) /r/ ocorrem em palavras-base terminadas por vogal temática (Canfield, 2010); (vi) segmentos epentéticos entram no componente lexical (formação de palavras) (Canfield, 2010); (vii) epênteses tem como contexto a junção morfológica base + sufixo; logo, são verificadas na borda direita da palavra, (viii) possivelmente há uma relação entre hiato e acento; e (ix) epênteses são recursos usados para resolver problemas estruturais de caráter silábico (evitação do hiato).

Além dos pontos elencados acima, destacamos a importância do acento e da silabificação para o processo de inserção consonantal, em PB, bem como o diferente comportamento entre palavras temáticas e atemáticas. Essa observação fica garantida

quando realizamos a análise em nosso *corpus*. Dessa maneira, ao que competem as **palavras derivadas de base nominal**, estas foram divididas em dois grupos: (i) aquelas que apresentam a palavra base da derivação temática; e (ii) aquelas que apresentam a palavra base atemática.

As **palavras temáticas** apresentam duas situações:

- (i) Se não inserem consoantes, a regra geral é o apagamento da VT, sendo o não apagamento da VT caso de exceção (*tralhoada* e *patacoada*);
- (ii) Se inserem consoantes, a regra é a neutralização da VT da palavra base para /a/ na inserção de /r/.

Já nas **palavras atemáticas** descrevemos três subgrupos:

- (i) Palavras cujas bases terminam em consoante: 1) se não há inserção de consoante, na adjunção do afixo ocorre à conversão da *coda* em *onset* (regra geral); 2) se há epêntese de consoante, /z/ é inserida entre a base e o sufixo;
- (ii) Palavras que têm a base terminada em ditongo: 1) se for oral, pode ou não ocorrer inserção consonantal, sendo a ocorrência verificada em ditongos decrescentes e a não ocorrência em ditongos crescentes; 2) se for nasal e não houver inserção consonantal, a nasal pode ser apagada ou não no contexto de junção, mas se houver inserção consonantal, os vocábulos inserem /z/ entre a base e o sufixo. Caso especial: *canzoada* — insere a epêntese na raiz.
- (iii) Palavras cujas bases terminam em vogal candidata a acento: 1) se não há inserção de epêntese, são esperadas duas situações; há preservação da vogal final da base em contexto de junção, regra geral; ou não há preservação da vogal final da base (casos de exceção); e 2) se há inserção consonantal, /z/ é encaixada entre a base e o sufixo.

Mais especificamente quanto às inserções consonantais em vocábulos nominais, palavras temáticas e atemáticas comportam-se de formas diferentes: (i) bases temáticas, na derivação, permitem a inserção de /r/ e neutralizam a VT da base que se

torna /a/, idêntica à vogal inicial do sufixo; (ii) bases atemáticas, de modo geral, inserem /z/, consoante menos invasiva que /r/, pois resolve o problema de caráter silábico. Tal fato nos levou a crer que /r/ e /z/ são as epênteses consonantais de comportamento regular no sistema do PB, sendo importante dizer que o próprio sistema se encarrega de selecionar consoantes epentéticas diferentes em situações distintas, segundo nossa amostra: (i) se houver valor semântico específico ou outra forma semelhante na língua (caso de *livroxada*); (ii) em formas variantes na língua com mais de um tipo de inserção consonantal ou a ausência desta (caso de *bambu* que gera *bambuçada* ~ *bambuçal* ~ *bambuada*); ou (iii) em caso de vestígio etimológico (caso *paulada*).

Quanto ao contexto de ocorrência de inserção de consoante, em PB, nossa amostra, por meio da identificação das frequências de cada categoria (palavras temáticas e atemáticas) permitiu que considerássemos de modo categórico que epênteses consonantais preferem contexto de juntura morfêmica com bases atemáticas (20,5% de frequência), contra apenas 2,6% de frequência das palavras derivadas de base temática.

No grupo das atemáticas, no conjunto de cem por cento de ocorrência de epêntese, as palavras oxítonas terminadas em vogal correspondem a 66,6% do total; seguida das palavras cuja base termina em ditongo, 25%, e das palavras cuja base termina em consoante, 8,4%.

Destacamos ainda algumas distinções entre as consoantes regulares do PB, /r/ e /z/. Assim, partindo do pressuposto de que o contexto mais favorável para a ocorrência de consoantes epentéticas, em PB, é a juntura morfêmica entre base atemática + sufixo (20,5%), cuja base seleciona /z/, a baixa frequência de epênteses de consoante em palavras temáticas (2,6%), que selecionam /r/, nos levou a discutir até que ponto a inserção de /r/ é produtiva em PB? Se aplicássemos um exercício de produção de palavras derivadas, em falantes, a tendência é o apagamento da VT, em palavras de base atemática (cf. *garrafa* e *garrafada*); e a inserção da consoante /z/ em palavras atemáticas (cf. *urubu* e *urubuzada*).

Creemos que este ponto merece investigações futuras para corroborar a hipótese de que a epêntese /r/ representa uma estrutura mais cristalizada, na língua; já que tal estrutura é verificada em poucos vocábulos dicionarizados com valor semântico

específico (cf. *chuvarada*), ao passo que /z/ é a epêntese de inserção regular vigente, em PB, quanto à produtividade.

Antes de encerrarmos estas considerações finais, gostaríamos de destacar que, dentre as principais vantagens do estudo sobre epênteses consonantais pela abordagem proposta por esta dissertação está à diminuição da variedade de consoantes epentéticas no sistema do PB. Além disso, julgamos importante sair um pouco do ambiente do sufixo *-ada*, para observar outros contextos de junção. Esse recurso nos levou a refletir sobre quanto ainda deve ser descrito no que diz respeito à formação de palavras por derivação sufixal.

## REFERÊNCIAS

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo. Amphichronic explanation and the life cycle of phonological processes. In: HONEYBONE, Patrick; SALMONS, Joseph C. (eds). *The Oxford Handbook of Historic Phonology*. Oxford: Oxford University Press, 2013a.

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo. An amphichronic approach to English syllabification. In: *RUMMIT*, University of Massachusetts, 2013b.

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo. Diachronic Phonology. In: DE LACY, Paul (ed.). *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press. 497-517, 2007.

BISOL, Leda (org.). Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro. 5ª edição – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisada. In: *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. In: *D.E.L.T.A.*, 26/1, p.59-85, 2010.

BISOL, Leda. A Sílabas e seus Constituintes. In: CASTILHO, Ataliba (coord.); BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2ª edição – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.22, p.69-80, 1992b.

BISOL, Leda. *O acento: duas alternativas de análise*, 1992a.

BLEVINS, Juliette. *Evolutionary Phonology: The Emergence of Sound Patterns*. Cambridge, 2006a.

BLEVINS, Juliette. Reply to commentaries. In: *Theoretical Linguistics*, 32(2), 245-256, 2006b.

BLEVINS, Juliette. Consonant epenthesis: natural and unnatural histories. In: Good, Jeff (ed.) *Language universals and language change*. Oxford: OUP, 79-107, 2007.

BLEVINS, Juliette. *Consonant Epenthesis: Natural an Unnatural Histories*. Oxford Scholarship Online Monographs, p. 79-108, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-CAGLIARI, G. A Epêntese Consonantal em Português e sua Interpretação na Teoria da Otimidade. *Revista de Estudos da Linguagem*. Minas Gerais: USMG, 2000, p. 163-192.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Consoante Epentéticas em Português. In: 6º *Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas (AIL)*, 2001, Rio de Janeiro. Anais do 6º Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas. Rio de Janeiro: Associação Internacional de Lusitanistas, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Elementos de fonética do Português do Brasil. Tese (doutorado em linguística), Departamento de Letras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1981.

CANFIELD, Samanta Sá. *A Epêntese Consonantal no Português: Um Estudo Introdotório*. PUCRS: Dissertação de mestrado, 2010.

CAMARA JR. Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 44º edição - Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMARA JR., Joaquim. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 20º edição - Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3º edição – Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

COLLISCHONN, Gisela. Epêntese vocálica e restrições do acento no português do Sul do Brasil. In: *Signum: Estudos da Linguagem*. p.61-78, 2004. ‘

- COLLISCHONN, Gisela. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Ito (1986). In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, p.149-158, 1996.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Sobre a queda de encontros consonantais no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. p. 522-27, 2000.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais; ALMEIDA, Leonardo. S. On the Nature of Epenthetic Vowels. In: *10th Laboratory Phonology Conference, 2006*, Paris. Proceedings Labphon 10. Paris: Universidade de Paris 3, v. 1, p.73, 2006.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistic and phonetics*. Nova Yorque: Blackwell, 1985.
- HARRIS, James. *Syllable structure and stress in Spanish*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva Lta., 2009.
- ITÔ, Junko. A Prosodic Theory of Epenthesis. In: *Natural Language and Linguistics Theory* 7, 217-260, 1989.
- ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de doutorado. University of Massachussets. 1986.
- KAHN, Daniel. *Syllable based generalizations in English phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge, Massachussets, 1976.
- KIPARSKY, Paul. *The Amphichronic vs. Evolutionary Phonology*. Handout, 2014.
- KIPARSKY, Paul, The amphichronic program vs. evolutionary phonology. In: *Theoretical Linguistics*, 32(2), 217-236, 2006.
- KIPARSKY, Paul. Lexical phonology and morphology. In: YANG, I.S. (ed.) *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin. 3-91, 1982.

- LOMBARDI, Linda. *Coronal Epenthesis and Markedness*. University of Maryland Working Paper in Linguistics, p. 1-58, 1997.
- McCARTHY, John. Comparative Markedness. In: *International Journal of American Linguistics* 60 (2): 95-119, 2003.
- McCARTHY, John. 9. "Sympathy and phonological opacity." In: *Phonology* 16.331-399, 1999.
- McCARTHY, John. PRICE, Allan. Prosodic Morphology. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998, p. 212-219.
- MCCARTHY, John. Process-specific constraints in Optimality Theory. *Linguistic Inquiry*, 28, pp. 231-51, 1997.
- McCARTHY, John. PRICE, Allan. Generalized Alignment. In: BOOIJ, Geert; MARLE, Jaap Van. (eds.). *Yearbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993, p. 79-153.
- NASCENTE, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Segunda tiragem do Tomo I. Rio de Janeiro, 1955.
- NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Foris, Dordrecht. 1986.
- NISHIDA, G. Estudo piloto sobre a percepção do tap em grupos do PB. In: *Eletras*, vol. 23, n.23, 2011.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Crítica Etimológica*. Vol. 1. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1949.
- SAMUELS, Bridget; VAUX, Bert. *Consonant Epenthesis and Markedness*, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn

(Org.). In: *Fonologia: teorias e perspectivas*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-28, 2013.

SCHWINDT, Luiz Carlos. O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

SELKIRK, Elisabeth, (1982) The syllable. In Hulst, H. van der e Smith, N. (ed) *The structure of phonological representations*, part II, Dordrecht: Foris. p.337-383, 1982.

STERIADE, Donca. *The Phonology of Perceptability Effects: the P-map and its consequences for constraint organization*. 2000.

VAUX, Bert. *Consonant epenthesis and hypercorrection*. Harvard University. LSA, Washington, DC. January 5, 2001.

VAUX, Bert. Consonantal Epenthesis and the problem of unnatural phonology. In: Citeseer, Yale University Linguistics Colloquium, 2002.

ZYGIS, Marzena. Typology of Consonantal Insertions. In: *ZAS Papers in Linguistics*, p. 111-140, 2010.

# APÊNDICE

## SUFXO –ADA

### 1. PALAVRAS DERIVADAS DE BASE NOMINAL

#### 1.1 PALAVRAS TEMÁTICAS

##### 1.1.1 PALAVRAS TEMÁTICAS SEM EPÊNTESE CONSONANTAL

BASE COM VT APAGADA	BASE COM VT CONSERVADA
1. Abacitada (abacate)	1. Patacoada (pataco)
2. Abada (aba)	2. Tralhoada (tralho)
3. Açougada (açougue)	
4. Adagada (adaga)	
5. Adufada (adufe)	
6. Africanada (africano)	
7. Agomiada (agomia)	
8. Aguaceirada (açougueiro)	
9. Agulhada (agulha)	
10. Alabardada (alabarda)	
11. Alfanjada (alfanje)	
12. Algarada (algara)	
13. Alhada (alho)	
14. Americanada (americano)	
15. Ancada (anca)	
16. Andaimada (andaime)	
17. Archotada (archote)	
18. Arengada (arenga)	
19. Argolada (argola)	
20. Arquegoniada (arquegônio)	
21. Arreatada (arreata)	
22. Arreeirada (arreeiro)	
23. Arrieirada (arrieiro)	
24. Arvada (arva)	
25. Ascumada (ascuma)	
26. Asnada (asno)	
27. Asneirada (asneira)	
28. Aspirantada (aspirante)	
29. Azagaiada (azagaia)	
30. Azervada (azerve)	
31. Azorragada (azorrague)	
32. Bacabada (bacaba)	
33. Bacada (baque)	
34. Bacamartada (bacamarte)	
35. Bancelada (bacelo)	
36. Baciada (bacia)	
37. Bacocada (bacoco)	
38. Bacorada (bácoro)	
39. Bagaçada (bagaço)	
40. Bagada (bago)	
41. Bagoeirada (bagoeiro)	
42. Bagulhada (bagulho)	
43. Baianada (baiano)	
44. Baionetada (baioneta)	
45. Balaiada (balaio)	
46. Baladada (balde)	
47. Balotada (balote)	
48. Bananada (banana)	
49. Bancada (banco)	

- |  |  |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>50. Bandada (bando)</li><li>51. Bandeirada (bandeira)</li><li>52. Barbalhada (barbalho)</li><li>53. Barbeirada (barbeiro)</li><li>54. Barcada (barco)</li><li>55. Barracada (barraca)</li><li>56. Barrelada (barrela)</li><li>57. Barretada (barrete)</li><li>58. Barrigada (barriga)</li><li>59. Barrocada (barroca)</li><li>60. Barrufada (barrufo)</li><li>61. Barulhada (barulho)</li><li>62. Batatada (batata)</li><li>63. Bategada (bátega)</li><li>64. Batocada (batoque)</li><li>65. Bazarucada (bazaruco)</li><li>66. Beiçada (beiço)</li><li>67. Beiçolada (beiçola)</li><li>68. Beirada (beira)</li><li>69. Bengalada (bengala)</li><li>70. Berraçada (berraço)</li><li>71. Besteirada (besteira)</li><li>72. Bexigada (bexiga)</li><li>73. Bezerrada (bezerro)</li><li>74. Bichanada (bichano)</li><li>75. Bifada (bifa)</li><li>76. Bifada (bife)</li><li>77. Bilhetada (bilhete)</li><li>78. Biqueirada (biqueira)</li><li>79. Biribada (biriba)</li><li>80. Birrada (birra)</li><li>81. Birrada (birro)</li><li>82. Biscoitada (biscoito)</li><li>83. Bispada (bispo)</li><li>84. Bispotada (bispote)</li><li>85. Bobiciada (bobice)</li><li>86. Bochinhada (bochicho)</li><li>87. Bodegada (bodega)</li><li>88. Bodocada (bodoque)</li><li>89. Bofetada (bofete)</li><li>90. Boiada (boi)</li><li>91. Bolachada (bolacha)</li><li>92. Bolada (bola)</li><li>93. Bolegada (bolego)</li><li>94. Bolotada (bolota)</li><li>95. Bombada (bomba)</li><li>96. Bonecada (boneca)</li><li>97. Bordada (borda)</li><li>98. Bordunada (borduna)</li><li>99. Borqueirada (borqueiro)</li><li>100. Borregada (borrego)</li><li>101. Borriscada (borrisco)</li><li>102. Boseirada (boseira)</li><li>103. Botada (bota)</li><li>104. Boticada (botica)</li><li>105. Botinada (botina)</li><li>106. Braçada (braço)</li><li>107. Braçolada (braçola)</li><li>108. Brasileirada (brasileiro)</li><li>109. Brejeirada (brejeiro)</li><li>110. Brigalhada (briga + -alha)</li><li>111. Buchada (bucho)</li><li>112. Bugiada (bugio)</li><li>113. Bugrada (bugre)</li></ol> |  |
|--|--|

- |  |  |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>114. Bundada (bunda)</li><li>115. Buracada (buraco)</li><li>116. Burrada (burro)</li><li>117. Burricada (burrico)</li><li>118. Buseirada (buseira)</li><li>119. Butucada (butuca)</li><li>120. Cabaçada (cabaça)</li><li>121. Cabanada (cabano)</li><li>122. Cabeçada (cabeça)</li><li>123. Caboclada (caboclo)</li><li>124. Cabrada (cabra)</li><li>125. Cabralhada (cabra + -alha)</li><li>126. Cabritada (cabrito)</li><li>127. Cacada (caca)</li><li>128. Cacada (caco)</li><li>129. Caçambada (çaçamba)</li><li>130. Cacetada (cacete)</li><li>131. Cachamorrada (cachamorra)</li><li>132. Cachaporrada (cachaporra)</li><li>133. Cacheirada (cacheira)</li><li>134. Cacholada (cachola)</li><li>135. Cachorrada (cachorro)</li><li>136. Caçoulada (çaçoula)</li><li>137. Cadeirada (cadeira)</li><li>138. Cafajestada (cafajeste)</li><li>139. Cafangada (cafanga)</li><li>140. Caiçarada (caiçara)</li><li>141. Cainçada (cainça)</li><li>142. Caipirada (caipira)</li><li>143. Caixeirada (caixeiro)</li><li>144. Cajadada (cajado)</li><li>145. Calaveirada (calaveira)</li><li>146. Caldeirada (caldeira)</li><li>147. Calinada (calino)</li><li>148. Camada (cama)</li><li>149. Camartelada (camartelo)</li><li>150. Cambada (cambo)</li><li>151. Cambulhada (cambulho)</li><li>152. Campainhada (campainha)</li><li>153. Campanulada (campânula)</li><li>154. Campeirada (campeiro)</li><li>155. Canalhada (canalha)</li><li>156. Canastrada (canastra)</li><li>157. Candeada (candeia)</li><li>158. Candeeirada (candeeiro)</li><li>159. Canecada (caneca)</li><li>160. Canelada (canela)</li><li>161. Cangaceirada (cangaceiro)</li><li>162. Cangalhada (cangalho)</li><li>163. Caniçada (caniço)</li><li>164. Canivetada (canivete)</li><li>165. Canjicada (canjica)</li><li>166. Cantarada (cântaro)</li><li>167. Capadoçada (capadócio)</li><li>168. Capangada (capanga)</li><li>169. Capirotada (capirote)</li><li>170. Capitulada (capítulo)</li><li>171. Capoeirada (capoeira)</li><li>172. Caqueirada (caqueiro)</li><li>173. Carabinada (carabina)</li><li>174. Carapinhada (carapinha)</li><li>175. Cariocada (carioca)</li><li>176. Carneirada (carneiro)</li><li>177. Carrada (carro)</li></ol> |  |
|--|--|

- |  |  |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>178. Carriçada (carriço)</li><li>179. Carroçada (carroça)</li><li>180. Cartada (carta)</li><li>181. Carteirada (carteira)</li><li>182. Cartolada (cartola)</li><li>183. Cascalhada (cascalho)</li><li>184. Casquilhada (casquilho)</li><li>185. Castanhada (castanha)</li><li>186. Catanada (catana)</li><li>187. Caturrada (caturra)</li><li>188. Cavalada (cavalo)</li><li>189. Cebolada (cebola)</li><li>190. Cegada (cego)</li><li>191. Cenada (cena)</li><li>192. Cervejada (cerveja)</li><li>193. Cestada (cesta)</li><li>194. Chachada (chacha)</li><li>195. Chavascada (chavasca)</li><li>196. Chibarrada (chibarro)</li><li>197. Chibatada (chibata)</li><li>198. Chicotada (chicote)</li><li>199. Chifrada (chifre)</li><li>200. Chincalhada (chincalho)</li><li>201. Chinelada (chinela)</li><li>202. Chispalhada (chispe + -alho)</li><li>203. Chopada (chope)</li><li>204. Chouriçada (chouriço)</li><li>205. Chumbada (chumbo)</li><li>206. Churrascada (churrasco)</li><li>207. Chuvada (chuva)</li><li>208. Chuveirada (chuveiro)</li><li>209. Cidrada (cidra)</li><li>210. Ciganada (cigano)</li><li>211. Cigarrada (cigarro)</li><li>212. Cilindrada (cilindro)</li><li>213. Ciscada (cisco)</li><li>214. Ciscalhada (cisco + -alho)</li><li>215. Ciumada (ciúme)</li><li>216. Cocada (coco)</li><li>217. Cochilada (cochilo)</li><li>218. Cochinada (cochino)</li><li>219. Coentrada (coentro)</li><li>220. Coisada (coisa)</li><li>221. Compadrada (compadre)</li><li>222. Congada (congo)</li><li>223. Copada (copo)</li><li>224. Cordada (corda)</li><li>225. Coriscada (corisco)</li><li>226. Cornada (corno)</li><li>227. Cornetada (corneta)</li><li>228. Coronhada (coronha)</li><li>229. Correada (correia)</li><li>230. Correntada (corrente)</li><li>231. Cortiçada (cortiça)</li><li>232. Cortiçada (cortiço)</li><li>233. Costeletada (costeleta)</li><li>234. Cotovelada (cotovelo)</li><li>235. Covada (cova)</li><li>236. Criançada (criança)</li><li>237. Crilada (crila)</li><li>238. Crioulada (crioulo)</li><li>239. Cristada (crista)</li><li>240. Cuiada (cuia)</li><li>241. Curiangada (curiango)</li></ol> |  |
|--|--|

<p>242. Cuscada (cusco) 243. Cuspada (cuspe) 244. Cutelada (cutelo) 245. Dedada (dedo) 246. Dezembrada (dezembro) 247. Diabada (diabo) 248. Dinheirada (dinheiro) 249. Dornada (dorna) 250. Eirada (eira) 251. Elegiada (elegia) 252. Empreitada (empreita) 253. Enseada (enseio) 254. Enxadada (enxada) 255. Espadada (espada) 256. Espingardada (espingarda) 257. Estadulhada (estadulho) 258. Estercada (esterco) 259. Estilada (estilo) 260. Estrangeirada (estrangeiro) 261. Estudantada (estudante) 262. Facada (faca) 263. Fajutada (fajuto) 264. Fanfarrada (fanfarra) 265. Fantochada (fantoche) 266. Farelada (farelo) 267. Farinhada (farinha) 268. Farofada (farofa) 269. Farrapada (farrapo) 270. Farsada (farsa) 271. Feduçada (feduço) 272. Fiada (fio) 273. Figada (figo) 274. Filhada (filho) 275. Focinhada (focinho) 276. Foguetada (foguetete) 277. Foiçada (foice) 278. Fornada (forno) 279. Fradalhada (frade + -alho) 280. Franciscanada (franciscano) 281. Fritalhada (frito + -alho) 282. Fubecada (fubeca) 283. Fueirada (fueiro) 284. Fusada (fuso) 285. Fuxicada (fuxico) 286. Gafanhotada (gafanhoto) 287. Gaiatada (gaiato) 288. Gaitada (gaita) 289. Gajada (gajo) 290. Galegada (galego) 291. Galhada (galho) 292. Galinhada (galinha) 293. Galuchada (galucho) 294. Gamelada (gamela) 295. Gansada (ganso) 296. Garfada (garfo) 297. Garotada (garoto) 298. Garrafada (garrafa) 299. Garraiada (garraio) 300. Garranchada (garrancho) 301. Garrotada (garrote) 302. Garupada (garupa) 303. Gauchada (gaúcho) 304. Gemada (gema) 305. Genebrada (Genebra)</p>	
---	--

<p>306. Germanada (germano) 307. Goiabada (goiaba) 308. Golada (gole) 309. Golada (gola) 310. Golpada (golpe) 311. Gomiada (gomia) 312. Granizada (granizo) 313. Gringada (gringo) 314. Gringalhada (gringo + -alho) 315. Grumetada (grumete) 316. Guaipecada (guaipeca) 317. Guaipevada (guaipeva) 318. Guampada (guampa) 319. Guarda-chuvada (guarda-chuva) 320. Guascada (guasca) 321. Guitarrada (guitarra) 322. Indiada (índio) 323. Intrigalhada (intriga + -alha) 324. Invernada (inverno) 325. Italianada (italiano) 326. Jacobinada (jacobino) 327. Jagrada (jagra) 328. Jagunçada (jagunço) 329. Janotada (janota) 330. Jenipapada (jenipapo) 331. Jesuitada (jesuíta) 332. Joelhada (joelho) 333. Jugada (jugo) 334. Jumentada (jumento) 335. Juncada (junco) 336. Labregada (labrego) 337. Laçada (laço) 338. Lacaiada (lacao) 339. Lançada (lança) 340. Lancetada (lanceta) 341. Lapada (lapa) 342. Laranjada (laranja) 343. Lardoeirada (lardoeiro) 344. Latada (lata) 345. Latogada (látogo) 346. Lebrada (lebre) 347. Lestada (leste) 348. Limada (lima) 349. Lingada (linga) 350. Linhada (linha) 351. Livralhada (livro + -alho) 352. Lombada (lomba) 353. Lombada (lombo) 354. Longada (longo) 355. Lotada (lote) 356. Lufada (lufa) 357. Lupada (lupa) 358. Macacada (macaco) 359. Mocada (moca) 360. Maçada (maça) 361. Maçarocada (maçaroca) 362. Macetada (maceta) 363. Machadada (machado) 364. Mchetada (machete) 365. Malhada (malha) 366. Mambirada (mambira) 367. Maragatada (maragato) 368. Maretada (mareta) 369. Mariolada (mariola)</p>	
---	--

<p>370.Mariscada (marisco) 371.Marmelada (marmelo) 372.Martelada (martelo) 373.Marujada (marujo) 374.Marulhada (marulho) 375.Matungada (matungo) 376.Maturrangada (maturrango) 377.Matutada (matuto) 378.Maxixada (maxixe) 379.Meijoada (meijôa) 380.Meninada (menino) 381.Mentirada (mentira) 382.Merengada (merengue) 383.Milheirada (milheiro) 384.Micada (mico) 385.Milicada (milico) 386.Mineirada (mineiro) 387.Miolada (miolo) 388.Mocada (moca) 389.Moçada (moço) 390.Molecada (moleque) 391.Molhada (molho) 392.Monada (mono) 393.Monarcada (monarca) 394.Morteirada (morteiro) 395.Mosquetada (mosquete) 396.Mosquitada (mosquito) 397.Mulada (mula) 398.Muletada (muleta) 399.Nabada (nabo) 400.Nacada (naco) 401.Nadegada (nádega) 402.Naipada (naipe) 403.Nalgada (nalga) 404.Nassada (nassa) 405.Navalhada (navalha) 406.Negrada (negro) 407.Negralhada (negro + -alho) 408.Netalhada (neto + -alho) 409.Ninhada (ninho) 410.Noitada (noite) 411.Nordestada (nordeste) 412.Nortada (norte) 413.Novembrada (novembro) 414.Novilhada (novilho) 415.Ondada (onda) 416.Orelhada (orelha) 417.Ossada (osso) 418.Outonada (outono) 419.Ovelhada (ovelha) 420.Pachouchada (pachoucho) 421.Padralhada (padre + -alho) 422.Painçada (painço) 423.Paisanda (paisano) 424.Palancada (palanque) 425.Palavrada (palavra) 426.Paletada (paleta) 427.Palhaçada (palhaço) 428.Palhada (palha) 429.Palhetada (palheta) 430.Palmada (palma) 431.Panada (pano) 432.Pancada (panca) 433.Pancada (pança)</p>	
---	--

434.Panelada (panela)	
435.Pantufada (pantufo)	
436.Papada (papo)	
437.Papagaiada (papagaio)	
438.Parceirada (parceiro)	
439.Parentada (parente)	
440.Parvoçada (parvoíce)	
441.Passarada (pássaro)	
442.Passarinhada (passarinho)	
443.Patacoada (pataco)	
444.Patada (pata)	
445.Patranhada (patranha)	
446.Patriada (pátria)	
447.Patriotada (patriota)	
448.Patuscada (patusco)	
449.Pedrada (pedra)	
450.Peixada (peixe)	
451.Peixeirada (peixeira)	
452.Pelada (pela)	
453.Pelegada (pelego)	
454.Pelotada (pelota)	
455.Pelourada (pelouro)	
456.Penada (pena)	
457.Penicada (penico)	
458.Pequenada (pequeno)	
459.Perada (pêra)	
460.Peravilhada (peravilho)	
461.Percevejada (percevejo)	
462.Pernada (perna)	
463.Perrengada (perrengue)	
464.Pescoçada (pescoço)	
465.Pessegada (pêssego)	
466.Petalhada (peta + -alha)	
467.Petacada (petaca)	
468.Petelecada (peteleco)	
469.Petiçada (petiço)	
470.Peugada (petiga)	
471.Pevitada (pevide)	
472.Pexotada (pexote)	
473.Picada (pico)	
474.Picuetada (picueta)	
475.Pilourada (piloura)	
476.Pilungada (pilungo)	
477.Pingada (pingo)	
478.Pintainhada (pintainho)	
479.Piocada (pioca)	
480.Piolhada (piolho)	
481.Pirralhada (pirralho)	
482.Pistolada (pistola)	
483.Pitombada (pitomba)	
484.Poeirada (poeira)	
485.Polvorada (pólvora)	
486.Ponchada (poncho)	
487.Pontada (ponta)	
488.Porcada (porco)	
489.Porcalhada (porco + -alho)	
490.Porcariada (porcaria)	
491.Porrada (porra)	
492.Porrada (porro)	
493.Porretada (porrete)	
494.Portada (porta)	
495.Posteirada (posteiro)	
496.Potrada (potro)	
497.Potrancada (potranco)	

498.Potrilhada (potrilho) 499.Pratada (prato) 500.Pratalhada (prato + -alha) 501.Presepada (presépio) 502.Pretalhada (preto + -alho) 503.Proada (proa) 504.Punhada (punho) 505.Putada (puta) 506.Queijada (queijo) 507.Queixada (queixo) 508.Quengada (quengo) 509.Quengada (quenga) 510.Quiabada (quiabo) 511.Quilombada (quilombo) 512.Rabada (rabo) 513.Rabanada (rábano) 514.Rabecada (rabeca) 515.Ramada (ramo) 516.Ranchada (rancho) 517.Raparigada (rapariga) 518.Raposada (raposa) 519.Raquetada (raquete) 520.Ratada (rata) 521.Rebanhada (rebanho) 522.Rebencada (rebenque) 523.Redada (rede) 524.Reflada (refle) 525.Regada (rego) 526.Reiunada (reiuno) 527.Relhada (relho) 528.Remada (remo) 529.Remeirada (remeiro) 530.Respostada (resposta) 531.Ribada (riba) 532.Ribeirada (ribeira) 533.Ripada (ripa) 534.Risada (riso) 535.Rocada (roca) 536.Romançada (romance) 537.Roqueirada (roqueiro) 538.Russalhada (russo + -alho) 539.Sacada (saco) 540.Sacholada (sachola) 541.Salgalhada (salgalho) 542.Saloiada (saloi) 543.Salsada (salsa) 544.Salseirada (salseiro) 545.Sapatada (sapato) 546.Saraivada (saraiva) 547.Sarrabulhada (sarrabulho) 548.Seiada (seio) 549.Seixada (seixo) 550.Selada (selo) 551.Semanada (semana) 552.Serenada (sereno) 553.Seringada (seringa) 554.Setada (seta) 555.Setembrada (setembro) 556.Silabada (sílabas) 557.Sobarbada (sobarba) 558.Soldada (soldo) 559.Sorvalhada (sorva + -alha) 560.Sovacada (sovaco) 561.Sovinada (sovina)	
--	--

<p>562.Sudoestada (sudoeste) 563.Suestada (sueste) 564.Surubada (suruba) 565.Tabacada (tabaco) 566.Tabicada (tabica) 567.Tacada (taca) 568.Tacada (taco) 569.Taçada (taça) 570.Tachada (tacho) 571.Tagantada (tagante) 572.Talaveirada (talaveira) 573.Taleigada (taleiga) 574.Tamancada (tamanco) 575.Tambeirada (tambeira) 576.Tapuiada (tapuia) 577.Tarecada (tareco) 578.Terraçada (terraço) 579.Tarrada (tarro) 580.Tartarugada (tartaruga) 581.*Teada (teia) 582.Teatinada (teatino) 583.Teatrada (teatro) 584.Terneirada (terneiro) 585.Tesourada (tesoura) 586.Testada (testa) 587.Tijelada (tijela) 588.Tijucada (tijuco) 589.Tinada (tina) 590.Tomatada (tomate) 591.Topetada (topete) 592.Tordilhada (tordilho) 593.Tourada (touro) 594.Toutiçada (toutiço) 595.Tragada (trago) 596.Trapalhada (trapo + -alho) 597.Tratantada (tratante) 598.Traulitada (traulito) 599.Tremoçada (tremoço) 600.Tripalhada (tripa + -alha) 601.Trochada (trocho) 602.Trompetada (trompete) 603.Tronqueirada (tronqueira) 604.Tropeirada (tropeiro) 605.Troviscada (trovisco) 606.Trucada (truque) 607.Trunfada (trunfa) 608.Tujucada (tjujuco) 609.Turcada (turco) 610.Turcalhada (turco + -alho) 611.Turdilhada (turdilho) 612.Uiscada (uísque) 613.Umbigada (umbigo) 614.Unhada (unha) 615.Ursada (urso) 616.Vacada (vaca) 617.Valada (vala) 618.Valada (vale) 619.Vaqueirada (vaqueiro) 620.Varada (vara) 621.Vassourada (vassoura) 622.Velhacada (velhaco) 623.Velhada (velho) 624.Verdescada (verdasca) 625.Vergada (verga)</p>	
--	--

626. Versalhada (verso + -alho) 627. Vidralhada (vidro + -alho) 628. Violada (viola) 629. Virohada (virote) 630. Vizinhada (vizinho) 631. Votalhada (voto + -alho) 632. Vozeirada (vozeiro) 633. Xaropada (xarope) 634. Xicarada (xícara) 635. Zabumbada (zabumba) 636. Zagaiada (zagaia) 637. Zagunchada (zaguncho) 638. Zargunchada (zarguncho)	
---	--

### 1.1.2 PALAVRAS TEMÁTICAS COM EPÊNTESE CONSONANTAL

BASE COM VT ALTERADA	BASE COM VT CONSERVADA
1. Bicharada (bicho + -r- + -ada) 2. Bodarrada (bode + -R- + -ada) 3. Borratada (borra + -r- + -ada) 4. Chinarada (china + -r- + -ada) 5. Chuvarada (chuva + -r- + -ada) 6. Cusparada (cuspe + -r- + -ada) 7. Espumarada (espuma + -r- + -ada) 8. Filharada (filho + -r- + -ada) 9. Folharada (folha + -r- + -ada) 10. Fumarada (fumo + -r- + -ada) 11. Galharada (galho + -r- + -ada) 12. Gentarada (gente + -r- + -ada) 13. Laçarada (laço + -r- + -ada) 14. Linguarada (língua + -r- + -ada) 15. Milharada (milho + -r- + -ada) 16. Pintarada (pinto + -r- + -ada)	1. Livroxada (livro + -x- + -ada)

## 1.2 PALAVRAS ATEMÁTICAS

### 1.2.1 PALAVRAS ATEMÁTICAS SEM EPÊNTESE CONSONANTAL

TERMINADA EM VOGAL CANDIDATA A ACENTO	TERMINADA EM DITONGO	TERMINADA EM CONSOANTE
1. Bambuada (bambu) 2. Caitituada (caititu) 3. Cajuada (caju) 4. Jericada (jericó) 5. Maçada (maçã) 6. Peruada (peru) 7. Rabacuada (rabacué)	1. Aguada (água) 2. Aterroada (aterrão) 3. Bacalhoadada (bacalhau) 4. Balandronada (balandrão) 5. Bodionada (bodião) 6. Cabroada (cabrão) 7. Canhonada (canhão) 8. Coraçoadada (coração) 9. Cordoadada (cordão) 10. Covoada (covão) 11. Encontroada (encontrão) 12. Falcoada (falcão) 13. Fanfarronada (fanfarrão) 14. Feijoada (feijão) 15. Ferroada (ferrão) 16. Festonada (festão) 17. Funçanada (função)	1. Abrilada (abril) 2. Alcatruzada (alcatruz) 3. Alguidarada (alguidar) 4. Animalada (animal) 5. Arcabuzada (arcabuz) 6. Arlequinada (arlequim) 7. Arrozada (arroz) 8. Bacharelada (bacharel) 9. Bagualada (bagual) 10. Bandolinada (bandolim) 11. Barrilada (barril) 12. Batelada (batel) 13. Bobajada (bobagem) 14. Burguesada (burguês) 15. Cabazada (capaz) 16. Colherada (colher) 17. Crisada (cris) 18. Currelada (currel) 19. Entremezada

	18. Gasconada (gascão) 19. Japonada (Japão) 20. Leitoada (leitão) 21. Limonada (limão) 22. Macarronada (macarrão) 23. Marroada (marrão) 24. Mouronada (mourão) 25. Pantalónada (pantalão) 26. Paparrotada (paparrotão) 27. Pavonada (pavão) 28. Peonada (peão) 29. Piloada (pilão) 30. Pinhoada (pinhão) 31. Pontoada (pontão) 32. Reguada (régua) 33. Seroada (serão) 34. Tabuada (tábua) 35. Terroada (terrão) 36. Tiçoadada (tição) 37. Torroada (torrão)	(entremez) 20. Espanholada (espanhol) 21. Francesada (francês) 22. Gregalada (gregal) 23. Inglesada (inglês) 24. Jantarada (jantar) 25. Japonesada (japonês) 26. Jeremiada (Jeremias) 27. Jornalada (jornal) 28. Lagarada (lagar) 29. Lapisada (lápis) 30. Larada (lar) 31. Latinada (latim) 32. Mangualada (mangual) 33. Melhorada (melhor) 34. Mesada (mês) 35. Milfolhada (milfolhas) 36. Motinada (motim) 37. Mulherada (mulher) 38. Narigada (nariz) 39. Papelada (papel) 40. Pardalada (pardal) 41. Pasquinada (pasquim) 42. Pendorada (pendor) 43. Petizada (petiz) 44. Pomarada (pomar) 45. Punhalada (punhal) 46. Quartelada (quartel) 47. Raizada (raiz) 48. Rapaziada (rapaz(i)) 49. Tonelada (tonel)
--	---	--

→ **PALAVRA NOMINAL DERIVADA DO PLURAL**

1. Reisada [rei + plural] + -ada

→ **PALAVRA NOMINAL DE BASE VERBAL**

1. Zuniada (zunir + -ada)

**1.2.2 PALAVRAS ATEMÁTICAS COM EPÊNTESE CONSONANTAL**

<b>TERMINADA EM VOGAL CANDIDATA A ACENTO</b>	<b>TERMINADA EM DITONGO</b>	<b>TERMINADA EM CONSOANTE NASAL</b>
1. Anguzada (angu + -z- + -ada) 2. Araçazada (araçá + -z- + -ada) 3. Bambucada (bambu + -c- + -ada) 4. Buritizada (buriti + -z- + -ada) 5. Chazada (chá + -z- + -ada) 6. Chiruzada (chiru + -z- + -ada)	1. Aléuzada (aléu + -z- + -ada) 2. Bacalhauzada (bacalhau + -z- + -ada) 3. Canzoada (cão + -z- + -ada) 4. Mamãezada (mamãe + -z- + -ada) 5. Mãozada (mão + -z- + -ada) 6. Paulada (pau + -l- + -ada)	1. Belenzada (Belém) 2. Curuminzada (curumim)

7. Gibizada (gibi + -z- + -ada)		
8. Gurizada (guri + -z- + -ada)		
9. Imbuzada (imbu + -z- + -ada)		
10. Pazada (pá + -z- + -ada)		
11. Pezada (pé + -z- + -ada)		
12. Piazada (piá + -z- + -ada)		
13. Sarambelada (sarambé + -l- + -ada)		
14. Sirizada (siri + -z- + -ada)		
15. Sururuzada (sururu + -z- + -ada)		
16. Umbuzada (umbu + -z- + -ada)		

## 2. PALAVRAS DERIVADAS DE BASE VERBAL

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| 1. Abaianada (abaianar + -ada)      | 42. Amolada (amolar + -ada)               |
| 2. Abalada (abalar + -ada)          | 43. Amotinada (amotinar + -ada)           |
| 3. Abalroada (abalroar + -ada)      | 44. Abaianada (abaianar + -ada)           |
| 4. Abortada (abortar + -ada)        | 45. Abalada (abalar + -ada)               |
| 5. Abreviada (abreviar + -ada)      | 46. Abalroada (abalroar + -ada)           |
| 6. Abrigada (abrigar + -ada)        | 47. Amparada (amparar + -ada)             |
| 7. Abrolhada (abrolhar + -ada)      | 48. Amurada (amurar + -ada)               |
| 8. Acertada (acertar + -ada)        | 49. Andada (andar + -ada)                 |
| 9. Achada (achar + -ada)            | 50. Anteportada [ante+ (portar + -ada)]   |
| 10. Açudada (açudar + -ada)         | 51. Antiderivada [anti+ (derivar + -ada)] |
| 11. Acumulada (acumular + -ada)     | 52. Anunciada (anunciar + -ada)           |
| 12. Afiada (afiar + -ada)           | 53. Apanhada (apanhar + -ada)             |
| 13. Afiliada (afiliar + -ada)       | 54. Apartada (apartar + -ada)             |
| 14. Agachada (agachar + -ada)       | 55. Apertada (apertar + -ada)             |
| 15. Agoniada (agoniar + -ada)       | 56. Aportada (aportar + -ada)             |
| 16. Aguilhoda (aguilhoar + -ada)    | 57. Apurada (apurar + -ada)               |
| 17. Ajeitada (ajeitar + -ada)       | 58. Arada (arar + -ada)                   |
| 18. Ajudada (ajudar + -ada)         | 59. Araviada (araviar + -ada)             |
| 19. Alambicada (alambicar + -ada)   | 60. Arcabuzeada (arcabuzear + -ada)       |
| 20. Albardada (albardar + -ada)     | 61. Arfada (arfar + -ada)                 |
| 21. Alçada (alçar + -ada)           | 62. Armada (armar + -ada)                 |
| 22. Alcanciada (alcanciar + -ada)   | 63. Arpoada (arpoar + -ada)               |
| 23. Alcancilhada (alcanciar + -ada) | 64. Arraiada (arraiar + -ada)             |
| 24. Alcanziada (alcanciar + -ada)   | 65. Arraigada (arraigar + -ada)           |
| 25. Aldrabada (aldrabar + -ada)     | 66. Arrancada (arrancar + -ada)           |
| 26. Aldravada (aldravar + -ada)     | 67. Arregaçada (arregaçar + -ada)         |
| 27. Aleijada (aleijar + -ada)       | 68. Arreigada (arreigar + -ada)           |
| 28. Alfinetada (alfinetar + -ada)   | 69. Arrelhada (arrelhar + -ada)           |
| 29. Alforjada (alforjar + -ada)     | 70. Arrenegada (arrenegar + -ada)         |
| 30. Algarviada (algaraviar + -ada)  | 71. Arrepelada (arrepelar + -ada)         |
| 31. Algraviada (algraviar + -ada)   | 72. Arribada (arribar + -ada)             |
| 32. Almoçarada (almoçar + -ada)     | 73. Arrochada (arrochar + -ada)           |
| 33. Almudada (almudar + -ada)       | 74. Arrombada (arrombar + -ada)           |
| 34. Alpendorada (apendorar + -ada)  | 75. Arrumada (arrumar + -ada)             |
| 35. Alpendrada (alpendre + -ada)    | 76. Aspirada (aspirar + -ada)             |
| 36. Alugada (alugar + -ada)         | 77. Assaltada (assaltar + -ada)           |
| 37. Alumiada (alumiar + -ada)       | 78. Assentada (assentar + -ada)           |
| 38. Alvorada (alvorar + -ada)       | 79. Assoalhada (assoalhar + -ada)         |
| 39. Ambreada (ambrear + -ada)       | 80. Assobiada (assobiar + -ada)           |
| 40. Amendoada (amendoar + -ada)     | 81. Assomada (assomar + -ada)             |
| 41. Amoitada (amoitar + -ada)       | 82. Assoviada (assoviar + -ada)           |

83. Assuada (assuar + -ada)  
84. Atada (atar + -ada)  
85. Atalhada (atalhar + -ada)  
86. Aterrada (aterrar + -ada)  
87. Atroada (atroar + -ada)  
88. Atropelada (atropelar + -ada)  
89. Autorizada (autorizar + -ada)  
90. Avançada (avançar + -ada)  
91. Averdugada (averduga + -ada)  
92. Azeitada (azeitar + -ada)  
93. Azoada (azoar + -ada)  
94. Azulada (azular + -ada)  
95. Babada (babar + -ada)  
96. Bacafuzada (bacafuzar + -ada)  
97. Badalada (badalar + -ada)  
98. Baforada (baforar + -ada)  
99. Bagunçada (bagunçar + -ada)  
100. Bailada (bailar + -ada)  
101. Baixada (baixar + -ada)  
102. Banhada (banhar + -ada)  
103. Baralhada (baralhar + -ada)  
104. Barroada (barroar + -ada)  
105. Bateada (batear + -ada)  
106. Batucada (batucar + -ada)  
107. Beliscada (beliscar + -ada)  
108. Betonada (betonar + -ada)  
109. Bicada (bicar + -ada)  
110. Bichada (bichar + -ada)  
111. Bicorada (bicorar + -ada)  
112. Bimbada (bimbar + -ada)  
113. Bimbalhada (bimbalhar + -ada)  
114. Bisnagrada (bisnagar + -ada)  
115. Bobeada (bobear + -ada)  
116. Bochehada (bochechar + -ada)  
117. Bofada (bofar + -ada)  
118. Bombardada (bombardar + -ada)  
119. Boqueada (boquear + -ada)  
120. Bordada (bordar + -ada)  
121. Borrada (borrar + -ada)  
122. Botada (botar + -ada)  
123. Brecada (brecar + -ada)  
124. Burilada (burilar + -ada)  
125. Buzinada (buzinar + -ada)  
126. Caçada (caçar + -ada)  
127. Cacheada (cachear + -ada)  
128. Cachimbada (cachimbar + -ada)  
129. Cachinada (cachinar + -ada)  
130. Caçoada (caçoar + -ada)  
131. Cagada (cagar + -ada)  
132. Caibrada (caibrar + -ada)  
133. Calabreada (calabrear + -ada)  
134. Calada (calar + -ada)  
135. Calamocada (calamocar + -ada)  
136. Calcada (calcar + -ada)  
137. Calçada (calçar + -ada)  
138. Caminhada (caminhar + -ada)  
139. Campeada (campear + -ada)  
140. Cantada (cantar + -ada)  
141. Cardada (cardar + -ada)  
142. Casquinada (casquinar + -ada)  
143. Cavada (cavar + -ada)  
144. Cavalgada (cavalgar + -ada)  
145. Cegada (cegar + -ada)  
146. Cercada (cercar + -ada)  
147. Chalreada (chalrear + -ada)  
148. Chamada (chamar + -ada)  
149. Chambreada (chambrear + -ada)  
150. Chapada (chapar + -ada)  
151. Charqueada (charquear + -ada)  
152. Charruada (charruar + -ada)  
153. Chegada (chegar + -ada)  
154. Chiada (chiar + -ada)  
155. Chilrada (chilrar + -ada)  
156. Chilreada (chilrear + -ada)  
157. Chincada (chincar + -ada)  
158. Chinfrinada (chinfrinar + -ada)  
159. Chirriada (chirriar + -ada)  
160. Chispada (chispar + -ada)  
161. Chocalhada (chocalhar + -ada)  
162. Chofrada (chofrar + -ada)  
163. Chuçada (chuçar + -ada)  
164. Chuchada (chuchar + -ada)  
165. Chumbada (chumbar + -ada)  
166. Chumbergada (chumbergar + -ada)  
167. Chupada (chupar + -ada)  
168. Churrasqueada (churrasquear + -ada)  
169. Cincada (cincar + -ada)  
170. Circulada (circular + -ada)  
171. Clarinada (clarinar + -ada)  
172. Coadada (coar + -ada)  
173. Coalhada (coalhar + -ada)  
174. Coarctada (coarctar + -ada)  
175. Coaxada (coaxar + -ada)  
176. Cochichada (cochichar + -ada)  
177. Cochilada (cochilar + -ada)  
178. Colada (colar + -ada)  
179. Colocada (colocar + -ada)  
180. Concentrada (concentrar + -ada)  
181. Conversada (conversar + -ada)  
182. Coordenada (coordenar + -ada)  
183. Copejada (copejar + -ada)  
184. Cortada (cortar + -ada)  
185. Coureada (courear + -ada)  
186. Criada (criar + -ada)  
187. Cuspinhada (cuspinhar + -ada)  
188. Cutucada (cutucar + -ada)  
189. Dada (dar + -ada)  
190. Danada (danar + -ada)  
191. Dardada (dardar + -ada)  
192. Debandada (debandar + -ada)  
193. Debulhada (debulhar + -ada)  
194. Decoada (decoar + -ada)  
195. Degringolada (degringolar + -ada)  
196. Deitada (deitar + -ada)  
197. Deixada (deixar + -ada)  
198. Derivada (derivar + -ada)  
199. Derrubado (derribar + -ada)  
200. Derrocada (derrocar + -ada)  
201. Derrubada (derribar + -ada)  
202. Desabalada (desabalar + -ada)

203. Desbandada (desbandar + -ada)  
204. Descabelada (descabelar + -ada)  
205. Descambada (descambar + -ada)  
206. Descamisada (descamisar + -ada)  
207. Descapelada (descapelar + -ada)  
208. Desembestada (desembestar + -ada)  
209. Desencamisada (desencamisar + -ada)  
210. Desescalada [des + (escalar + -ada)]  
211. Desfilada [des + (filar + -ada)]  
212. Desfolhada [des + (folhar + -ada)]  
213. Desgarrada [des + (garrar + -ada)]  
214. Desmanchada [des + (manchar + -ada)]  
215. Desmanchada (desmanchar + -ada)  
216. Desmontada [des + (montar + -ada)]  
217. Desnevada [des + (nevar + -ada)]  
218. Desobrigada [des + (obrigar -ada)]  
219. Desprumada [des + (prumar + -ada)]  
220. Destravada [des + (travar + -ada)]  
221. Disfarçada (disfarçar + -ada)  
222. Disparada (disparar + -ada)  
223. Dobrada (dobrar + -ada)  
224. Embicada (embicar + -ada)  
225. Embolada (embolar + -ada)  
226. Embretada (embretar + -ada)  
227. Embrulhada (embrulhar + -ada)  
228. Encabulhada (encabulhar + -ada)  
229. Encamisada (encamisar + -ada)  
230. Encaroçada (encaroçar + -ada)  
231. Encilhada (encilhar + -ada)  
232. Encontrada (encontrar + -ada)  
233. Encruzilhada (encruzilhar + -ada)  
234. Encumeada (encumear + -ada)  
235. Enfiada (enfiar + -ada)  
236. Enfueirada (enfueirar + -ada)  
237. Enramada (enramar + -ada)  
238. Enrascada (enrascar + -ada)  
239. Enrolada (enrolar + -ada)  
240. Ensaboada (ensaboar + -ada)  
241. Ensaiada (ensaiar + -ada)  
242. Entalada (entalar + -ada)  
243. Entaloada (entaloar + -ada)  
244. Enterrada (enterrar + -ada)  
245. Entrada (entrar + -ada)  
246. Enviada (enviar + -ada)  
247. Enxaguada (enxaguar + -ada)  
248. Enxurrada (enxurrar + -ada)  
249. Errada (errar + -ada)  
250. Esbarrada (esbarrar + -ada)  
251. Esbarrancada (esbarrancar + -ada)  
252. Esbarroada (esbarroar + -ada)  
253. Esborralhada (esborralhar + -ada)  
254. Escalada (escalar + -ada)  
255. Escamisada (escamisar + -ada)  
256. Escapada (escapar + -ada)  
257. Escapelada (escapelar + -ada)  
258. Escarambada (escarambar + -ada)  
259. Escaramuçada (escaramuçar + -ada)  
260. Escaramuceada (escaramucear + -ada)  
261. Escarcalhada (escarcalhar + -ada)  
262. Escarceada (escarcear + -ada)  
263. Escorregada (escorregar + -ada)  
264. Esfolhada (esfolhar + -ada)  
265. Esfuziada (esfuziar + -ada)  
266. Esguichada (esguichar + -ada)  
267. Esmechada (esmechar + -ada)  
268. Espadeirada (espadeirar + -ada)  
269. Espaldeirada (espaldeirar + -ada)  
270. Espalhada (espalhar + -ada)  
271. Espanada (espanar + -ada)  
272. Espetada (espetar + -ada)  
273. Espiada (espiar + -ada)  
274. Esporada (esporar + -ada)  
275. Esporrada (esporrar + -ada)  
276. Espreitada (espreitar + -ada)  
277. Esquentada (esqueantar + -ada)  
278. Estacada (estacar + -ada)  
279. Estancada (estancar + -ada)  
280. Estada (estar + -ada)  
281. Estalada (estalar + -ada)  
282. Esterçada (esterçar + -ada)  
283. Esterroada (esterroar + -ada)  
284. Estiada (estiar + -ada)  
285. Esticada (esticar + -ada)  
286. Estirada (estirar + -ada)  
287. Estocada (estocar + -ada)  
288. Estopada (estopar + -ada)  
289. Estorroada (estorroar + -ada)  
290. Estortegada (estortegar + -ada)  
291. Estourada (estourar + -ada)  
292. Estrabada (estrabar + -ada)  
293. Estrepada (estrepas + -ada)  
294. Estropeada (estropear + -ada)  
295. Facheada (fachear + -ada)  
296. Fajutada (fajutar + -ada)  
297. Falada (falar + -ada)  
298. Facheada (fachear + -ada)  
299. Falada (falar + -ada)  
300. Farfalhada (farfalhar + -ada)  
301. Fechada (fechar + -ada)  
302. Ferrada (ferrar + -ada)  
303. Ferretoar (ferretoar + -ada)  
304. Ficada (ficar + -ada)  
305. Fisgada (fisgar + -ada)  
306. Flechada (flechar + -ada)  
307. Florada (florar + -ada)  
308. Floreada (florear + -ada)  
309. Fofocada (fofocar + -ada)  
310. Fogueteada (foguetear + -ada)  
311. Folhada (folhar + -ada)  
312. Folheada (folhear + -ada)  
313. Forniziada (forniziar + -ada)  
314. Frangalhada (frangalhar + -ada)  
315. Freada (frear + -ada)  
316. Fritada (fritar + -ada)  
317. Fumaçada (fumaçar + -ada)  
318. Fumada (fumar + -ada)  
319. Fungada (fungar + -ada)  
320. Furada (furar + -ada)  
321. Furtada (furtar + -ada)  
322. Futricada (futricar + -ada)

323. Gabionada (gabionar + -ada)  
324. Gadanhada (gadanhar + -ada)  
325. Galhofada (galhofar + -ada)  
326. Galopada (galopar + -ada)  
327. Galopeada (galopear + -ada)  
328. Gargalaçada (gargalaçar + -ada)  
329. Gargalhada (gargalhar + -ada)  
330. Garrochada (garrochar + -ada)  
331. Gebada (gebar + -ada)  
332. Gelada (gelar + -ada)  
333. Gessada (gessar + -ada)  
334. Gingada (gingar + -ada)  
335. Glissada (glissar + -ada)  
336. Glotalizada (glotalizar + -ada)  
337. Goleada (golear + -ada)  
338. Golfada (golfar + -ada)  
339. Gozada (gozar + -ada)  
340. Gradinada (gradinar + -ada)  
341. Gralhada (gralhar + -ada)  
342. Grasnada (grasnar + -ada)  
343. Grazinada (grazinar + -ada)  
344. Gritada (gritar + -ada)  
345. Grulhada (grulhar + -ada)  
346. Guaribada (guaribar + -ada)  
347. Guasqueada (guasquear + -ada)  
348. Guiada (guiar + -ada)  
349. Guinada (guinar + -ada)  
350. Guizalhada (guizalhar + -ada)  
351. Hidrogenada (hidrogenar + -ada)  
352. Hissopada (hissopar + -ada)  
353. Historiada (historiar + -ada)  
354. Imaculada (imacular + -ada)  
355. Jogada (jogar + -ada)  
356. Juntada (juntar + -ada)  
357. Lacreada (lacrear + -ada)  
358. Lambareda (lambarear + -ada)  
359. Lambiscada (lambiscar + -ada)  
360. Lambuçada (lambuçar + -ada)  
361. Lambuzada (lambuçar + -ada)  
362. Lançada (lançar + -ada)  
363. Lanceada (lancear + -ada)  
364. Largada (largar + -ada)  
365. Lavada (lavar + -ada)  
366. Lavrada (lavrar + -ada)  
367. Lenhada (lenhar + -ada)  
368. Levada (levar + -ada)  
369. Levantada (levantar + -ada)  
370. Ligada (ligar + -ada)  
371. Lotada (lotar + -ada)  
372. Madrugada (madrugar + -ada)  
373. Mamada (mamar + -ada)  
374. Mancada (mancar + -ada)  
375. Mandada (mandar + -ada)  
376. Marejada (marejar + -ada)  
377. Marrada (marrar + -ada)  
378. Marretada (marretar + -ada)  
379. Mastigada (mastigar + -ada)  
380. Matinada (matinar + -ada)  
381. Metralhada (metralhar + -ada)  
382. Mexericada (mexericar + -ada)  
383. Miada (miar + -ada)  
384. Mijada (mijar + -ada)  
385. Mirada (mirar)  
386. Misturada (misturar + -ada)  
387. Mirada (mirar + -ada)  
388. Misturada (misturar + -ada)  
389. Molhada (molhar + -ada)  
390. Montada (montar + -ada)  
391. Monteada (montear + -ada)  
392. Murada (murar + -ada)  
393. Nadada (nadar + -ada)  
394. Nevada (nevar + -ada)  
395. Nicada (nicar + -ada)  
396. Nomeada (nomear + -ada)  
397. Olhada (olhar + -ada)  
398. Orada (orar + -ada)  
399. Orçada (orçar + -ada)  
400. Ordenada (ordenar + -ada)  
401. Orvalhada (orvalhar + -ada)  
402. Pajeada (pajear + -ada)  
403. Palmatoada (palmatoar + -ada)  
404. Paqueirada (paqueirar + -ada)  
405. Parada (parar + -ada)  
406. Passada (passar + -ada)  
407. Pateada (patear + -ada)  
408. Pedalada (pedalar + -ada)  
409. Pegada (pegar + -ada)  
410. Peitada (peitar + -ada)  
411. Pelada (pelar + -ada)  
412. Penada (penar + -ada)  
413. Peneirada (peneirar + -ada)  
414. Pesada (pesar + -ada)  
415. Pescada (pescar + -ada)  
416. Pesgada (pesgar + -ada)  
417. Piada (piar + -ada)  
418. Picada (picar + -ada)  
419. Pincelada (pincelar)  
420. Pingada (pingar)  
421. Pingolada (pingolar + -ada)  
422. Pincicada (pinicar + -ada)  
423. Pintada (pintar + -ada)  
424. Pisada (pisar + -ada)  
425. Pitada (pitar + -ada)  
426. Planchada (planchar + -ada)  
427. Porfiada (porfiar + -ada)  
428. Potreada (potrear + -ada)  
429. Pousada (pousar + -ada)  
430. Pranchada (pranchar + -ada)  
431. Pregada (pregar + -ada)  
432. Prensada (prensar + -ada)  
433. Privada (privar + -ada)  
434. Prumada (prumar + -ada)  
435. Puteada (putear + -ada)  
436. Puxada (puxar + -ada)  
437. Quebrada (quebrar + -ada)  
438. Queimada (queimar + -ada)  
439. Rachada (rachar + -ada)  
440. Rajada (rajar + -ada)  
441. Ramalhada (ramalhar + -ada)  
442. Rascada (rascar + -ada)

443. Rebolada (rebolar + -ada)  
444. Rebolqueada (rebolquear + -ada)  
445. Recortada (recortar + -ada)  
446. Recuada (recuar + -ada)  
447. Reentrada (reentrar + -ada)  
448. Regada (regar + -ada)  
449. Remada (remar + -ada)  
450. Remoinhada (remoinhar + -ada)  
451. Renegada (renegar + -ada)  
452. Repassada (repassar + -ada)  
453. Repostada (repostar + -ada)  
454. Ressalgada (ressalgar + -ada)  
455. Restilada (restilhar + -ada)  
456. Restolhada (restolhar + -ada)  
457. Retirada (retirar + -ada)  
458. Retomada (retomar + -ada)  
459. Revoada (revoar + -ada)  
460. Rifada (rifar + -ada)  
461. Rinchada (rinchar + -ada)  
462. Rinchavelhada (rinchavelhar + -ada)  
463. Roçada (roçar + -ada)  
464. Rociada (rociar + -ada)  
465. Rodada (rodar + -ada)  
466. Roubada (roubar + -ada)  
467. Sacada (sacar + -ada)  
468. Saltada (saltar + -ada)  
469. Salteada (saltear + -ada)  
470. Sapateada (sapatear + -ada)  
471. Sarrafada (sarrafar + -ada)  
472. Segada (segar + -ada)  
473. Selada (selar + -ada)  
474. Semeada (semear + -ada)  
475. Sentada (sentar + -ada)  
476. Sesteada (sestear)  
477. Setembrizada (setembrizar + -ada)  
478. Soada (soar + -ada)  
479. Sofreada (sofrear + -ada)  
480. Sofrenada (sofrenar + -ada)  
481. Soldada (soldar + -ada)  
482. Soltada (soltar + -ada)  
483. Sovelada (sovelar + -ada)  
484. Subordinada (subordinar + -ada)  
485. Talhada (talhar + -ada)  
486. Tambotilada (tamborilar + -ada)  
487. Tapada (tapar + -ada)  
488. Telefonada (telefonar + -ada)  
489. Temperada (temperar + -ada)  
490. Testada (testar + -ada)  
491. Tingujada (tinguijar + -ada)  
492. Tirada (tirar + -ada)  
493. Tironeada (tironear + -ada)  
494. Toada (toar + -ada)  
495. Tocada (tocar + -ada)  
496. Tolerada (tolerar + -ada)  
497. Tomada (tomar + -ada)  
498. Tombada (tombar + -ada)  
499. Topada (topar + -ada)  
500. Tornada (tornar + -ada)  
501. Torrada (torrar + -ada)  
502. Trabucada (trabucar + -ada)  
503. Tragada (tragar + -ada)  
504. Tralhada (tralhar + -ada)  
505. Trambolhada (trambolhar + -ada)  
506. Trampolinada (trampolinar + -ada)  
507. Trancada (trancar + -ada)  
508. Transviada (transviar + -ada)  
509. Trapeada (trapear + -ada)  
510. Traquinada (traquinar + -ada)  
511. Tratada (tratar + -ada)  
512. Travada (travar + -ada)  
513. Trepada (trepar + -ada)  
514. Trilhada (trilhar + -ada)  
515. Trincada (trincar + -ada)  
516. Troada (troar + -ada)  
517. Trombada (trombar + -ada)  
518. Trompada (trompar + -ada)  
519. Tropeada (tropear + -ada)  
520. Tropicada (tropicar + -ada)  
521. Trotada (trocar + -ada)  
522. Troteada (trotear + -ada)  
523. Trovoada (trovoar + -ada)  
524. Trufada (trufar + -ada)  
525. Tungada (tungar + -ada)  
526. Uivada (uivar + -ada)  
527. Vacilada (vacilar + -ada)  
528. Vaquejada (vaquejar + -ada)  
529. Velada (velar + -ada)  
530. Vergalhada (vergalhar + -ada)  
531. Vergastada (vergastar + -ada)  
532. Vessada (vessar + -ada)  
533. Viajada (viajar + -ada)  
534. Vidrada (vidrar + -ada)  
535. Vincada (vincar + -ada)  
536. Violada (violar + -ada)  
537. Virada (virar + -ada)  
538. Visada (visar + -ada)  
539. Volteada (voltar + -ada)  
540. Vozeada (vozear + -ada)  
541. Zabumbada (zabumbar + -ada)  
542. Zimbrada (zimbrar + -ada)  
543. Zoadada (zoar + -ada)  
544. Zurrada (zurrar + -ada)

### 3. FORMAÇÕES VERNACULARES E EMPRÉSTIMOS COM A TERMINAÇÃO -ADA NÃO SUFIXAL

FORMAÇÕES VERNACULARES	EMPRÉSTIMOS
1. Abada (m.q. rinoceronte) ~ bada	1. Abadá (Ior. <i>agbada</i> )

2. Abóbada (a+*boveda*, port. antigo)
3. Acari-espada (tipo de peixe)
4. Água-emendada (m.q. nascente)
5. Água-furtada (rel. arquitetura)
6. Alcarrada (rel. aves)
7. Almarada (m.q. punhal)
8. Ariramba-pintada (tipo de ave)
9. Arraia-pintada
10. Arrecada (tipo de joia)
11. Autoestrada
12. Avenca-estrelada (tipo de planta)
13. Azulão-de-cabeça-encarnada (tipo de ave)
14. Bainha-de-espada (tipo de árvore)
15. Balata-rosada (tipo de árvore)
16. Banana-rajada (tipo de fruto)
17. Barata-descascada (m.q. esbranquiçado)
18. Barra-pesada (m.q. difícil)
19. Beira-estrada (m.q. margem)
20. Bem-te-vi-de-cabeça-rajada (tipo de ave)
21. Biquadada (rel. matemática)
22. Biru-listrada (tipo de serpente)
23. Bolacha-quebrada (m.q. bagatela)
24. Bomba-granada (m.q. artefato explosivo)
25. Borboleta-listrada (tipo de peixe)
26. Borboleta-namorada (tipo de peixe)
27. Borralhara-pintada (tipo de ave)
28. Cabacinha-riscada (m.q. abóbora)
29. Cabeça-encarnada (tipo de ave)
30. Cabeça-inchada (m.q. dor de cotovelo)
31. Cabeça-raspada (m.q. padre católico)
32. Cacaborrada (m.q. asneira)
33. Cacau-de-nova-granada (m.q. capuaçu)
34. Camaçada (m.q. surra)
35. Canela-rajada (tipo de árvore)
36. Canelinha-rajada (tipo de árvore)
37. Capilossada (m.q. empreendimento de risco)
38. Capim-martelada (tipo de planta)
39. Cara-chupada (m.q. pessoa magra)
40. Cara-fechada (tipo de pão)
41. Cara-inchada (tipo de doença equídea)
42. Cara-quebrada (tipo de pão)
43. Cara-raiada (tipo de símio)
44. Carne-assada (m.q. barbada)
45. Carne-quebrada (m.q. depauperamento físico)
46. Carrapicho-da-calçada (tipo de planta)
47. Cáscara-sagrada (tipo de árvore)
48. Cascudo-espada (tipo de peixe)
49. Cavala-pintada (tipo de peixe)
50. Chanchada (m.q. espetáculo popularesco)
51. Chapeirada (m.q. caldeirada)
52. Chatada (m.q. repreensão)
53. Cipó-escada (tipo de planta)
54. Cobra-espada (tipo de serpente)
55. Coleira-virada (tipo de ave)
56. Contraemboscada
57. Conversa-fiada (m.q. papo-furado)
58. Empressada (tipo de doce)
59. Entuviada (m.q. embarço)
60. Espanta-boiada (tipo de ave)
61. Estrupada (m.q. gentalha)

2. Acolada (Fra. *accolade*)
3. Advogada (Lat. *advocātus, i*)
4. Aguilhada (Lat. *aculeāta*)
5. Alâmpada (Lat. *lampada, ae*)
6. Albarrada (Árb. *al* + Lat. *parata*) ~ abarrada.
7. Albarrada (Árb. *al-barrádâ*)
8. Alidada (Árb. *al-Hidád*)
9. Almofada (Árb. *al-muhaddâ*)
10. Anspeçada (Fr. *anspessade*)
11. Arcada (Ita. *arcata*)
12. Balada (Provç. *ballada*)
13. Bastonada (Fra. *bastonnade*)
14. Camarada (Fra. *camarade*)
15. Canada (Esp. *cañada*)
16. Capada (Fra. *capade*)
17. Capelada (Esp. *capellada*)
18. Carenada (Lat.Cien. *carinatae*)
19. Carnada (Esp. *carnada*)
20. Caronada (Fra. *caronade*)
21. Cenrada (Lat. *cinerata*)
22. Charada (Fra. *charade*)
23. Consoanda (Lat. *consóláta*)
24. Corpeada (Esp. *cuerpeada*)
25. Cunhada (Lat. *cognáta,ae*)
26. Década (Lat. *decas,àdis* < Gre. *dekás,ádos*)
27. Díada (Gre. *duás,ádos*)
28. Dragonada (Fra. *dragonnade*)
29. Driada (Gre. *druás,ádos*)
30. Eguada (Esp. *yeguada*)
31. Empada (Esp. *empanada*)
32. Empanada (Esp. *empanada*)
33. Enxada (Lat. *ascia,ae*)
34. Enxoadada (Esp. *ajuagas*)
35. Escada (Lat. *scaláta*)
36. Escalada (Ita. *scalata*)
37. Espada (Lat. *spatha,ae* > Gre. *spáthé,es*)
38. Esplanada (Fra. *esplanade*)
39. Estrada (Lat. *strata*)
40. Estrapada (Ita. *strapatta*)
41. Fachada (Ita. *facciata*)
42. Fada (Lat. *fata, ae*)
43. Geada (Lat. *geláta*)
44. Gônada (Lat.Cien. *gonade*)
45. Hamadríada (Lat. *hamadr̥pas,àdis* < *hamadryàdes,um* > Gre. *hamadruás,ádos*)
46. Hebdômoda (Gre. *hebdomás,ádos*)
47. Ilíada (Gre. *ilíada*)
48. Intifada (Árb. *intifada*)
49. Jangada (Malai. *HanggáDam*)
50. Jumada (Árb. *djumáda*)
51. Labiada (Lat.Cien. *labiatae*)
52. Lada (Lat. *lāda,ae*)
53. Lâmpada (Lat. *lampada,ae* > Gre. *lampás, ádos*)
54. Lanada (Lat. *lānata,ae*)
55. Lapalissada (Fra. *lapalissade*)
56. Leptosporangiada (Lat.Cient. *Leptosporangiatae*)
57. Marinada (Fra. *marinade*)
58. Mascarada (Ita. *mascherata*)
59. Mesnada (Lat. *mansionāta*)
60. Miríada (Gre. *muriás,ádos*)

62. Farinha-queimada (tipo de dança)  
63. Fatia-dourada (m.q. rabanada)  
64. Folha-dourada (tipo de árvore)  
65. Folha-furada (tipo de planta)  
66. Folha-prateada (tipo de árvore)  
67. Formiga-aguilhoada (tipo de inseto)  
68. Fritangada (m.q. fritalhada)  
69. Galinha-arrepiada (tipo de fruto)  
70. Íbis-sagrada (tipo de ave)  
71. Impuada (m.q. choupana)  
72. Iva-moscada (tipo de planta)  
73. Jararaca-pintada (tipo de serpente)  
74. Jarrinha-pintada (tipo de planta)  
75. Jasmim-da-beirada (tipo de planta)  
76. Lagarta-rosada (tipo de inseto)  
77. Lambada (m.q. batida)  
78. Lamborada (m.q. lambada)  
79. Mal-assada (m.q. fritada)  
80. Manada (m.q. boiada, rebanho)  
81. Mão-fechada (m.q. sovina, avarento)  
82. Mão-furada (m.q. perdulário)  
83. Mão-pelada (m.q. guaxinim)  
84. Massagada (m.q. mistura de coisas diversas)  
85. Meia-entrada (rel. ingresso)  
86. Meia-morada (m.q. casa térrea)  
87. Mexerufada (m.q. lavagem, confusão)  
88. Mexonada (m.q. movimento irregular de coisas desordenadas)  
89. Mico-leão-de-cara-dourada (tipo de símio)  
90. Micropolegada (rel. sistema de medidas)  
91. Milfurada (tipo de planta)  
92. Minjoada (tipo de rede de pesca)  
93. Mirim-pintada (tipo de inseto)  
94. Mixomônada (m.q. mixoflagelado)  
95. Monocamada (rel. célula ou molécula)  
96. Moréia-pintada (tipo de peixe)  
97. Mosca-rajada (tipo de inseto)  
98. Moura-encantada (rel. mitologia moura)  
99. Moxinifada (m.q. miscelânea)  
100. Nonada (m.q. não+nada)  
101. Nós-moscada (tipo de árvore)  
102. Onça-pintada (tipo de felino)  
103. Paraolimpíada (m.q. jogos paraolímpicos)  
104. Parelha-trocada (tipo de dança)  
105. Parlapassada (m.q. combinação)  
106. Pátria-amada (m.q. patrioteiro)  
107. Pau-de-chapada (tipo de árvore)  
108. Pau-de-jangada (tipo de árvore)  
109. Pá-virada (rel. atitude)  
110. Peixe-de-enxurrada (tipo de peixe)  
111. Peixe-espada (tipo de peixe)  
112. Perna-lavada (tipo de ave)  
113. Pimenta-pintada (tipo de planta)  
114. Pipira-encantada (tipo de ave)  
115. Polca-mancada (tipo de dança)  
116. Políada (rel. matemática)  
117. Pornochanchada (m.q. subgênero de filmes popularesco)  
118. Porta-espada  
119. Raia-pintada (tipo de arraia)

61. Mônada (Lat. *monas, àdis* < Gre. *monás, ádos*)  
62. Muchachada (Esp. *muchachada*)  
63. Muletada (Esp. *muletada*)  
64. Nada (Lat. Tard. *nata*)  
65. Náiada (Gre. *naiás, ádos*)  
66. Nogada (Lat. *\*núcáta* > *nux, cis*) 'nogueira'  
67. Nômada (Lat. *nomas, àdis* > Gre. *nomás, ádos*)  
68. Olada (Esp. *olada*)  
69. Olimpíada (Gre. *olympías, adis*)  
70. Pada (Lat. *\*panáta* > *pánis, is*)  
71. Pada (Cing. *padinavá*)  
72. Pada (Lat. Cien. *padda*)  
73. Pavesada (Ita. *pavesata*)  
74. Pechada (Esp. *pechada*)  
75. Pegada (Lat. *\*pedicáta* > *pes, pedis*)  
76. Piverada (Lat. *piperáta*)  
77. Plêiada (Gre. *pleiás, ádos*)  
78. Polegada (Lat. *\*pollicata* > *pollex, icis*)  
79. Pomada (Ita. *pomata*)  
80. Quilíada (Gre. *khiliás, ádos*)  
81. Rágada (Gre. *rhagás, ádos*)  
82. Remolada (Fra. *remoulade*)  
83. Rodamontada (Fra. *rodomontade*)  
84. Salada (Fra. *salade*)  
85. Sofrenada (Esp. *sofrenada*)  
86. Tablada (Lat. *tabulāta*)  
87. Temporada (Lat. *tempus, óris*)  
88. Terevada (Hin. *theraváda*)  
89. Tétrada (Gre. *tétrás, ádos*)  
90. Tríada (Gre. *trias, ádos*)  
91. Xarada (Hin. *xarada*)  
92. Zaragalhada (Esp. *zaragalla*)

- |  |  |
|--|--|
| <p>120. Relargada (m.q. nova largada)<br/>121. Seña-ocelada (tipo de ave)<br/>122. Sardinha-dourada (tipo de peixe)<br/>123. Sarrafascada (m.q. tumulto, rolo)<br/>124. Serenada (m.q. serenata)<br/>125. Sojoada (m.q. soja+feijoada)<br/>126. Talagada (m.q. gole)<br/>127. Tapicuru-de-cara-pelada (tipo de ave)<br/>128. Tramolhada (m.q. terra molhada)<br/>129. Tudo-nada (m.q. quase nada)<br/>130. Venta-furada (m.q. valentão)<br/>131. Venta-rasgada (m.q. valentão)<br/>132. Zamborrada (m.q. pancada de chuva)</p> |  |
|--|--|